

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



A CONFIANÇA COMO BASE SEGURA  
PARA A  
FELICIDADE

Vera Lúcia de Sousa Amaral

Nº 12609

Dissertação orientada por Prof. Dr. Nuno Torres

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Aplicada  
Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

A CONFIANÇA COMO BASE SEGURA  
PARA A  
FELICIDADE

Vera Lúcia de Sousa Amaral

Nº 12609

Dissertação orientada por Prof. Dr. Nuno Torres

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Aplicada  
Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Nuno Torres, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## Agradecimentos

Às Universidades Seniores pela disponibilidade e simpatia em abraçarem este estudo.

Aos participantes pela disponibilidade, afecto em partilharem a sua história de vida, pelas reflexões, pelas confidências e por mostrarem-me que existe sempre uma possibilidade apesar de todas as adversidades de sermos felizes.

Aos Professores Dr. Orlando Santos e Dra. Manuela Veríssimo, pela disponibilidade demonstrada e pelo material facultado.

Ao professor Dr. Nuno Torres, pela orientação, perseverança, exigência e rigor, e paciência em todos os momentos de reflexão.

Aos meus professores pela partilha, pela reflexão e pelos ensinamentos do verdadeiro valor de ser psicóloga.

Aos meus colegas de turma pelos cinco anos fabulosos que me proporcionaram, e pela amizade de todos os momentos.

As minhas colegas e amigas de fim de curso Ana Revez, Vanessa Cardoso pelo carinho nos meus devaneios pessoais.

Aos meus grandes amigos Vânia Costa, Mariza Toledo, Teresa Rocha, Cátia Geraldês, Teresa Ribeiro, Tiago Paiva, José Godinho, Paula Silva pela amizade e carinho ao longo dos últimos anos.

À minha família, meu irmão António, cunhada Andrea e sobrinho André pelo carinho e os doces abraços.

Aos meus Pais, pela paciência de todas as horas, pelos infindáveis debates e reflexões, pelas brincadeiras, sorrisos e risos. Por estarem sempre lá com o coração cheio de amor...

Porque sem vocês não teria sido tão divertido ter chegado até aqui...

Obrigado!

## Resumo

O objectivo do presente estudo exploratório é compreender como a resolução do dilema confiança versus desconfiança, da teoria psicossocial, pode despoletar a falha básica e conseqüentemente afectar a vinculação da diade e tríade. Analisando os modelos operantes internos, que servem de base para todas as relações afectivas e sociais, entendendo a sua influencia na resolução dos dilemas psicossociais ao longo de um ciclo de vida. Para operacionalizar este estudo, aplicou-se o método da entrevista semi-directiva de história vida, o inventário estado-traço de ansiedade, o script de base segura e "o que é a felicidade?" a dez indivíduos, de quatro universidades seniores, cinco pessoas do género feminino e cinco do género masculino. Analisando a sua história de como foram ultrapassando as adversidades de uma vida, enfrentando os medos e conquistando a sua felicidade.

Palavras-chave: confiança; vinculação; falha básica; modelos operantes internos, base segura

## Abstract

The purpose of this exploratory study is to understand how the resolution of the dilemma - trust versus mistrust, from psychosocial theory, can trigger the basic failure and thus affect the linking of the diade and triad. Analyzing the internal working models, which serve as the basis for all the emotional and social relationships, understanding their influence in solving the dilemmas psychosocial over a lifetime. To operationalize this study was applied the method of semi-directive interview history of life, the inventory of state-trait anxiety - STAI, the secure base script and "what is happiness?" to ten persons from four senior universities, five females and five males. Looking at the history of how they were overcoming the adversities of life, addressing the fears and conquering your happiness.

Keywords: confidence; attachment; basic fault, internal working models, secure base

## Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	
Estudos de Harlow	4
Vinculação	4
Separação, angústia e situação estranha	5
Relações de Objecto e Amor Primário	7
MOI – Modelos Operantes Internos	7
Transmissão e Perturbação Intergeracional	8
As oito idades do Humano	
I Estádio	9
II Estádio	10
III Estádio	12
IV Estádio	13
V Estádio	14
VI Estádio	16
VII Estádio	17
VIII Estádio	18

Ansiedade	19
Medo	20
Felicidade	21
Metodologia	22
Amostra	23
Caracterização das UTI's	24
Participantes	24
Instrumentos	
O que é a Felicidade?	25
STAI - Inventário Estado-Traço de Ansiedade	25
Script de Base Segura	26
História de Vida	27
Procedimento	29
Análise de conteúdo	32
Apresentação e Análise dos Resultados	
STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade	42
Script de Base Segura	44

Correlação dos Script de Base Segura e STAI	45
Entrevista semi-directiva	47
O que é a Felicidade?	66
Análise qualitativa dos resultados	67
Conclusões	74
Referências Bibliográficas	47
Anexos	
Anexos A – Gráficos de análise dos dados obtidos	86
Anexos B – Projecto Entregue nas Universidades Seniores	91
Anexos C – Instrumentos	
Anexo C.1 – STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade	103
Anexo C.2 – Script de Base Segura	109
Anexo C.3 – O que é a Felicidade?	115
Anexo C.4 – Guião da entrevista semi-directiva	120
Anexo D – Tabela de Resultados	124

## Introdução

*“As nossas dúvidas são traidoras e fazem-nos perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.” William Shakespeare*

O nascimento de um ser humano, origina o desenrolar de um desenvolvimento que só irá terminar com a sua morte. Ao longo desse processo, o ser humano passará por diferentes fases que permitirá o seu amadurecimento enquanto pessoa. O seu nascimento num determinado contexto social irá estimular o surgimento das relações primárias, que de uma forma geral ocorrem com os seus pais, assumindo um conjunto de comportamentos designados por caregiving (Bowlby, 1988), que influencia a tríade (Mãe – Filho - Pai).

A nossa maneira de ver o mundo, de agir nele, de nos relacionarmos com os outros, e nos desenvolvermos terá como base a forma como foi construída a primeira relação, a tríade, permitindo a construção de uma base que servirá de ponto de partida para todas as relações vindouras.

No nosso desenvolvimento enquanto humanos, acabamos por passar uma série de etapas essenciais ao nosso crescimento, passando de uma extrema dependência para uma autonomia, da infância, adolescência, idade adulta jovem, a idade adulta, e a maturidade, tendo sempre em conta os laços afectivos que nos acompanharam durante esse percurso.

No desenrolar do nosso caminho, vamos realizando diversas questões no sentido de compreendermos o mundo que nos rodeia, e a importância de determinados factores como a felicidade na nossa vida.

Qual a relevância no mundo de hoje da felicidade que perseguimos todos os dias da nossa existência, sendo que, na maioria das vezes é o medo que nos faz recuar, por receio de fracassar, e em muitas vezes, inconscientemente, por receio de triunfar nas metas que nos propomos atingir (Gil, 2004).

Como podemos ansiar a felicidade? E como podemos ter medo dela?

Inquietação que acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização, que constituem a eterna procura do significado da vida, e por sua vez da felicidade que

perseguimos, usando os sonhos, os objectivos como meio de atingi-la, contudo o receio de vive-la acompanha-nos a cada passo.

*“E que a força do medo que tenho, não me impeça de ver o que anseio.”* Fernando Pessoa

A compreensão do medo enquanto entrave à felicidade, conduzem à história pessoal de cada indivíduo, com especial atenção ao desenvolvimento enquanto pessoa, desde o seu nascimento até ao momento presente. Em que o acumular de experiências modela as suas tomadas de decisões, resultado das suas prioridades e as consequências destas.

Partindo do pressuposto de que os fenómenos correspondentes à falha básica de Balint (1968), podem estar na origem do medo que se vai manifestando-se ao longo do nosso desenvolvimento enquanto indivíduos, pretendo reflectir da forma como estas, podem afectar posteriormente a vinculação (Bowlby, 1962) que cada um realiza com as figuras de referencia da sua infância, e como esta influência a maneira de cada um resolver os diferentes dilemas dos oito estádios da teoria Psicossocial de Erikson (1966). Realizando desta forma, um estudo exploratório com a recolha de histórias de vida de 10 indivíduos, usando como meio de recolha, entrevistas semi-directivas, que focalizem as resoluções dos dilemas de cada estádio da teoria psicossocial de Erikson (1966), como também a percepção pessoal de cada individuo da vinculação que teve, podendo desta forma demonstrar se sentiram ou não “o brilho no olhar dos pais” (Coimbra de Matos, 1982), e consequentemente o investimento destes na vida do individuo.

O presente trabalho divide-se em três partes, em que a primeira designada por Enquadramento Teórico apresenta as noções de falha básica de Balint (1968), a vinculação de Bowlby e Ainsworth (1962), as várias perspectivas do desenvolvimento humano com particular incidência na teoria psicossocial de Erikson (1966), bem como a explicação dos conceitos de felicidade e medo nas concepções dinâmicas, fazendo uma revisão de literatura dos trabalhos realizados nas diferentes vertentes.

A segunda parte incide na caracterização do objectivo e da metodologia utilizada em cada uma das sessões com os indivíduos que participaram no estudo, recorrendo a diferentes instrumentos aplicados como a entrevista semi-directiva de recolha da história de vida de cada individuo, a STAI – Inventário Estado Traço de Ansiedade de Spielberger (1970), as narrativas de vinculação de Waters (2006), a resposta a

pergunta “O que é a felicidade”. Seguindo-se a análise de todo o material recolhido, recorrendo a análise de conteúdo das entrevistas e da pergunta o que é a felicidade. Permitindo desta forma relacionar os distintos pontos da concepção teórica do estudo. A terceira parte consiste na apresentação dos resultados obtidos em cada um dos instrumentos e a sua inter relação, realizando-se a discussão dos mesmos. Na quarta parte apresenta-se as conclusões retiradas pelos resultados obtidos neste estudo exploratório.

## Enquadramento Teórico

“Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida.” Sérgio Godinho

O desenvolvimento humano inicia-se com o nascimento, onde o bebé começa por desenvolver laços afectivos e de vinculação aos seus cuidadores, designado em inglês por *bond* (Holmes, 1995), onde tanto o contacto físico como o psicológico com a mãe e o pai, acaba por se revelar estritamente importante em virtude de criar a ponte de comunicação com o mundo.

### Estudos de Harlow

Os estudos de Harlow (1962, citado por Cole, 2005) com os macacos Rhesus apontam para essas conclusões, onde se verificam comportamentos vinculativos, em que o bebé procura o contacto com a mãe não só como fonte de alimento, como também fonte de afecto. Os seus estudos demonstravam que quando as crias eram retiradas precocemente das mães e criadas isoladamente, demonstravam mais dificuldades na relação com os pares. Já nas situações em que eram privadas do contacto materno, mas mantinham um contacto com o seu grupo social, permitia o desenvolvimento de comportamentos vinculativos com os diversos membros do seu grupo. Destes estudos verificou-se a incidência das dificuldades no seu desenvolvimento social num período de seis a doze meses.

### Vinculação

Nesta linha de estudo, segue Bowlby (1958) referindo que os comportamentos entre a diade (Mãe-bebé), resultam de comportamentos inatos à espécie humana. Sendo eles: sugar – agarrar – seguir – chorar – sorrir, definindo desta forma o comportamento de vinculação. Este rol de comportamentos, activam uma proximidade (Ainsworth, 1989), da mãe ao seu bebé. A relação de vinculação vai-se construindo progressivamente com um grupo de indivíduos estáveis. Contudo, destaca-se uma figura privilegiada (Holmes, 1995) com qual o bebé interage com maior frequência, que na sua maioria é a mãe (Ainsworth, 1989).

Esta relação privilegiada origina sentimentos de segurança no bebê, uma vez que este desperta na mãe um conjunto de comportamentos parentais, tanto físicos como afectivos, designados em inglês por caregiving (Bowlby, 1988), assumindo-se nos comportamentos de aproximação, chamar, abraçar, segurar, seguir, consolar e embalar (Solomon e George, 1996). Segundo estes autores, para que os pais possam prover protecção aos filhos, é importante que o tenham sido enquanto crianças.

Activando desta forma a sensação de base segura (exploração mais livre na presença da figura vinculativa), o comportamento de refúgio (retorno em direcção à figura de vinculação, quando se sente ameaçado) no bebê (Ainsworth, 1989).

Desta forma a relação de vinculação constrói-se passo a passo com o desenvolvimento do indivíduo, apresentando-se em três fases, sendo a primeira dos zero aos dois meses, reconhecida por período indiscriminado, uma vez que o bebê não estabelece nenhuma relação vinculativa. A segunda ocorre dos dois meses aos sete meses, onde se verifica já o reconhecimento das figuras como se revela o medo a estranhos, e a última desenvolve-se entre os sete e nove meses, onde se inicia a vinculação (Bowlby, 1969).

### **Separação, angústia e situação estranha**

Nesta perspectiva, Bowlby (1969), verifica um dos aspectos mais importantes nesta relação que é a separação e a ausência prolongada da figura vinculativa, e as consequências deste acontecimento na vida do indivíduo.

A validação empírica desta concepção teórica é realizada por Ainsworth (1978), construindo para o efeito uma experiência laboratorial, que consistia em sete episódios, cada um deles com três minutos, envolvendo encontros e desencontros, com crianças (com mais de 12 meses) e as suas mães.

Num primeiro momento, a mãe e o bebê entram numa sala, ambientam-se a sala; seguindo-se a entrada de uma figura estranha num segundo momento, que interage com a mãe e o bebê; a mãe ausenta-se ficando o bebê e o estranho num terceiro momento; entra a mãe num quarto momento; saindo o estranho num quinto momento; entretanto sai a mãe num sexto momento, deixando a criança sozinha. No último momento a mãe retorna à sala reencontrando a criança.

Na situação estranha de Ainsworth (1978), verificaram-se diferentes reacções dos bebés em relação à ausência da mãe e a presença do estranho, sendo registados comportamentos como a procura de proximidade e de contacto, da manutenção do mesmo, da resistência ao contacto, do evitamento, da interacção à distancia e da procura da pessoa desaparecida.

As diferentes relações que Ainsworth (1978) verificou incidiram na apresentação por parte das crianças de comportamentos seguros, que apresentavam comportamentos de exploração do espaço, como também nos reencontros com a mãe acabam por recebe-las com prazer. As crianças que apresentaram comportamentos inseguros, divergiam entre si, uma vez que havia dois padrões diferentes de comportamentos, tendo sido designados por inseguro – evitante manifestando pouco afecto, como não demonstravam afectados pela separação, evitavam também aproximações e contactos tanto com a mãe como com a figura estranha, ou por inseguros – ambivalentes ou resistente acabavam por manifestaram-se aflitos aquando a separação das mães como tinham pouco interesse em explorar o ambiente, e não realizava contacto a figura estranha, alternando os comportamentos entre a procura de contacto ou rejeição encolerizada (Ainsworth, 1978). No seguimento desta categorização, Main (1985) acaba por apresentar uma outra que seria associado identificada como inseguro – desorganizado ou desorientado, que manifestam comportamentos desorganizados que por sua vez são interrompidos por comportamentos bizarros, acabando por apresentar respostas contraditórias em relação a presença da mãe (havendo referencia que para este tipo de vinculação ocorrer, pode ser indicio de maus tratos infantis (Cortina e Marrone, 2003).

A noção de separação proposta por Ainsworth (1978) fundamentou-se nos estudos de Bowlby (1960), onde é referida a ansiedade despoletada pela separação, e consequentemente a angústia desse acontecimento, que afectam a relação da diade (Mãe-bebé). Bowlby (1960) reflectiu sobre as reacções que as crianças têm aquando a separação das suas mães, que se assume em 3 fases distintas: sendo uma *fase de protesto* pelo facto de estar a ser separado da mãe, acabando por apresentar comportamentos na ordem do chorar, agitação, tentativa de seguir os pais, chamar por eles (com incidência na hora de dormir), após de 2/3 dias de separação, as manifestações abrandam. Passando desta forma para a *fase de desespero*, em que a criança recusa-se a alimentar-se, a vestir-se, acabando por ficar inerte a todos os a que rodeiam, assumindo um estado de luto. A última fase acaba por se apresentar na

*desvinculação*, onde já não recusa a presença de terceiros, aceitando os seus cuidados. Quando vê a mãe já não a reconhece como tal, acabando por gritar e chorar como se fosse um estranho.

## **Relações de Objecto e Amor Primário**

Esta noção de vinculação remete-nos para as diferentes concepções da relação de objecto que se define como um laço inter-humano, entre o indivíduo e as pessoas amadas ou odiadas que fazem parte da sua vida.

A relação de objecto mais estudada acaba por ser a diade (Mãe-bebé), onde diferentes autores acabam por dar ênfase a dupla referência à realidade psíquica e a realidade externa, contudo alguns autores como Lamb e Lewis (2003) já referem a importância do papel paterno no desenvolvimento humano.

O conceito de holding de Winnicott (1969, citado por Symington, 1999; Marcelli, 2005) que segue esta concepção das relações de objecto apresenta-se como externo ou estando num passo de interior e exterior, sendo sensorial e positivo e promotor de crescimento.

Nesta concepção também surge o conceito de amor primário de Balint (1952), definindo-se como ser amado sem necessidade de qualquer obrigação em dar algo de retorno, ocorrendo na diade (Mãe-bebé). Esta interacção permitirá a construção da confiança do bebé na mãe, quando esta função materna está em falta ocorre então a falha básica (Balint, 1968) dos cuidados parentais ao bebé. Abrangendo tanto as necessidades biológicas como também as psicológicas, como o carinho, atenção que ocorrem em estádios muito precoces do desenvolvimento humano.

## **MOI – Modelos Operantes Internos**

As representações que vamos construindo ao longo da vida correspondem sempre as interacções que temos com os outros. Iniciando-se precocemente esse processo, uma vez que desenvolve modelos de relação, que servem de base para a compreensão e interpretação do comportamento dos que lhe são próximos.

Esta concepção de Craick (1943, citado in Miljkovitch, 2004) - o modelo operante interno - foi adaptado por Bowlby (1969) que consistia na elaboração de um modelo de si que corresponderia a uma imagem de si como sendo merecedor de ser amado ou não, e um modelo do outro que remeteria para a sua percepção dos outros sobre a atenção e sensibilidade as suas necessidades.

O desenvolvimento de um MOI, consiste em dois momentos, sendo que “o primeiro modelo ajusta-se as interações vividas de forma a constituir-se, já o segundo passa pela assimilação ao modelo existente, ainda que a correspondência possa ser imperfeita” (Miljkovitch, 2004).

Após a elaboração de um MOI pela criança, se o mesmo for formado numa interação negativa (como maus tratos infligidos a criança), ao ser mudado para uma interação positiva, há uma necessidade de actualiza-lo, em virtude do modelo inicial estar corrompido e condicionando a percepção das novas interações.

Segundo Bowlby (1958), a organização defensiva do indivíduo selecciona as integrações de determinadas representações que se revelem incomodas para o seu sistema de vinculação, tornando-se resistente a sua mudança.

### **Transmissão e Perturbação Intergeracional**

Este fenómeno consiste na ideia de que as primeiras relações de alguns indivíduos afectaram a elaboração de modelos operantes internos – MOI, que mais tarde serviram para regular as suas relações com as crianças, respondendo assertivamente as solicitações destas. Acabando por repetir com a criança, situações já vivenciadas por si. Recorrendo a um exemplo, pode-se verificar que em situações em que as crianças sofrem maus-tratos, quando forem pais acabam por replicar esses maus-tratos nos seus filhos, uma vez que mantêm o mesmo modelo de referência de interação de um adulto com uma criança. Levando ao filho a confrontar com os mesmos afectos e situações que o seu progenitor vivenciou.

Segundo estudos dos autores Hesse e Main (1999), é verificado que os comportamentos desorganizados poderiam ser consequência não só de abusos ou maus-tratos, como também ser um efeito de segunda geração, com origem nas formas

mais subtis da mediação e regulação comportamental dos pais, em estados em que a criança se encontrava assustada.

Estes autores (Hesse & Main, 1999), referem também que em consequência dessa situação podem ter origem fantasias e medos, que podem estar associados a comportamento desorganizado na infância. Os pais que não resolvam as suas experiências de trauma e medo acabaram por não regular devidamente os comportamentos com os filhos, e conseqüentemente afectar a vinculação entre a diade (pai-filho ou mãe-filho), ou seja, os progenitores podem não repetir com os seus filhos, as vivências da sua infância, contudo os efeitos dessas experiências acabam por envolver riscos para o surgimento da psicopatologia. É referido em alguns estudos, que durante os primeiros dois anos a ocorrência de uma desorganização num dos progenitores, possa posteriormente revelar a presença de indícios no desenvolvimento da criança.

Nestas situações é necessário a revisão do MOI – Modelo Operante Interno – de forma a facultar no progenitor respostas assertivas em diferentes interacções, permitindo posteriormente uma regulação adequada à criança.

### **As oito idades do Humano**

A importância das primeiras relações na vida do indivíduo é estudada por diferentes autores, nomeadamente por Erikson que desenvolveu uma concepção sobre o desenvolvimento humano (1966), que na sua percepção ocorre entre o nascimento e a morte.

Apresenta oito estádios diferentes em que cada um representa um dilema para resolver, assumindo uma polaridade dicotómica, induzindo pela interacção entre as exigências da sociedade e as características pessoais do indivíduo. Cada período da resolução dos dilemas é também um período de aprendizagens e crescimento psicológico.

## I Estádio: confiança versus desconfiança

As oito idades do homem segundo Erikson (1966) iniciam-se com o primeiro estágio, que se desenvolve aos zero meses terminando por volta dos 12 meses, que apresenta como dilema a confiança versus desconfiança.

A primeira demonstração social realizada pelo indivíduo corresponde a confiança que o mesmo deposita na mãe, resultante da relação privilegiada entre os dois. Esta confiança não se associa exclusivamente às “*quantidades absolutas de alimento ou nas demonstrações de amor, mas antes da qualidade da relação materna*” (Erikson, 1978).

Na perspectiva freudiana, este período designa-se por oral, onde a boca é a zona erógena. A relação que o bebê estabelece é consigo mesmo, uma vez que não investe em nenhum objecto, considerando-se narcisismo primário.

A mãe neste ponto é prolongamento do bebê, sendo fonte de prazer através do seu seio, ou seja, um objecto parcial que cria o início da cisão da relação anaclítica (bebê – seio materno), para dar o princípio da relação de objecto, que Freud (1905) refere como modalidades fantasmáticas da relação do indivíduo com o mundo exterior, que vai perceber a sua escolha de objectos.

Enquanto Freud coloca no primeiro estágio unicamente o indivíduo (uma vez que a mãe é um prolongamento de si), Balint e Bowlby diferem apresentando a inter relação entre a mãe e o bebê, e da importância do amor primário (sem obrigação) que a mãe dá ao bebê, despertando nesta o caregiving, ou seja, prestação de cuidados, e conseqüentemente o desenvolvimento da vinculação entre os dois (Bowlby, 1968; Balint, 1968).

Retomando o conceito de confiança de Erikson, o mesmo refere que quando as mães criam nos seus filhos um sentimento de confiança, este permitirá que se desenvolva um sentimento de identidade, indo mais tarde ao encontro de um sentimento de ser aceitável pelos parceiros sociais.

Erikson refere também que nesta altura haverá a necessidade da atribuição de um significado por parte dos cuidados, a todas as suas acções de forma a ser integrado essas experiências por parte do bebê, mesmo que sejam de forma somática.

Quando o dilema é resolvido pela desconfiança, é assumido a internalização da dor em vez do prazer, gerando uma cisão na relação da diade (Mãe-bebé) e da tríade (Mãe-Pai-Bebé), afectando a sua percepção de pertencer ou assumir qualquer identidade, tendo consequências na qualidade da relação que estabelece com a mãe, que se pode verificar no próximo estágio.

## **II Estádio: autonomia versus vergonha**

Segundo Erikson, do primeiro ao terceiro ano de idade, assume-se o dilema que coloca em oposição a autonomia à vergonha e dúvida, num período de experiências ocorrem duas modalidades sociais, agarrar e soltar. Gerando expectativas, que definem atitudes hostis ou favoráveis.

Mediante o conceito de agarrar, podem apresentar-se dois pólos, um significando “*retenção ou repressão destrutiva e cruel*” ou um significado de “*ter e conservar*”. Da mesma forma que a função soltar se desenvolve em dois extremos que consiste numa liberdade hostil de forças destrutivas ou então num deixar passar, deixar acontecer.

A concepção psicosexual (Freud, 1905) neste período assume como zona erógena o ânus, onde é colocado numa dupla função, onde surge o prazer de controlar a retenção e a expulsão das fezes.

Contudo este controle gera sentimentos ambivalentes e conseqüentemente conflitos por colocar em oposição o prazer erótico da retenção, submissão e passividade ao prazer agressivo do controlo, domínio e possessão, sobre a relação de objecto que se assume nas matérias fecais.

Esta percepção de um estágio de desenvolvimento coloca novamente o indivíduo numa relação com ele próprio, opondo-se a concepção da situação estranha de Ainsworth (1978), que aponta para a compreensão da qualidade da relação na diade (Mãe-bebé). Estas relações apontam no caminho de que uma vinculação segura permite a criança exploração do espaço, enquanto as vinculações inseguras fragilizam o indivíduo na ausência da mãe e presença do elemento estranho, sendo um motor para a angústia.

Retomando a concepção de Erikson, segundo este a autonomia bem gerida pelo “*seu ambiente encoraja a parar sobre os seus próprios pés*”, permitindo desta forma a experiência gradual e orientada da livre escolha, construindo “*um sentimento de auto*

*controle sem perda de auto estima, resultando um sentimento constante de boa vontade” (Erikson, 1966).*

Quando o dilema se resolve pela vergonha e pela dúvida, denuncia uma situação de exposição, sentindo-se o sujeito observado fixamente no caso da vergonha, colocando-se numa situação de desprotecção no caso da dúvida. Ajudando desta forma a edificar um sentimento de perda de auto controle e controle excessivo do exterior (Erikson, 1966), como foco destabilizador do individuo. Estando na sua origem, a falha básica se encontra presente em vinculações inseguras, que condicionam o desenvolvimento de uma autonomia no indivíduo.

### **III Estádio: iniciativa versus culpa**

Neste estágio, do terceiro ao quinto ou sexto ano de idade, o dilema psicossocial que se manifesta coloca em contraposição a iniciativa e a culpa. Inicia-se um período de manifestações estimulantes para a criança permitindo-a ser mais autêntica, mais arguta no seu raciocínio resultado da sua maturação neurológica. No prosseguimento desta fase o surgimento da iniciativa, gera um espírito empreendedor e criativo que facilitará a sua interacção com os outros, e sentindo prazer nessa nova fase.

Já na concepção do desenvolvimento segundo Freud, a fonte de pulsão desloca-se para os órgãos genitais, nomeadamente o pénis, tanto no masculino como no feminino. Considerado como um órgão de potência e objecto de poder, contudo a fantasia da sua ausência por castração (no masculino) ou inexistência (no feminino) gera angústia na criança, e como forma de ultrapassá-la e proteger a tomada de consciência dessa situação, a criança recorre a sua negação da ansiedade de castração.

Nesta fase surge o complexo de Édipo que se baseia na identificação da criança (masculina) ao progenitor do mesmo género, elaborando uma representação do pai, colocando a criança numa situação ambivalente, em virtude de o sentir como objecto de amor mas também como um rival, uma vez que durante este período os desejos são incestuosos porque incidem no objecto materno, ou seja, uma relação proibida. No caso feminino o complexo de Édipo é considerado na inveja que a menina sente do menino por não possuir um pénis, desviando assim o desejo pelo objecto sexual materno para o objecto sexual paterno. Desta forma as figuras rivais envolvem

sentimentos ambivalentes, pelo facto de serem concorrentes no amor dos objectos de desejo, como também serem alvo de um sentimento de culpa da criança, em ter desejado a sua morte.

Retomando a teoria Psicossocial (Erikson, 1966), o surgimento da culpa por sentir prazer na sua capacidade de iniciativa, activa desta forma mecanismos que apontam para uma contenção na energia. Nesta fase a rivalidade fraterna é activada em virtude da criança se sentir insegura em relação a atenção da mãe, e desta forma entrar em competição por uma posição privilegiada com a figura materna, onde o fracasso habitual conduz a uma resignação, ao sentimento de culpa e a ansiedade (Erikson, 1966).

Comparando os dois autores Erikson e Freud, podemos verificar que ambos falam da culpa durante este período, contudo os rivais são diferentes, enquanto Freud coloca como rival o pai ou mãe, dependendo do género, já Erikson coloca o opositor como o irmão mais novo ou mais velho.

Erikson (1966) também elabora sobre a sexualidade infantil deste estágio, referindo que o tabu do incesto, o complexo de castração e o superego unem-se para iniciar uma cisão entre a criança e os pais, de forma a iniciar o processo onde o infante se irá tornar num progenitor. Prevenindo sobre a importância da auto-regulação da criança, que usa modelos representativos dos pais para se organizar e desenvolver o seu Superego, contudo Erikson (1966) refere que em alguns casos pode ser desenvolvido um superego primitivo, cruel e inflexível, estando na origem de um ódio a figura parental que lhe serviu como modelo, mas que no entanto transgride em situações que a criança já não se permite transgredir.

Na reflexão sobre este dilema é importante salvaguardar a resolução do mesmo pela capacidade de iniciativa, em virtude de ser um instrumento útil ao longo do seu ciclo de vida, no sentido de ultrapassar obstáculos, ao resolver-se pela culpa a sua capacidade de se reinventar estará afectada influenciando a postura ao longo da vida, e estando na origem das psicopatologias diversas (Erikson, 1966).

#### **IV Estádio: indústria versus inferioridade**

Este estágio apresenta o dilema indústria versus inferioridade, no período da entrada na escola na sua amplitude, onde são apresentadas uma série de aprendizagens sistemáticas e essenciais para o desenvolvimento da criança, sendo transversal a todas as culturas. O sujeito compreende que pode ser valorizado por aquilo que aprende com adultos que corresponde ao manuseamento dos utensílios, das ferramentas que diferem de cultura para cultura, mas tornando-se capazes de produzir novos objectos, com esse conhecimento, que no seu desenvolvimento se vai especializando em conformidade com a realidade social existente na sua cultura. Contudo a inferioridade pode surgir, fruto de um resultado que consiste na inadequação dos seus instrumentos, utensílios ou mesmo o seu estatuto no grupo onde participa, originando uma falha na identificação com os seus pares.

Na teoria do desenvolvimento segundo Freud (1905), inicia-se o período de latência, onde o complexo de Édipo começa a desvanecer, *“marcado pela renúncia progressiva à posse do objecto libidinal sob a pressão da angústia de castração no rapaz e do medo de perder a mãe na rapariga”* (Marcelli, 2005). Havendo uma deslocação identitária e uma sublimação, reconduzindo a energia libidinal para outros objectos de satisfação, nomeadamente a socialização com os pares.

Prosseguindo para o dilema do quarto estágio, que na perspectiva de Erikson (1966) é etapa mais importante socialmente, em virtude de, no desenvolvimento a criança recorrer ao uso das suas novas capacidades, implicando o trabalho com os pares, sendo referido pelos autores Park e Waters (1989), que uma vinculação segura também se reflectia nas relações entre os pares, descrevendo-os por harmoniosos, mais responsáveis como menos conflituosos e felizes do que os pares que se revelam inseguros, influenciando assim a elaboração da representação mental sobre a divisão do trabalho e da oportunidade diferencial, ou seja, o “ethos” tecnológico de uma cultura (Erikson, 1966).

Contudo a elaboração por via da inferioridade colocará o indivíduo numa situação de isolamento, em virtude de duvidar da sua capacidade de trabalho, acabando por mais tarde considerar o trabalho como uma obrigação, tornando-se num escravo conformista e desconsiderado pela posse da sua tecnologia (Erikson, 1966).

## V Estádio

O quinto estágio na teoria psicossocial (Erikson, 1966), vai corresponder a adolescência que se inicia por volta dos 12 anos terminando cerca dos 19 anos de idade. Durante esta fase o corpo irá crescer significativamente, com um acréscimo que se traduz na maturidade sexual. Neste momento, os jovens preocupam-se com “*o que aparentam aos olhos dos outros comparando com o que sentem que são*” (Erikson, 1966), associando os anteriores papéis e aquisições com a nova realidade, sempre numa procura de continuidade e coerência, “*instituído ídolos e ideais duradouros como guardiões de uma identidade final*” (Erikson, 1966).

A identificação do ego acaba por ser fruto de um conjunto de integrações de identificações acumuladas ao longo da infância, mas agora tendo também em conta as vicissitudes da libido. O sentimento que advém da identidade do ego consiste na segurança acumulada de experiências vivenciadas (Erikson, 1966).

Enquanto esta fase se desenrola na ligação aos grupos de referência identitária, é realizado um distanciamento das figuras de vinculação iniciais, e conseqüente transformação da relação com os pais. Dando espaço para a manifestação de novas relações vinculativas, emergindo cuidados parentais (caregiving) que se associam com as novas relações, estando na base da consciência de que se poderá tornar também uma figura vinculativa como os pais (Atger, 2004).

À luz da concepção da vinculação, o adolescente acaba por se autonomizar dos pais, contudo é verificado que numa vinculação segura auxilia o adolescente na capacidade de autonomização dos pais (Atger, 2004).

As transformações das vinculações operam-se com a capacidade do raciocínio lógico e abstracto, permitindo pensar do que já foi vivido enquanto relação parental como também elaborar sobre novas relações, podendo de alguma forma manifestarem-se em revolta resultado da consciencialização das falhas parentais num dado momento, como também pode permitir uma maior maleabilidade na avaliação das suas relações parentais. As características de uma organização segura da vinculação na adolescência e no jovem adulto passa pela abertura, objectividade e maleabilidade da avaliação das suas relações vinculativas (Main, 1991, citando in Atger, 2004).

Neste âmbito, Bowlby (1968) dava importância a vinculação e a exploração, como forma prognóstica do que viria a ocorrer na adolescência, tendo em conta que a

exploração nos estádios precedentes era sempre realizada sobre o olhar atento dos pais, também nesta fase a exploração do meio é praticada com a consciência de que os pais se encontram sempre disponíveis para quando surgir a necessidade deles (Allen e al. 1998, citado in Atger, 2004).

Este período acaba por transformar a concepção de vinculação que o adolescente tem, influenciando a interacção com os pares no intuito de obter novas relações vinculativas, particularmente relações amorosas. Suscitando afectos intensos, intimidade física e psicológica. Sendo necessário realçar que as relações primárias com os pais vai modelar as relações amorosas actuais (Atger, 2004). O amor na adolescência segundo Erikson (1966) corresponderá a *“uma tentativa de chegar a uma definição da sua identidade, projectando a própria imagem difusa do ego em outra pessoa, para assim, vê-la reflectida e gradualmente definida”*, resumindo-se o amor à conversa entre o casal de namorados.

Recuperando o dilema identidade versus confusão de identidade, a reflexão baseia-se no facto de que a confusão da identidade de um adolescente pode resultar do fruto de uma vinculação insegura, que demonstra-se em comportamentos desviantes, confusão da sua identidade sexual, como também a dificuldade em encontrarem uma identidade ocupacional, acabando por conduzir num caminho de perda identitária em prol do grupo, e dos heróis emergentes, activando o espírito de clã, e dessa forma excluir todos os que possam ser diferentes.

Erikson (1966) refere como outros autores posteriores, sinais característicos como forma de pertencer a determinado grupo, nomeadamente a forma de vestir, comportamentos entre outros, tornando-se intolerantes a outras formas de estar e ser. Activando mecanismos de protecção da sua identidade com o recurso a lealdade inter grupo.

Contudo a construção da identidade do adolescente que mais tarde se tornará num adulto, envolve a adopção de um sistema ideológico que se manterá como sistema de valores que o ajudará nas fases seguintes.

## **VI Estádio: intimidade versus isolamento**

O presente estágio que abrange a fase do jovem adulto é abordada por Erikson (1966), como um período em que o jovem emerge da procura de uma identidade e procura em fundir a sua identidade com terceiros. Estando já preparado para uma intimidade, ou seja, sentindo segurança em estabelecer filiações e associações consistentes e desenvolver a noção de fidelidade nessas relações e nos seus efeitos, nomeadamente sacrifícios e compromissos significativos. Na perspectiva de Erikson (1966) o ego e o corpo actuam em conjunto tendo em conta a natureza orgânica como os conflitos nucleares, de forma a encarar o receio da perda do ego em situações que conduzem a um auto-abandono, como cooperação nas relações íntimas, nos orgasmos e uniões sexuais, na amizade íntima. É também referido que afastamento destas experiências por temor à perda do ego acarreta a sensação de isolamento e distanciamento.

Outros autores, nomeadamente Levinson (1978, citado in Scruggs, 2008) constrói um modelo de desenvolvimento, assumindo quatro estações. A fase “Início da vida adulta” que ocorre dos 22 anos aos 45 anos, corresponderia ao VI estágio de Erikson (1966). Esta fase é caracterizada em duas etapas em que a primeira (22-28 anos) se define como energética, devendo-se ao facto de os jovens saírem de casa, constituírem a sua própria família, explorando e estruturando a sua vida, tendo também em conta os resultados indirectos dessas mudanças nomeadamente o stress e as contradições inerentes a essa evolução. A segunda etapa (29-45 anos) consiste em assegurar o progresso no trabalho, ganhar o respeito dos outros. Contudo um dos aspectos que Levinson (1978, citado in Cunha, 2005) refere durante esta estação corresponde ao “sonho” que revela-se como o motor de idealização, pelo qual o indivíduo se projecta no futuro. Conferindo energia, entusiasmo para por em prática a realização dos seus objectivos, podendo ser alterados mas mantendo a congruência de base. Outro dos aspectos importantes nesta concepção é a presença de um “mentor” que serve como modelo para o indivíduo, contudo também interage, orienta de forma a ajudar o indivíduo a implementar o seu sonho na vida adulta.

No caso do sexto dilema de Erikson (1966), o reverso da intimidade, o isolamento portanto, leva a evitação de contactos íntimos, rejeitando as ligações afectivas simbólicas como também vivência na plenitude da sua genitalidade.

## **VII Estádio: generatividade versus estagnação**

O presente estágio decorre entre os 36 anos aos 65 anos de idade, apresentando o dilema da generatividade versus a estagnação. Erikson (1966) reflecte sobre a importância da geração madura sentir que necessitam dela como forma de orientação para o futuro das gerações mais jovens.

A noção de generatividade segundo Erikson (1966), corresponderá a preocupação de guiar e apoiar as gerações futuras, como também uma etapa essencial do desenvolvimento psicossocial como do psicossocial. Contudo a referência a inversão do processo conduzirá a noção de estagnação que corresponderá ao sentimento de infertilidade pessoal pela incapacidade de transmitir ao outro mais novo, os seus ensinamentos bem como orientação.

Alguns dos exemplos referenciados por Erikson (1966), mencionam que o facto de alguns indivíduos terem filhos não significa automaticamente que realizem a generatividade, remetendo para as vivências da primeira infância em que deveria ter desenvolvido a base segura (Ainsworth, 1978).

Na concepção de Levinson (1978, citado in Scruggs, 2008) esta estação corresponderá a decisões cruciais que são realizadas e a estruturação com base nessas resoluções, havendo um período de reflexão que consistirá na realização de questões como "*O que fiz com a minha vida?*" ou "*O que é que eu realmente dou e recebo dos outros?*" a si próprio. Activando nesta fase o seu papel enquanto "mentor" da linhagem subsequente.

Na concepção psicossocial, a importância deste estágio é realçada mediante a transmissão de conhecimentos a geração seguinte, assegurando o sucesso desta.

## **VIII Estádio: integração versus desespero**

O oitavo e último estágio apresenta como dilema a capacidade de integração das vivências ao longo de um ciclo de vida, opondo-se ao desespero pelo aproximar do fim.

O conceito da integração segundo Erikson baseia-se na integridade do ego, ou seja, “a capacidade de defender o seu estilo de vida contra todas as ameaças físicas e económicas” (Erikson, 1966), aceitando e integrando o que foi vivendo ao longo da sua história de vida, convertendo a sua experiência em sabedoria, conduzindo ao património pessoal, como também social.

Contudo alguns autores como Baltes e Smith (2003, citado in Fonseca, 2005) discordam desta visão positiva de Erikson, referindo que os indivíduos com idades superiores a 65 anos, que se encontram na quarta idade, segundo a concepção de desenvolvimento de Baltes (1983), apresentam diversas dificuldades nomeadamente a sua autonomia física e conseqüentemente psicológica, a acentuada vulnerabilidade corporal, provocando sentimentos de incompletude frustrante sentida de forma mais acentuada com o avançar da idade.

Ao retomar a concepção psicossocial podemos referir que efectivamente o avançar da idade coloca cada indivíduo num processo introspectivo sobre o que foi a sua vida, quando surge o desespero, é como consequência de que o tempo já é relativamente pouco, no sentido de começar outra vida e optar por vias alternativas que levem a uma integridade. Acabando por revelar nesta fase um descontentamento referente a sua história de vida. Para Erikson (1966), a integridade do ego implicará na aceitação do que viveu e conseqüentemente na sua responsabilidade por esse ciclo.

A necessidade da explicação por autores tão distintos, do que é o desenvolvimento ao longo do ciclo de uma vida, levou alguns investigadores a reflectirem e estudarem as diferentes fases do desenvolvimento humano, sendo claro que os primeiros anos de vida são fundamentais e previdentes do que irá ocorrer nas seguintes fases da vida de um individuo, tendo em conta as relações primárias (com os pais) que estabelece que serviram como modelo para todas as outras.

Havendo necessidade de referir que a desconfiança (Erikson, 1966) activará a falhar básica (Balint, 1968), e conseqüentemente afectará a vinculação com os pais (Bowlby, 1968), tendo implicação nos traços da personalidade nomeadamente na ansiedade traço aliada ao medo que condicionará a perspectivação da felicidade ao longo da sua história.

## **Ansiedade**

A ansiedade é um estado emocional em que a pessoa se “*sente tenso, atemorizado, alarmado de forma desagradável, na expectativa de que qualquer coisa desagradável e indefinida lhe vai acontecer*” (Teixeira, 2005). Acabando por vivenciar experiências de apreensão associadas a insegurança e ao medo.

Segundo Freud (1926 citado in Crespo, 2005), que considerou a ansiedade de uma perspectiva funcional, ela assume duas formas, uma ansiedade objectiva, em que o sujeito percebe um perigo real, activando o sistema nervoso autónomo para fugir, evitar ou confrontar com o perigo. A outra ansiedade é a neurótica, em que também é assinalado um perigo, contudo não é de todo real, estando a sua origem nas pulsões recalçadas, em consequência de uma satisfação ser punida, relacionando-se dessa forma a um determinado comportamento ser punido por alguém, recorrendo a técnicas para diminuir o mal-estar como o recalçamento de memórias do acontecimento.

Contudo é necessário ter-se em conta que a emoção da ansiedade neurótica é evidentemente elevada, como se de um perigo real se tratasse.

Segundo Crespo (2005), a ansiedade pode ser vista de duas perspectivas distintas como estado ou como traço. No caso do estado relaciona-se com a presença de sintomas ansiosos num dado momento, já na outra vertente, o traço se verifica na interacção do indivíduo com o ambiente com um grau excessivo de tensão, ou seja, é manifestada de forma flutuante contudo em determinados acontecimentos mais tensos é despoletado o elevado nível de ansiedade como forma de resposta.

Regra geral, a manifestação da ansiedade traço pode ver-se em indivíduos tensos, expectante, inseguro, nervoso, angustiado com a sensação de que algo de mal vai acontecer. Assumindo uma postura de confronto ou evitação.

## **Medo**

O medo é uma emoção súbita e acentuada, despoletada por uma determinada percepção, correlacionando-se com sintomas somáticos, consistindo numa resposta efémera. É activado após a vivência de uma elevada ansiedade de um determinado indivíduo, como forma de traduzir a emoção que se vive em determinado momento, distinguindo-se em dois momentos, o medo da situação em que confronta a ameaça a

perda de controlo, e o medo em que reage passivamente a perda de controlo, resignando-se (Richelle, 2001)

No seguimento desta linha de estudo, o autor Atkinson (1957) refere que os indivíduos em determinadas situações assumem uma abordagem que assume motivação, expectativa e incentivo para lutar por aquilo que pretende, quando confrontados com essa possibilidade, obtendo dessa forma sucesso. O medo neste sentido de falhar levará a indivíduos a evitar determinadas situações que o coloquem nessa situação. Neste âmbito um indivíduo se tenha envolvido em situações que originalmente não obteve o sucesso pretendido, tenderá a assumir comportamentos de evitamento.

Retomando o tema da vinculação, uma criança que tenha uma vinculação insegura tenderá a apresentar níveis de ansiedade altos, e consecutivamente apresentar com maior frequência emoções primárias como o medo, que conduzirá a imobilidade e desta forma a situações de resignação adquirida (Atkinson, 1957)

Nesta concepção Bowlby (1984), refere que o medo acaba por se manifestar em consequência de "*falhas de comunicação com a base*", ou seja, reflexo de uma vinculação insegura. Mediante a presença de uma figura securizante, a intensidade do medo é menor.

A situação estranha de Ainsworth (1978) apresentar uma figura estranha à qual a criança manifesta incómodo, e conseqüentemente manifesta medo por estar perante uma pessoa com qual não tem qualquer relação de vinculação. É verificado também nesta experiência, já referenciada neste estudo, o medo de estar sozinho.

Segundo Bowlby (1984) ficar sozinho faz de todos nós covardes, contudo a presença de companheiros, permite-nos mostrar alguma coragem em determinadas situações, ou seja, arranjar técnicas para minimizar o medo sentido.

## **Felicidade**

Segundo os autores King e Hicks (2007) a felicidade resulta de um conjunto de factores nomeadamente de uma maturação ao longo do desenvolvimento individual, ou seja, o crescimento é encarado como uma oportunidade de mudança mediante as diferentes experiências vivenciadas.

Em cada nova etapa do ciclo de vida existem sempre duas valências, uma direccionada para o sucesso, bem-estar, e outra que acarreta dificuldades e obstáculos. O facto de cada etapa ser trabalhada por objectivos, facilitando o despoletar do potencial êxito é equilibrado com a noção de um possível fracasso e desilusão. Contudo a regulação destas duas vertentes permite do desenvolvimento da flexibilidade necessária a cada indivíduo para perseguir os seus objectivos, tendo em conta o seu próprio limite. Por vezes o abandonar de um determinado desafio é significado de perda do investimento já realizado nesse propósito, conduzindo a consciencialização da necessidade da mudança (King & Hicks, 2007).

Os mesmos autores referem a mudança como uma oportunidade para a maturação do ego e conseqüentemente o amadurecimento do indivíduo, referindo a concepção do desenvolvimento de Block (1982, citado in King & Hicks, 2007) que apresenta os conceitos piagetianos de assimilação, que permitirá ao indivíduo possuir um conjunto de significados no intuito de dar estrutura às novas experiências, e de acomodação que traduzirá na modificação das estruturas já existentes e formação de novas estruturas.

*“Quando a assimilação falha, a pessoa pode mudar o self para acomodar a nova experiência.”* (King & Hicks, 2007). O processo de acomodação tem sido visto como um mecanismo de base para as mudanças no ego ao longo de um ciclo de vida, permitindo a integração de novas experiências que ajudaram a maturação da compreensão individual.

Verifica-se uma associação entre o bem-estar e a idade, fruto da integração das diferentes experiências de vida, associando a busca do prazer (hedonismo) à vivência dos valores pessoais (eudaimonia) ao longo dessa procura da felicidade. (King & Hicks, 2007). A necessidade da perseguição de determinadas metas, permite o desenvolvimento da humildade, resiliência como também a coragem em etapas em que ocorreram perdas significativas. Levando nestes momentos a uma releitura do passado, dando um novo significado (King & Hicks, 2007).

Concluindo a felicidade surge quando é atribuído um significado a todos os desafios que vão surgindo, sendo caracterizada por um bem-estar pessoal e por uma vontade de disputar por algo superior a existência actual.

A teoria psicossocial de Erikson (1966) baseia-se na concepção de que o desenvolvimento ocorre durante toda a vida, dividindo-se em oito estádios, tendo em cada um deles um dilema (conflito) para resolver, envolvendo em cada polaridade uma dimensão negativa ou positiva, sendo induzido pela interacção entre as exigências da sociedade e as características pessoais do indivíduo. Estes dilemas tem como plano de fundo a relação que estabelece com a figura materna e o desenvolvimento dos sentimentos de confiança ou desconfiança (medo e suspeita) na relação que a criança irá ter com terceiros, sendo o primeiro estádio da teoria psicossocial de Erikson (1966) representado pelo dilema psicossocial se centra na resolução da crise entre a confiança e a desconfiança.

### **Objectivos do Estudo**

Este trabalho visa compreender como a esta relação de confiança ou desconfiança com as figuras vinculativas, e a falha básica nesta relação de amor primário, despoletaram ou não o medo na resolução dos dilemas psicossociais ao longo da vida dos sujeitos, e como influenciaram o seu caminho na procura da felicidade.

Pretende-se explorar em que pontos, as falhas básicas poderão influenciar a vinculação de cada indivíduo, e a ansiedade e medo dos indivíduos, e desta forma afectar a resolução positiva dos dilemas psicossociais ao longo da vida.

## **Metodologia**

A investigação realizada neste estudo aborda diferentes vertentes de compreensão do ser humano, tendo em conta o estabelecimento da confiança versus desconfiança do indivíduo nos seus cuidadores, permitindo o aparecimento da falha básica (Balint, 1968) e o surgimento da vinculação (Bowlby, 1962) ocorrendo a resolução dos dilemas ao longo do desenvolvimento humano, com base na teoria psicossocial (Erikson, 1966). No intuito de se compreender como estas concepções teóricas se poderiam conjugar afim de explicar o surgimento do medo e a busca da felicidade ao longo da nossa vida.

Este estudo exploratório tem uma dupla abordagem qualitativa e quantitativa, e consistiu na aplicação 1) do Inventário Estado-Traço de Ansiedade (Spielberger, 1994), 2) seguindo-se da resposta a pergunta “*O que é a Felicidade?*”, 3) numa terceira fase a construção de Narrativas de Base Segura (Waters & Waters, 2006), e por último 4) a recolha da história de vida do entrevistado, recolhendo ao método de uma entrevista semi-directiva (Atkinson, 1998) construída para esse efeito.

### **Abordagem qualitativa**

O método usado na recolha de histórias de vida consistiu numa perspectiva qualitativa que têm como base o aprofundamento do conhecimento das temáticas atrás referidas, não sendo relevante o número de indivíduos que possam vir a participar, mas sim a singularidade do material que nos possam facultar (Pais, 2001). Permitindo ir ao encontro do indivíduo, através da sua vida por si relatada, possibilitando o seu auto conhecimento, como o sentido da sua vida recorrendo-se a diversos processos de reflexão sobre distintos acontecimentos, eventos, experiências como também os sentimentos que daí adviriam enquanto partilha oralmente a sua história de vida (Atkinson, 2002).

### **Abordagem quantitativa**

A abordagem quantitativa correlacional testou a associação estatística entre a ansiedade (traço e estado) avaliada pelo teste STAI, e a qualidade da script da vinculação avaliada pelas Narrativas de Base Segura.

## Amostra

A amostra foi constituída por conveniência. O grupo em estudo foi formada por um grupo de 10 indivíduos, cinco do género feminino e cinco do género masculino, que se encontravam com idade superior a 55 anos, encontrando-se dois indivíduos do género feminino no sétimo estágio (dilema generatividade versus estagnação) e os restantes oito no oitavo e ultimo estágio de desenvolvimento da teoria psicossocial (Erikson, 1966), estando numa fase de integridade versus desespero, onde cada indivíduo tem a capacidade para realizar o seu balanço de vida de forma a integrar ou não as diferentes vivências pessoais.

Os contactos com os diferentes indivíduos que fizeram parte da amostra foram realizados através de contactos com pessoas que tinham proximidade com indivíduos que tinham mais de 55 anos, e posteriormente com os responsáveis das diferentes instituições contactadas, sendo elas as seguintes universidades da terceira idade:

- Universidade de Almeirim
- Universidade do Seixal
- Universidade de Sintra
- Universidade de Setúbal

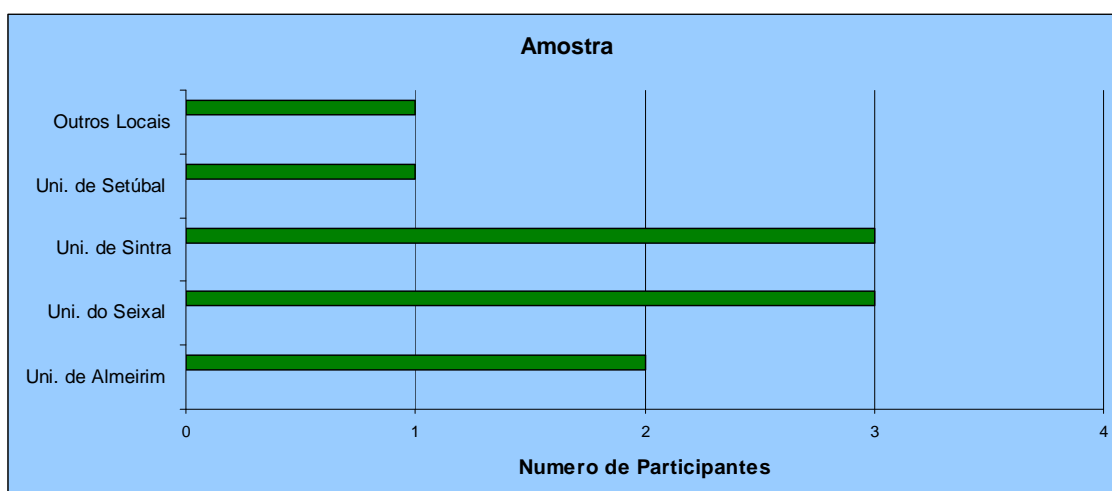


Figura 1 – Caracterização da amostra por instituições.

No Figura 1 verifica-se a distribuição dos participantes por cada Universidade da Terceira Idade. Nas Universidades da Terceira Idade de Sintra e Seixal participaram no estudo três participantes, cada uma, tendo seguindo-se a Universidade de Almeirim com dois participantes, e por ultimo a Universidade de Setúbal com um participante. A definição de outro local prende-se com contacto com o último participante através de terceiros.

### **Caracterização das Universidades da Terceira Idade ou Seniores – UTI's**

Este movimento chegou a Portugal em 1978, tendo sido alargado a todo o território nacional, tendo particular incidência na zona litoral (Velo, 2000), tendo o seu número aumentando significativamente nos últimos cinco anos.

Em Portugal, o modelo seguido é o inglês, sendo criadas as UTIs no seio de organizações sem fins lucrativos, sendo os professores voluntários e não garantindo certificação. Estas instituições visam promover a saúde e a cidadania do idoso, difundindo conceitos e experiências práticas que têm como base uma acção interdisciplinar. Desta forma, visa-se a inserção do idoso como membro activo da sociedade (Veras & Caldas, 2004).

Alguns dados relevantes a nível nacional sobre os seus alunos correspondem a uma frequência maioritariamente feminina, com idade situada entre os 60-70 anos, com graus de instrução variável, entre o primeiro ciclo e o doutoramento.

### **Participantes**

Os indivíduos que participaram neste estudo exploratório foram seleccionados mediante a sua disponibilidade pessoal em contar a sua história de vida.

A média de idades difere entre o género feminino com uma média de 69 anos de idade, e o género masculino com uma média de idades de 73,2 anos de idade. O estado civil caracteriza-se por oito participantes “Casado(a)” e dois participantes “Viúvo(a)”.

## Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo visam abordar a história de vida em diferentes perspectivas, nomeadamente na compreensão da ansiedade no decorrer do percurso pessoal, da concepção da felicidade individual, e entender as relações vinculativas dos diferentes indivíduos.

### Instrumentos quantitativos

#### STAI

O Inventário Estado-Traço de Ansiedade, da autoria de Spielberger, Gorsuch e Lushene, começou a ser construído na década de sessenta, com o intuito de se dispor de uma medida do tipo relato pessoal, breve e dotado de garantia, para avaliar o estado e o traço da ansiedade nos adultos, tendo como medida o estado e o traço da ansiedade.

Numa primeira fase foram seleccionados diferentes itens que estabelecem uma correlação com as já existentes escalas de ansiedade, nomeadamente de Taylor e Welch, e de Cattell e Scheir. Contudo estas escalas analisavam o traço ansiogénico, sendo necessário a estipulação de novos itens que pudessem analisar o estado de ansiedade (Spielberger, 1972).

Desta forma, foi apurado um conjunto de 40 itens em duas escalas distintas, sendo constituído por 20 itens cada uma das escalas.

Segundo Spielberger, *o estado de ansiedade define-se como um corte transversal temporal na corrente emocional da vida de uma pessoa, e que consiste em sentimentos subjectivos de tensão, apreensão, nervosismo e preocupação, e activação do sistema autónomo*. O traço de ansiedade é definido nas diferenças individuais relativamente estáveis quanto a propensão para a ansiedade, isto é diferenças inter – individuais na tendência para percepcionar situações stressantes como perigosas ou ameaçadoras e na inclinação para reagir a tais situações com elevações mais frequentes e intensas do estado de ansiedade (Spielberger, 1994 cit. por Santos & Silva, 1998).

A compreensão dos dados obtidos aquando a sua auto – aplicação, permite a diferenciação da ansiedade e a sua relação com a avaliação de ameaça. Permitindo desta forma ao clínico a sua identificação, e posterior delineamento do programa terapêutico com o objectivo de trabalhar a ansiedade tanto no seu estado, mas principalmente no seu traço.

A aferição portuguesa desta prova foi realizada em 1998 por Santos & Campos, em diferentes grupos etários sendo apresentados diferenças entre homens e mulheres, e entre adolescentes e adultos.

### **Script de Base Segura**

O desenvolvimento da entrevista de vinculação para adultos (Main, 1999) permitiu estudar a vinculação na fase adulta, contudo devido a sua complexa análise e o seu elevado custo, necessitou-se criar alternativas ao estudo desta temática. Desta forma os autores Waters e Waters (2006), criaram um instrumento ao qual designaram Narrativas de Base Segura.

Este instrumento caracteriza-se por estudar o script de base segura que tem a sua base nos MOI – Modelo Operante Interno de Craik (1943) adaptado por Bowlby (1969), no sentido de explicar a criação das representações que as crianças vão criando, fruto das suas interações com os outros, e numa situação privilegiada com a figura materna. Com base nestas relações a criança vai criando modelos ao longo do desenvolvimento, permitindo criar um modelo de si – enquanto ser merecedor de ser amado – e dos outros – na sua percepção se os outros estão atentos ou não às suas necessidades (Miljkovitch, 2002). Durante o desenvolvimento destes modelos vai criando também um script sobre as relações, ou seja, o script de base segura, que corresponderá na prática compreender como mãe ou parceiro ajuda o indivíduo (a personagem principal da história) a lidar com a angústia e regressar a normalidade.

O instrumento é caracterizado por conter seis pranchas, cada uma com 12 palavras, agrupadas em grupos de 4 palavras, distribuídas por 3 colunas.

As pranchas encontram-se divididas em três grupos de actividades familiares e conseqüente interações, sendo o primeiro designado por interação adulto-criança (A manhã do bebe; No consultório do Médico), o segundo denomina-se por interações adulto-adulto (O Acampamento da Joana e do Pedro; O acidente da Susana) e por

último as interações em actividades familiares, de carácter neutro (O passeio no parque; Uma tarde nas compras).

Após a apresentação de cada uma das pranchas, o indivíduo é convidado a elaborar uma narrativa contendo essas palavras. Dessa elaboração é analisado a estrutura da história e atribuído um valor que se distribui desde um a sete pontos, em que se define como vinculação insegura narrativas com valores compreendidos entre um e três, e na situação inversa – vinculação segura – os valores situarem-se entre quatro e sete.

A aferição portuguesa desta prova foi realizada em 2005 por Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. em 58 diade mães-bebés, com idades compreendidas entre 26 e 42 anos no caso materno, a idade das crianças variou entre os três e trinta meses.

## **Instrumentos qualitativos**

### **História de Vida**

A história de vida é um método etnográfico de recolha de dados relativos à narrativa pessoal de cada indivíduo. A relevância de ser estabelecido uma relação de empatia e confiança entre o entrevistado e o entrevistador, recorrendo a uma abordagem naturalista e construtivista, permite a recolha do percurso de vida do individuo nas distintas vertentes, nomeadamente a psicológica, a pessoal, a social, a laboral, entre outras, ao longo do seu ciclo de vida (Atkinson, 2002)

Segundo Atkinson (2002), cada história de vida é única e digna sendo detentora de elementos comuns e distintos a outras vivências da existência humana. Sendo a essência do que aconteceu a pessoa, desde o momento do seu nascimento até ao actual.

A história de vida pode conter formas factuais, metafóricas, poéticas, e outras dimensões criativas, desde o momento, em que o método se torne confortável para o indivíduo que partilha a narração da sua vida (Atkinson, 2002).

A narração da história de vida obedece sempre a uma ordem e um significado para quem conta e para quem ouve, sendo uma forma de compreender o passado e o presente e um modo de deixar um legado para o futuro. Este método dá uma oportunidade de se ver como determinado indivíduo experiência e compreende a sua vida ao longo do tempo (Atkinson, 2002).

A forma da recolha da história de vida mais adequada ao estudo realizado incide na entrevista semi-directiva, entre os diferentes métodos, designadamente as entrevistas não directivas e os questionários.

Este método permite uma grande flexibilidade, permitindo ao entrevistado se possa organizar pela sua estrutura, sendo guiado pelo entrevistador em determinados pontos de referencia para determinado estudo.

No presente estudo, recorreu-se a construção de um guião de entrevista (Anexo C.4) para o efeito, abrangendo as diferentes temáticas de uma vida humana, com particular incidência para as relações afectivas do indivíduo com os diferentes intervenientes da sua vida (Poirier, 1995).

O guião é realizado como um orientador nos diferentes aspectos, tendo em conta o nascimento e a família de origem, a cultura e as suas tradições, factores sociais, educação, trabalho, episódios da sua vida, eventos históricos, a espiritualidade, e por último o amor. Nas entrevistas deste método, são realizadas perguntas que permitem reflectir sobre o que já foi vivido, permitindo integrar ou não as experiências dessa vida, dando por último espaço ao entrevistado para uma visão sobre o seu futuro como permitir que possa acrescentar alguma informação valiosa na sua percepção pessoal, à sua história de vida (Atkinson, 2002).

Na aplicação deste método etnoFigura é essencial recorrer a alguns directrizes no sentido de tirar o melhor proveito da partilha de uma história de vida. Inicialmente é importante explicar a natureza e o objectivo do estudo, sublinhando a confidencialidade e solicitando a permissão para gravar a entrevista, assegurando ao participante que o conteúdo será unicamente trabalhado pelo entrevistador (Legard et al, 2003, citado em Torres, 2008).

Segundo Atkinson (2002), a entrevista não é uma conversação, será necessário ser-se informal e solto, dando espaço ao entrevistado para falar, enquanto o entrevistador

ouve atentamente a narrativa. Uma das melhores técnicas é mostrar-se realmente interessado no que o entrevistado está a contar, mostrando-se flexível ao conteúdo revelado como também a importância de escutar activamente a história revelada (Atkinson, 2002).

Durante este processo irão despoletar-se emoções, podendo revelar-se alguma vergonha, sentimentos de perda e ansiedade em contar determinadas vivências pessoais, havendo momentos de silêncio, que sua vez são importantes para uma reflexão do entrevistador sobre a forma de conduzir a entrevista evitando que seja intrusiva para o individuo (Atkinson, 2002).

No final da entrevista, agradecer a disponibilidade em partilhar a sua história, permitindo ao entrevistador tornar-se testemunha de uma vida.

Os aspectos técnicos da entrevista cingem-se com a escolha do gravador de áudio, essencial para recolha da narrativa, sendo necessário ter-se em conta a fiabilidade do aparelho (Poirier, 1995), como também disponibilizar-se de acessórios fundamentais como as pilhas recarregáveis e as cassetes de áudio em número apropriado para cada entrevista, para auxiliar a devida recolha das narrativas.

### **Pergunta aberta “O que é a Felicidade?”**

Segundo Abdel-Khalek (2006), as diferentes escalas e questionários, da felicidade, abordam vários itens tendo em conta o método Likert de cinco ou sete pontos, assumindo as suas propriedades psicométricas. Contudo esta forma de analisar a felicidade não possui a sensibilidade essencial para as características, vivências e experiências pessoais que moldam a noção de felicidade de cada um. Segundo Veenhoven (1995, cit. por Abdel-Khalek, 2006), uma escala de um só item não só é válida como também é viável, permitindo também a compreensão da concepção da felicidade nas diferentes culturas, em virtude de perguntar a cada participante qual é sua concepção de felicidade.

A escala de um só item que é apresentada por Veenhoven (1995, cit. por Abdel-Khalek, 2006) resume a pergunta “O que é a Felicidade?”.

## Procedimento

Inicialmente foi elaborado um projecto de investigação (Anexo B), contendo já o guião da entrevista (Anexo C.4) e uma carta de consentimento informado, no intuito de ser entregue em diferentes instituições.

Após ser realizado uma prospecção na faixa etária correspondente ao dilema generatividade versus estagnação da Teoria Psicossocial (Erikson, 1969), as instituições que poderiam apresentar indivíduos com idades superiores a 55 anos de idade, seriam os lares da terceira idade, e as Universidades da Terceira Idade. Optou-se pelos últimos, devendo-se ao facto dos alunos destas instituições manterem sua estimulação cognitiva com bastante frequência.

Posteriormente após pesquisa no site das Universidades Seniores (<http://usal.web.pt/>), seleccionaram-se os distritos de Lisboa, Setúbal e Santarém, devido a sua proximidade física de Lisboa.

Foram contactadas várias instituições, contudo as universidades que aderiram ao projecto foram Universidade de Almeirim, Universidade do Seixal, Universidade de Sintra, Universidade de Setúbal, tendo posteriormente sido em entregue em mão o projecto do estudo como também a explicação dos fins desta investigação.

Foi acordado com as diferentes instituições a possibilidade de falarem com os alunos no intuito de partilharem a sua história de vida voluntariamente.

A recolha do material dos diferentes participantes consistiu numa única sessão, devido as dificuldades que os participantes revelaram em assegurar um segundo encontro.

As diferentes sessões realizadas aos indivíduos encontravam-se divididas em 4 fases, sendo elas as seguintes, por ordem de recolha:

1. Resposta por escrito a pergunta “*O que é a Felicidade?*” (Veenhoven, 1995)
2. Preenchimento do STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade (Spielberger, 1994), versão portuguesa (Santos & Silva, 1997)
3. Aplicação do teste de Narrativas de Base Segura (Waters, H. & Waters, E., 2006), versão portuguesa
4. Entrevista semi-directiva para a recolha da história de vida (Atkinson, 2002).

Nas primeiras duas fases recorreu-se ao preenchimento em suporte de papel, seguindo-se a terceira e quarta fase a gravação em suporte áudio.

Em cada local de recolha, seguiram-se algumas directrizes de Legar et al (2003, cit. Torres, 2008) que se basearam na:

- Chegada – primeiros momentos depois do contacto inicial, em que o entrevistador cria o espaço para o surgimento da empatia com o entrevistado.
- Explicação da intenção da pesquisa – compreende-se a explicação da natureza do estudo e o seu objectivo, assegurando a confidencialidade e anonimato, pedindo a sua autorização através da carta de consentimento informado.
- Iniciando a entrevista – gravando algumas frases com o intuito de testar a qualidade do som do gravador, e ouvindo de seguida em conjunto com o entrevistado.
- Durante a entrevista – o entrevistador cria o espaço para que o participante possa falar das vivências mais relevantes, explorar cada tema-chave do estudo, recorrendo ao guião construído para o efeito.
- Fim da entrevista – o entrevistador assinalar o fim da entrevista, com o espaço para ser acrescentado mais alguma experiência relevante para o entrevistado, dando posteriormente tempo para ser integrado positivamente a experiência da narração da sua vida, retomando uma comum interacção social.
- Depois da entrevista – e da recolha de todo o material, agradecer a importância da participação do entrevistado na realização daquela pesquisa. Permitindo partilhar um espaço de conversação e reflexão comum.

O material técnico de auxílio para a recolha dos dados para cada sessão consistiu em um inquérito em papel do STAI – Inventário Estado-Traço de Ansiedade (Spielberger, 1994), como a pergunta “*O que é a Felicidade?*” (Veenhoven, 1995) numa folha de papel A4 individual (Anexo C.1). Os testes seguintes, Narrativas de Base Segura (Waters, H. & Waters, E., 2006) e a Entrevista semi-directiva para a recolha da história de vida (Atkinson, 2002) foram registados num gravador da marca Sony, modelo Microcassete – Corder M455, com recurso a cassetes de 60 minutos, dando uma média de duas cassetes em cada sessão. Por último valeu-se de quatro pilhas recarregáveis para assegurar o registo completo dos dados sem qualquer falha no processo.

Após a fase de trabalho de campo, iniciou-se a fase de transcrição do material recolhido pelos diferentes participantes.

Inicialmente realizou-se a transcrição de todo o material escrito para formato digital, como também todas as informações gravadas em áudio.

Num formato digital foi então realizado a análise de todo o material, recorrendo a diferentes técnicas, como a cotação dos instrumentos STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade (Spielberger, 1994) e das Narrativas de Base Segura (Waters, H. & Waters, E., 2006) foram cotadas mediante as normas dos mesmos. No caso dos instrumentos “*O que é a Felicidade?*” (Veenhoven, 1995) e a entrevista semi-directiva para a recolha da história de vida (Atkinson, 2002), recorreu-se a técnica análise de conteúdo.

### **Análise de conteúdo das entrevistas de história de vida**

A análise de conteúdo para muitos autores surge como um instrumento, nomeadamente para Bardin (1977, p. 31, cit. em Joel, 2004) “um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto”, entre os autores Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1995) e Ghiglione e Matalon (1992). Contudo segundo Vala (1986), trata-se de uma técnica de tratamento de conteúdo ao nível de investigações empíricas, usada nas ciências sociais.

E no seguimento desta percepção de Vala (1986), a análise de conteúdo neste trabalho é considerado como uma técnica, devendo-se ao facto de se considerar instrumento todo o material apresentado ao participante e como consequente originar uma resposta da parte deste. A análise de conteúdo é uma técnica realizada unicamente pelo investigador após a recolha do material.

O procedimento da análise de conteúdo segundo Vala (1986), compele ao investigador a reflectir sobre algumas questões que corresponderam as temáticas em estudo com o intuito de condicionar a análise de conteúdo num determinado rumo, facultando dessa forma a compreensão de distintas áreas de desenvolvimento humano propostas neste estudo.

No seguimento desta reflexão é necessário a realização de uma leitura flutuante (Bardin, 1988) do material transcrito, permitindo a pouco e pouco a emersão das hipóteses de análise. Dessa forma os dados serão decompostos sucessivamente em

pequenas unidades designadas por categorias e sub-categorias, correspondendo as diferentes temáticas em estudo (Vala, 1986)

Seguindo este processo, de desmontar o texto transcrito e agrupa-las em categorias e sub-categorias, vamos compreendendo “as características latentes – e logo, ocultamente presentes” (Pais, 2001).

Mediante o objectivo da pesquisa, as reflexões devem ser realizadas com base na:

- Análise de ocorrências – frequência com que determinados temas aparecem.
- Análise avaliativa – características que estão associadas a objectos distintos.
- Análise associativa – uma análise de estrutura dos objectos, isto é associação ou dissociação (Vala, 1986, cit. Joel, 2004).

Na linha de pesquisa que seguimos é necessário respeitar determinados procedimentos comuns a todas elas, nomeadamente:

- Demarcação dos propósitos com base no quadro de referencia teórico, sendo realizado uma selecção de conceitos que servirá como guia na analise de conteúdo.
- A definição do Corpus da análise, que incide em todo o material susceptível a ser trabalhado por via desta técnica. E por último
- A definição das categorias e sub-categorias para enquadrar cada parte do texto.

Indo ao encontro da regra da exaustividade (Bardin, 1988) em que todo o texto é necessário enquadrar-se numa categoria e subseqüentemente numa sub-categoria. Assumindo desta forma também o critério de exclusividade (Bardin, 1988) uma vez que cada unidade de registo unicamente é categorizada uma vez, evitando desta forma a ambigüidade que possa surgindo das categorias de análise, garantindo a validade interna de cada categoria (Vala, 1986)

Neste estudo as categorias - que são o factor chave da análise, compostos pela ideia geral do que se quer compreender, providos de significado semântico que assumem-se como organizadores da narrativa em função as temáticas estudadas – foram definidas com base nos conceitos seleccionados do corpus teórico como com a leitura

flutuante de todas as entrevistas realizadas, de forma a cumprir as regras de exaustividade e exclusividade (Bardin, 1986).

Desta forma codificaram-se todas as entrevistas seguindo as seguintes categorias que se encontram nos seguintes quadros.

Categorias	Sub - Categorias	Indicadores
I, II, III Estádios. Dos 0 meses aos 5\6 Anos	Núcleo Familiar Primário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os pais (pai e mãe), abordando os aspectos de confiança, desconfiança ou neutro.
	Núcleo Familiar Secundário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares (irmãos, tios e afins), abordando os aspectos de iniciativa, culpa ou neutro.
	Relações Sociais	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com terceiros (amigos, vizinhos, entre outros).
	Perdas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a perda (morte, ausência, luto) de alguém significativo.
	Auto-Avaliação	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de si (sentimentos, reflexões de si, conflitos morais e internos).
	Vivência antes da escola	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a vivência das suas actividades, tendo em conta os aspectos de autonomia, vergonha\culpa ou neutro.
	Acção \ Descrição	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de acontecimentos, episódios, locais importantes.

Quadro 1 – Categorias construídas para o I, II, III Estádios (dos 0 meses aos 5\6 Anos).

Categorias	Sub - Categorias	Indicadores
IV Estádio. Dos 6 Anos aos 12 Anos	Núcleo Familiar Primário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os pais (pai e mãe).
	Núcleo Familiar Secundário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares (irmãos e familiares), abordando os aspectos de industria, inferioridade ou neutro.
	Relações Sociais	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com terceiros (amigos, colegas, outros), abordando os aspectos de industria, inferioridade ou neutro.
	Perdas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a perda (morte, ausência, luto) de alguém significativo.
	Auto-Avaliação	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de si (sentimentos, reflexões de si, conflitos morais, conflitos internos).
	Vivência escolar	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a vivência escolar, tendo em conta os aspectos de industria, inferioridade ou neutro.
	Acção \ Descrição	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de acontecimentos, episódios, locais, reflexões familiares e reflexões sociais
	Sonho de Criança	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de sonhos de criança (o que queriam ser quando fossem adultos).

Quadro 2 – Categorias construídas para o IV Estádio (dos 6 Anos aos 12 Anos).

Categorias	Sub - Categorias	Indicadores
V Estádio. Dos 12 Anos aos 19 Anos	Núcleo Familiar Primário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os pais (pai e mãe).
	Núcleo Familiar Secundário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares (irmãos e familiares).
	Relações Sociais	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com terceiros (amigos, colegas, outros), abordando os aspectos de identidade, confusão de identidade ou neutro.
	Relações Amorosas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relações amorosas (namoros, pretendentes, 1ª rel. sexual), tendo em conta os aspectos de identidade, confusão de identidade ou neutro.
	Perdas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a perda (morte, ausência, luto) de alguém significativo.
	Auto-Avaliação	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de si (sentimentos, reflexões de si, conflitos morais, conflitos internos).
	Vivência escola \ profissional	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a vivência escolar, a entrada no mundo de trabalho, tendo em conta os aspectos de identidade, confusão de identidade ou neutro.
	Acção \ Descrição	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de acontecimentos, episódios, locais, reflexões familiares e reflexões sociais
	Projecto de Vida	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia ao projecto de vida (familiar, profissional, social).

Quadro 3 – Categorias construídas para o V Estádio (dos 12 Anos aos 19 Anos).

<b>Categorias</b>	<b>Sub - Categorias</b>	<b>Indicadores</b>
VI Estádio. Dos 20 Anos aos 35 Anos	Núcleo Familiar Primário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os pais (pai e mãe).
	Núcleo Familiar Secundário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares (marido/esposa, filhos), tendo em conta os aspectos de intimidade, isolamento ou neutro.
	Relações Sociais	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com terceiros (amigos, colegas de trabalho, outros).
	Relações Amorosas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relações amorosas (namoros, pretendentes, 1ª rel. sexual), tendo em conta os aspectos de intimidade, isolamento ou neutro.
	Perdas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a perda (morte, ausência, luto) de alguém significativo.
	Auto-Avaliação	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de si (sentimentos, reflexões de si, conflitos morais, conflitos internos).
	Vivência escolar \ profissional \ militar	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a vivência escolar, a entrada no mundo de trabalho, vivência da vida militar.
	Acção \ Descrição	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de acontecimentos, episódios, locais, reflexões familiares e reflexões sociais
	Projecto de Vida	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia ao projecto de vida (familiar, profissional, social).

Quadro 4 – Categorias construídas para o VI Estádio (dos 20 Anos aos 35 Anos).

Categorias	Sub - Categorias	Indicadores
VII Estádio. Dos 35 Anos aos 65 Anos	Núcleo Familiar Primário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os pais (pai e mãe).
	Núcleo Familiar Secundário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares (marido/esposa, filhos), tendo em conta os aspectos de generatividade, estagnação ou neutro.
	Núcleo Familiar Terciário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares dos filhos (genros e noras, e netos), tendo em conta os aspectos de generatividade, estagnação ou neutro.
	Relações Sociais	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com terceiros (amigos, colegas de trabalho, outros).
	Perdas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a perda (morte, ausência, luto) de alguém significativo.
	Auto-Avaliação	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de si (sentimentos, reflexões de si, conflitos morais, conflitos internos).
	Vivência profissional e reforma	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a vivência profissional e reforma
	Acção \ Descrição	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de acontecimentos, episódios, locais, reflexões familiares e reflexões sociais.
	Projecto de Vida	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia ao projecto de vida (familiar, profissional, social).

Quadro 5 – Categorias construídas para o VII Estádio (dos 35 Anos aos 65 Anos).

Categorias	Sub - Categorias	Indicadores
VIII Estádio. Superior a 65 Anos	Núcleo Familiar Primário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os pais (pai e mãe).
	Núcleo Familiar Secundário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares (marido/esposa, filhos).
	Núcleo Familiar Terciário	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com os familiares dos filhos (genros e noras, e netos)..
	Relações Sociais	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a relação com terceiros (amigos, colegas de trabalho, outros).
	Perdas	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a perda (morte, ausência, luto) de alguém significativo.
	Auto-Avaliação	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de si (sentimentos, reflexões de si, conflitos morais, conflitos internos) tendo em conta os aspectos de integridade, desespero e neutro
	Vivência profissional	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a vivência da reforma.
	Acção \ Descrição	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a descrição de acontecimentos, episódios, locais, reflexões familiares e reflexões sociais.
	Projecto de Vida	Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia ao projecto de vida (familiar, profissional, social).

Quadro 6 – Categorias construídas para o VIII Estádio (Superior a 65 Anos).

A construção dos seis quadros de categorias, foi baseado na resolução dos dilemas da Teoria Psicossocial (Erikson, 1969), tendo em conta as regras de codificação como critérios de fiabilidade e validade anteriormente referidos (Bardin, 1977; Ghiglione & Matalon, 1992; Krippendorff, 1980; Vala, 1986; Weber, 1985, cit in Joel, 2004).

No sentido de seguir os já referidos critérios, as categorias foram criadas entre três juízes, existindo espaço para discussão de opiniões, chegando a uma unanimidade. Na codificação realizou-se o mesmo procedimento contando com dois juízes, através da escolha de diferentes unidades de registo, ao acaso no sentido de ser categorizada e verificar-se assim a uniformidade da cotação, por diferentes juízes. Relativamente ao critério de reprodutibilidade, foi executado a codificação das diferentes categorias e sub-categorias, em cada narrativa pela mesma pessoa.

A unidade de codificação prendeu-se no tema desenvolvido pelo participante, contabilizando como uma só unidade a parte que especificava esse tema, ilustrando-se no seguinte exemplo:

*“Quer dizer a minha vida mudou, por volta dos meus 19 anos, porque eu não tinha tendência [para namorar]. Para já a minha mãe não deixava isso.” (IFA)*

A codificação do trecho anterior processou-se da seguinte forma, *“Quer dizer a minha vida mudou, por volta dos meus 19 anos, porque eu não tinha tendência.”*, codificou-se com a categoria V Estádio (dos 12 aos 19 anos) na sub-categoria Auto-Avaliação em virtude de realizar uma reflexão de si.

No trecho *“Para já a minha mãe não deixava isso.”*, cota-se com a categoria V Estádio (dos 12 aos 19 anos) na sub-categoria Núcleo Familiar Primário, em virtude de falar do que a mãe não deixava fazer.

No caso das respostas da pergunta *“O que é a Felicidade?”* (Veenhoven, 1995), designou-se por categorias, as seguintes:

- Base Segura – Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a sentimentos de segurança.
- Autonomia – Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referencia a exploração das suas possibilidades.

- Generatividade – Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a preocupação com os outros.
- Amor – Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência ao sentimento do amor.
- Bem-estar pessoal – Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência ao bem-estar pessoal.
- Reflexão – Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a reflexões pessoais.

Relacionando-se com os aspectos já referenciados para categorias e sub-categorias das entrevistas de histórias de vida, mantendo-se o procedimento de codificação.

## Apresentação e Análise dos Resultados

No presente capítulo, iniciaremos com a apresentação dos resultados de cada um dos instrumentos aplicados em cada sessão.

1. STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade (Spielberger, 1994).
2. Scripts de Base Segura (Waters, H. & Waters, E., 2006).
3. Correlação entre STAI e Scripts de Base Segura
4. Entrevista semi-directiva para a recolha da história de vida (Atkinson, 2002).
5. “O que é a Felicidade?” (Veenhoven, 1995)

A ordem de apresentação irá-se ocorrer primeiramente com os resultados dos instrumentos quantitativos

### Análise Quantitativa dos resultados

#### STAI

Os valores de referência para a população portuguesa apresenta-se na seguinte tabela:

Ansiedade	Feminino		Masculino	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Estado	38,2	10,77	36,3	9,61
Traço	37,3	7,9	35	8,35

Tabela 1 – Valores de referência nacionais (Santos & Campos, 1998).

Onde se pode verificar que as médias femininas tanto no Traço como no Estado de Ansiedade são ligeiramente elevadas em relação aos valores medianos masculinos, em sensivelmente dois pontos tanto no Estado como no Traço de Ansiedade.

Ansiedade	Feminino		Masculino	
	Médias	Desvio Padrão	Médias	Desvio Padrão
Estado	40,2	6,9	33,2	5,2
Traço	39,4	6,2	37,8	4,3

Tabela 2 – Valores obtidos nos resultados da STAI

A informação relativamente as médias em cada um dos géneros, encontra-se contemplado na tabela 2 e no Figura 2, onde se pode verificar que a ansiedade no género masculino se verifica-se com maior predominância no Traço com uma média de 37,8 pontos, havendo uma diferença clara para a média de 33,2 pontos no Estado de ansiedade.

No género feminino, verifica-se valores mais elevados nomeadamente no Estado de Ansiedade com valores de 40,2 pontos, estando ligeiramente acima dos 39,4 pontos do Traço de Ansiedade.

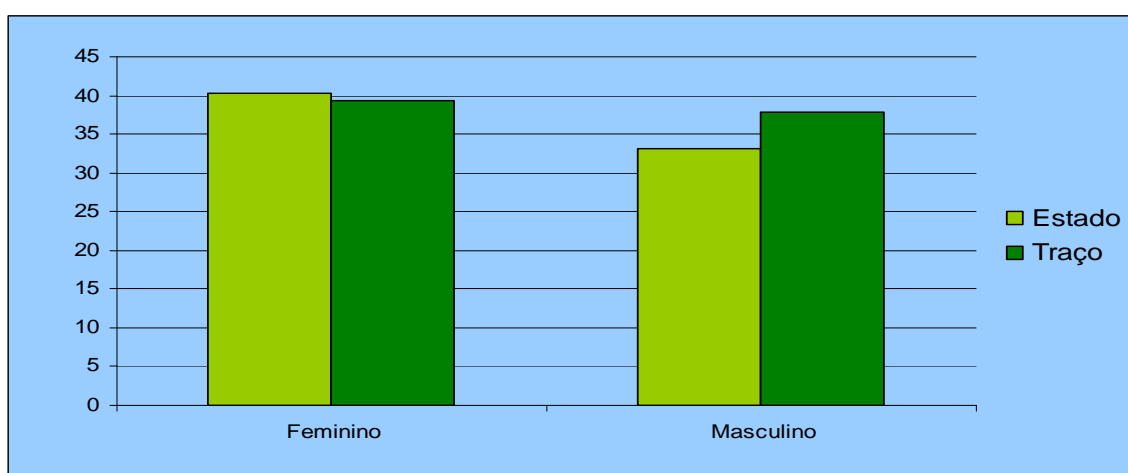


Figura 2 – Valores Estado-Traço de Ansiedade em ambos os géneros da amostra

Referente aos dados expressos no Figura a Ansiedade tanto no traço como no Estado se verifica com maior incidência no género feminino, tal como ocorre com os valores de referência nacionais (Santos & Campos, 1998).

Contudo, assumindo-se uma média geral na amostra deste estudo pode-se verificar que os valores medianos do Estado são 36,7 pontos, subindo ligeiramente para 38,6 pontos no Traço (Anexo A). Desta forma, se pode retirar algumas considerações relativamente a este instrumento em que a ansiedade se manifesta claramente no Traço apresentando uma diferença de dois pontos em relação ao Estado.

## Script de Base Segura

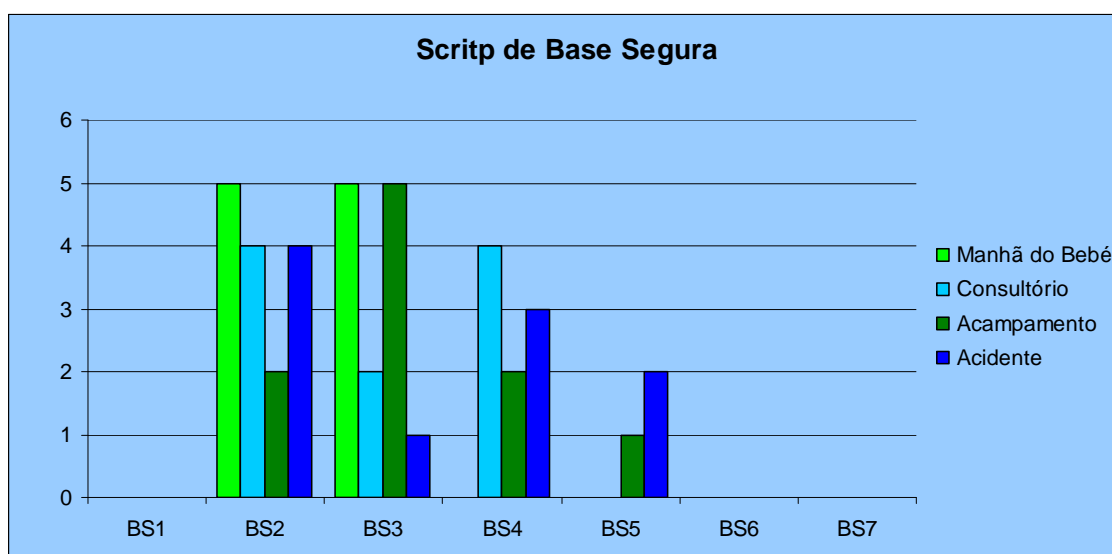


Figura 3 – Distribuição por Script de Base Segura.

As pranchas analisadas dos três grupos de atividades familiares e consequente interações, serão as interações entre adulto-criança (A manhã do bebê; No consultório do Médico), e as interações adulto-adulto (O Acampamento da Joana e do Pedro; O acidente da Susana). O último grupo de interações em atividades familiares (O passeio no parque; Uma tarde nas compras), não é analisado devido ao seu carácter neutro.

A cotação dos scripts de base segura (Waters & Waters, 2006), assumem sete níveis, dos quais do 1 ao 3 é considerado base insegura, do 4 ao 7 é considerado base segura.

No Figura 3 verifica-se a distribuição por cada script, que no caso da “*Manhã do Bebê*” é verificado que a distribuição entre os dois e três pontos, tendo cada um deles uma frequência de cinco pessoas, assumindo desta forma que todas os scripts se situam numa base insegura.

No script “*No consultório do Médico*” é verificado que a disposição se organiza pelo ponto dois e no quatro com quatro indivíduos, já no ponto três é verificado duas pessoas. Sendo possível apurar que seis scripts se situam numa base insegura, opondo-se aos quatro representativos da base segura.

Segue-se o script “O Acampamento da Joana e do Pedro” que apresenta no ponto dois e quatro duas unidades, no ponto cinco verifica-se uma unidade, e no ponto três é apurado cinco unidades. Desta forma é possível averiguar que sete scripts se inscrevem numa base insegura, verificando unicamente três com base segura.

No script “O acidente da Susana” a distribuição dos acontecimentos ocorre entre a base insegura com cinco indivíduos (quatro no ponto dois, e um no ponto três), e cinco de base segura (três no ponto quatro e dois no ponto cinco).

Nos pontos um de base insegura, e nos pontos seis e sete de base segura não se verificam quaisquer registo, podendo verificar-se graficamente que o universo dos acontecimentos se reparte por quatro pontos, sendo do dois ao cinco.

Algumas das conclusões é de um universo de 40 scripts, somente 12 correspondam a uma base segura. O script que apresenta um maior número de respostas de base segura corresponde ao “No consultório do Médico” e o “O acidente da Susana”, que apresentam sempre uma terceira pessoa na relação, que surge na figura do médico.

## **Análise da relação entre STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade e Script de Base Segura**

**Tabela 3 – Correlação entre Scripts de Base Segura e a Ansiedade (Traço e Estado)**

	Manhã do Bebê	Consultório	Acampamento	Acidente	Ans. Traço
Manhã do Bebê					
Consultório	,000				
Acampamento	,075	,648(*)			
Acidente	,073	,551(*)	,823(**)		
Ansiedade Traço	,035	-,392	-,648(*)	-,809(**)	
Ansiedade Estado	,210	,411	,311	,061	,371

\* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

As relações significativas entre os scripts “*No consultório do Médico*” e “*O Acampamento da Joana e do Pedro*” e “*O acidente da Susana*” apresentam correlações positivas entre si, ou seja, ambas as variáveis variam no mesmo sentido. Na “*Manhã do Bebê*” não se verifica uma correlação significativa com as outras histórias.

A correlação entre os Scripts de Base Segura (Waters, H. & Waters, E., 2006) e STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade (Spielberger, 1994) é verificada nos valores entre a variável da Ansiedade Traço e os diferentes Scripts, mas não entre a Ansiedade Estado que não apresenta correlações significativas com os scripts de base segura. É relevante a associação que exista entre a ansiedade traço e os scripts de base segura, para se compreender como esta base insegura possa afectar a resolução dos dilemas da teoria psicossocial (Erikson, 1969). Pelo contrário, a ansiedade de estado, corresponde ao momento da aplicação do instrumento, e não a uma característica duradoura na personalidade dos indivíduos.

A correlação entre os Scripts de Base Segura (Waters, H. & Waters, E., 2006) e STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade (Spielberger, 1994) é verificada nos valores entre a variável da Ansiedade Traço e os diferentes Scripts, uma vez que a ansiedade de estado, corresponde ao momento da aplicação do instrumento, sendo relevante a associação que exista entre a ansiedade traço e os scripts de base segura, para se compreender como esta base insegura possa afectar a resolução dos dilemas da teoria psicossocial (Erikson, 1969).

Podendo verificar-se que existe uma relação entre o aumento do valor da ansiedade traço e a diminuição dos valores dos scripts de base segura, podendo afirmar neste estudo exploratório que quanto mais elevada for a ansiedade traço menor será a percepção de base segura, ou seja, a manifestação de uma vinculação segura.

## **Análise de conteúdo da entrevista semi-directiva para a recolha da história de vida**

As categorias desenvolvidas neste estudo basearam-se nos oito estádios da Teoria Psicossocial (Erikson, 1969), tendo sido organizadas os três primeiros estádios em uma só categoria designada por I, II, III Estádios (dos 0 meses aos 5\6 Anos), devendo-se ao facto dos participantes não se lembrarem devidamente dos primeiros anos de vida, ou seja, as lembranças que possuíam dos primeiros anos, em algumas situações consistiam em relatos de familiares, sobre acontecimentos que envolviam o participante.

As categorias seguintes foram designadas por IV Estádio (dos 6 Anos aos 12 Anos), V Estádio (dos 12 Anos aos 19 Anos), VI Estádio (dos 20 Anos aos 35 Anos), VII Estádio (dos 35 Anos aos 65 Anos), VIII Estádio (Superior a 65 Anos). Respeitando desta forma a idade em cada uma das fases contempladas por Erikson (1969).

Cada uma das categorias apresentava um grupo de sub-categorias associadas aquele período no desenvolvimento, tendo a primeira categoria dividido por sete sub-categorias. O mesmo facto ocorreu na segunda categoria que acrescentou mais uma sub-categoria. Nas últimas quatro classes o número fixou-se em nove sub-categorias. A frequência de unidades de registo foi contabilizada em cada uma das sub-categorias.

Na apresentação dos resultados, recorreremos a utilização de Figuras de forma a facilitar a sua leitura, numa primeira situação irá-se verificar a distribuição de cada uma das sub-categorias em cada um dos Estádios de desenvolvimento, seguindo-se a análise de cada sub-categoria tendo em conta o dilema de cada estádio.

### Estádio I, II, III Estádios (dos 0 meses aos 5\6 Anos)

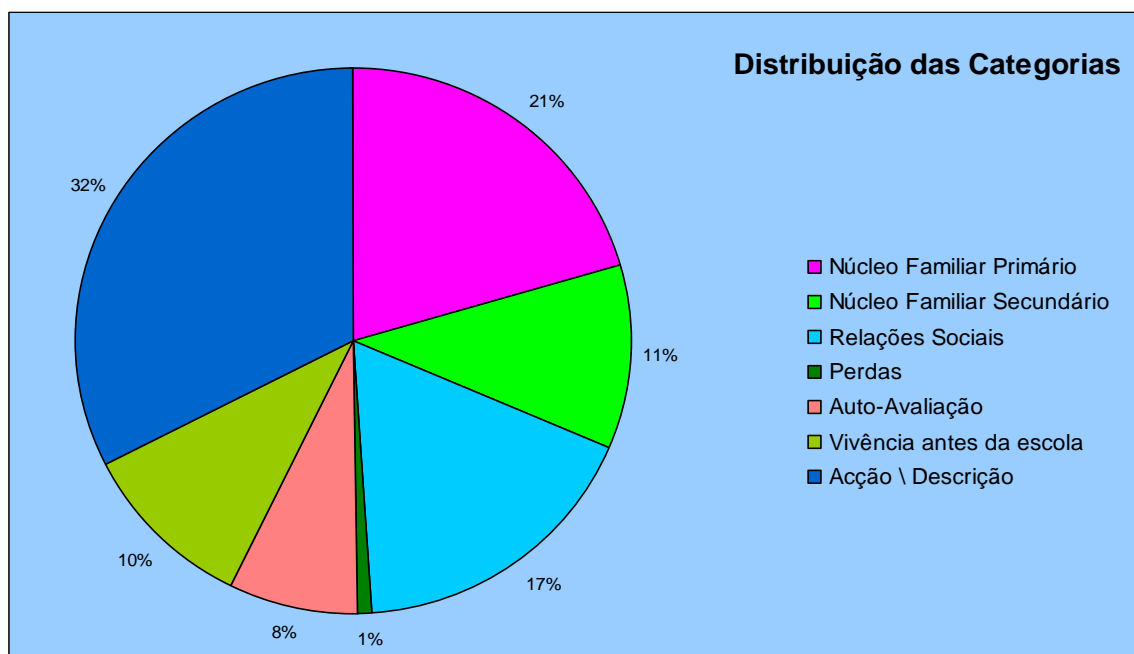


Figura 4 – Distribuição das sub-categorias no I, II, III Estádios (dos 0 meses aos 5\6 Anos)

Conforme o Figura 4, podemos verificar que a sub-categoria com uma maior unidade de registos foi a “*Ação\Descrição*” com uma percentagem de ocorrências de 32%. Esta categoria contempla todas as unidades de registo que façam referência a descrição de acontecimentos, episódios, locais, reflexões familiares e reflexões sociais. Segue-se o “*Núcleo Familiar Primário*” com 21%, que se remete para a referência a relação com os pais (pai e mãe), abordando os aspectos de confiança, desconfiança ou neutro. A terceira sub-categoria com uma percentagem de eventos de 17%, é “*Relações Sociais*” que assume referência a relação com terceiros (amigos, vizinhos, entre outros). Seguindo-se o “*Núcleo Familiar Secundário*” com o valor de 11%, abordando a relação com os familiares (irmãos, tios e afins), abordando os aspectos de iniciativa, culpa ou neutro. O subsequente é a “*Vivência antes da escola*” que fala das vivências das suas actividades, tendo em conta os aspectos de autonomia, vergonha\culpa ou neutro, apresentando uma percentagem 10%. As últimas sub-categorias são a “*Auto-Avaliação*” que referencia a descrição de si (sentimentos, reflexões de si, conflitos morais e internos) com 8% e com 1% é registado a “*Perda*” que corresponde a morte, ausência ou luto de alguém significativo.

Nesta categoria estão definidos três estádios de desenvolvimento, sendo necessário referir cada um deles:

- Estádio I – dos 0 aos 12 meses de idade – Confiança vs Desconfiança
- Estádio II – do 1 ao 3 ano de Idade – Autonomia vs Vergonha\Culpa
- Estádio III – do 4 ao 5\6 ano de Idade – Iniciativa vs Culpa

### Estádio I – dos 0 aos 12 meses de idade – Confiança vs Desconfiança

O primeiro dilema foi verificado na sub-categoria “*Núcleo Familiar Primário*”, analisando separadamente o pai e a mãe abordando os aspectos de confiança, desconfiança, e neutro.

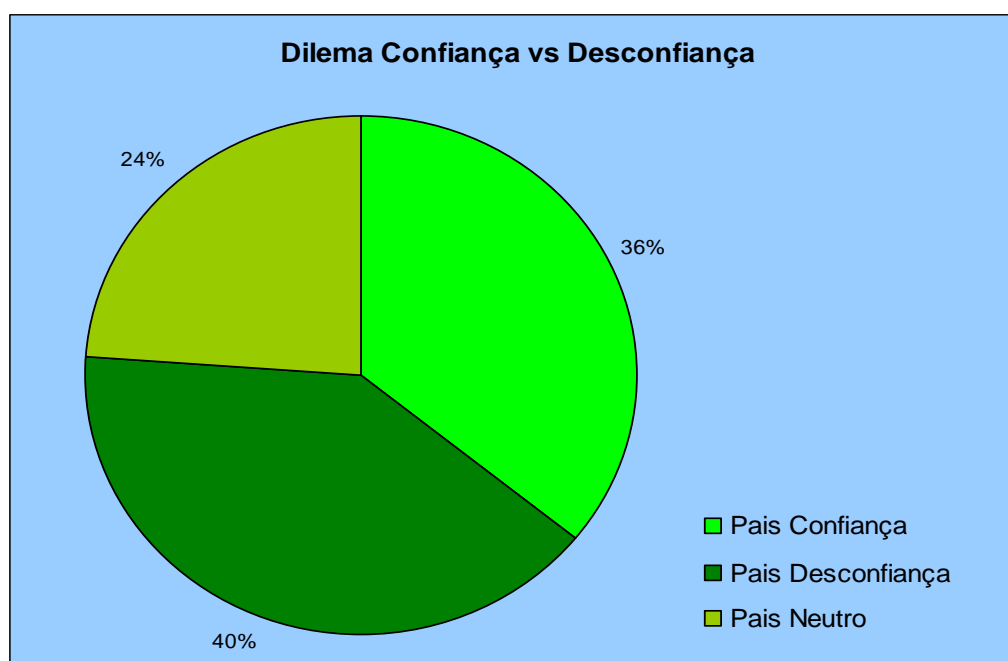


Figura 5 – Distribuição pelo dilema Confiança vs Desconfiança

No Figura 5, é verificado que a Desconfiança dos pais apresenta um valor de 40% em oposição aos 36% de Confiança nas figuras parentais, e um valor neutro de 24%. Nos Figuras 4. 1 e 4.2 (Anexo A) pode-se verificar que a situação difere, enquanto a Confiança estabelecida na mãe corresponde a 22%, já no caso paterno a situação altera-se drasticamente para 52%. Considera-se confiança todas as expressões referidas dos pais que tenham um aspecto consideravelmente positivo, como por exemplo: “*a minha mãe era uma pessoa muito dócil. Muito meiga, ah...*” (IFE), considerada uma demonstração de confiança na Mãe. No caso paterno verifica-se por expressões semelhantes “*Ah um pai muito compreensivo, muito carinhoso.*” (IFC), ou

seja, a caracterização positiva das figuras parentais traduz num sentimento de confiança.

As expressões codificadas como Desconfiança apresentam-se em registos como “*não era carinhosa, a minha mãe não era assim uma pessoa muito afectiva.*” (IFA), referente a figura materna que atinge o valor de 72%. No caso paterno as referencias apresentadas como o exemplo “o meu pai era o mau!” (IMD) ficam pelos 27%. Desta forma, pode-se efectivamente inferir que a ligação existente entre a criança com as figuras maternas, não foram devidamente securizante acabando por originar falhas básicas com consequências no desenvolvimento humano, sendo por vezes, colmatadas com o sentimento de confiança na figura paterna.

### **Estádio II – do 1 ao 3 ano de Idade – Autonomia vs Vergonha\Culpa**

Este dilema foi verificado na sub-categoria “Vivência antes da escola”, analisando a actividade lúdica (brincadeiras) antes da entrada na escola primária, abordando os aspectos de autonomia, vergonha\dúvida e neutro.

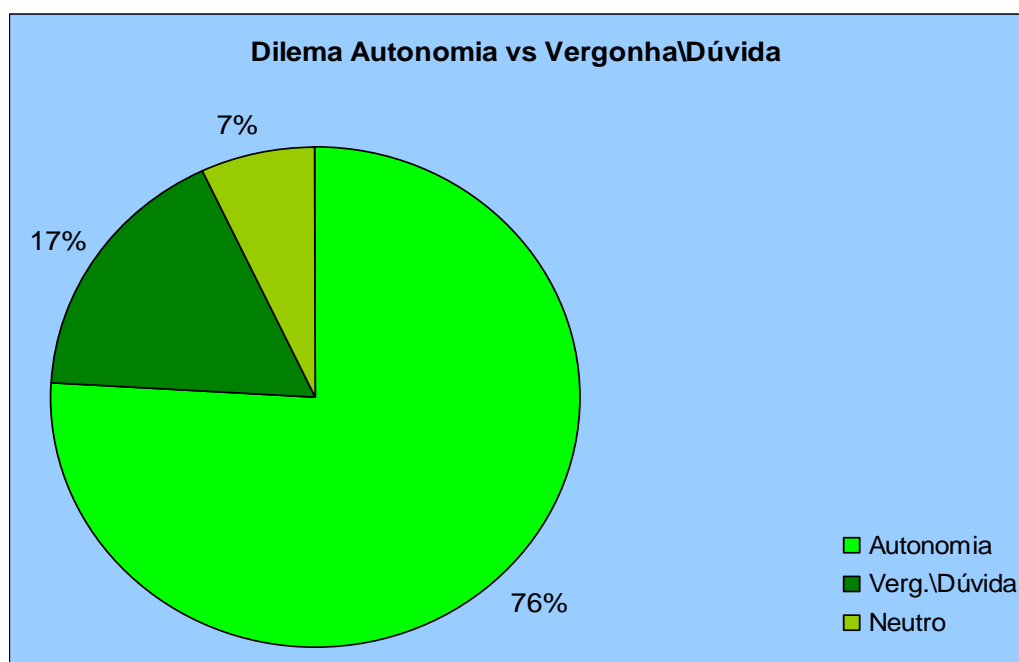


Figura 6 – Distribuição pelo dilema Autonomia vs Vergonha\Dúvida

O dilema deste segundo estágio de desenvolvimento coloca a autonomia, caracterizada pela curiosidade em explorar o meio em que se encontra inserido, em oposição a sentimentos vergonha e dúvida que a criança apresenta quando as suas tentativas de autonomia em relação as figuras vincuativas são goradas, estando constantemente com receio do que possa ser permitido realizar.

O aspecto autonomia predomina com 76%, apresentando exemplos como “(...)depois davam a mim e para a garotada toda. Agarrávamos naquilo, punham-nos aquilo lá numa tigelinha, vínhamos cá para fora, era para a garotada toda ali da rua.” (IMD), diferindo dos 17% do aspecto vergonha e dúvida onde excertos como “As minhas brincadeiras... olhe as minhas brincadeiras... era o boneco e a boneca. Em casa era praticamente, quer dizer as minhas brincadeiras ali em casa... (...) não tinha, não tinha crianças para brincar.” (IFA), são verificados. Contudo existem extractos neutros que não somente referências sem qualquer afectividade envolvida como o exemplo “(...) jogos das pedrinhas aquelas lajes lá do rio (...)” (IFC), com um valor de 7%.

### Estádio III – do 4 ao 5\6 ano de Idade – Iniciativa vs Culpa

O dilema apresentado entre os quatro e seis anos de idade, apresenta a iniciativa nas relações com os irmãos e outros familiares, levando desta forma ao início de uma individualidade, no lado inverso o sentimento de culpa dessa situação poder ocorrer. No início deste processo (Figura 5), verifica-se que unidades de registo do aspecto iniciativa apresentam num valor de 44% com excertos como “*Tinha uma tia, irmã de minha mãe, que vivia em Lisboa (...)onde ela morava havia um parque infantil (...)Ela ia-me por e depois ia-me buscar.*” (IFG), estando somente a uma diferença de 13 pontos percentuais do aspecto culpa (31%) com exemplos como “*Mas se eu me sentasse lá, lá vinha ele todo furioso, não sei quê. Não se podia mexer naquilo e tal.*” (IMD), e os valores de 25% neutros correspondem a expressões “*E a minha avó e o meu avô não tinham condições. Pessoas muito pobres muito humildes(...)*” (IFD).

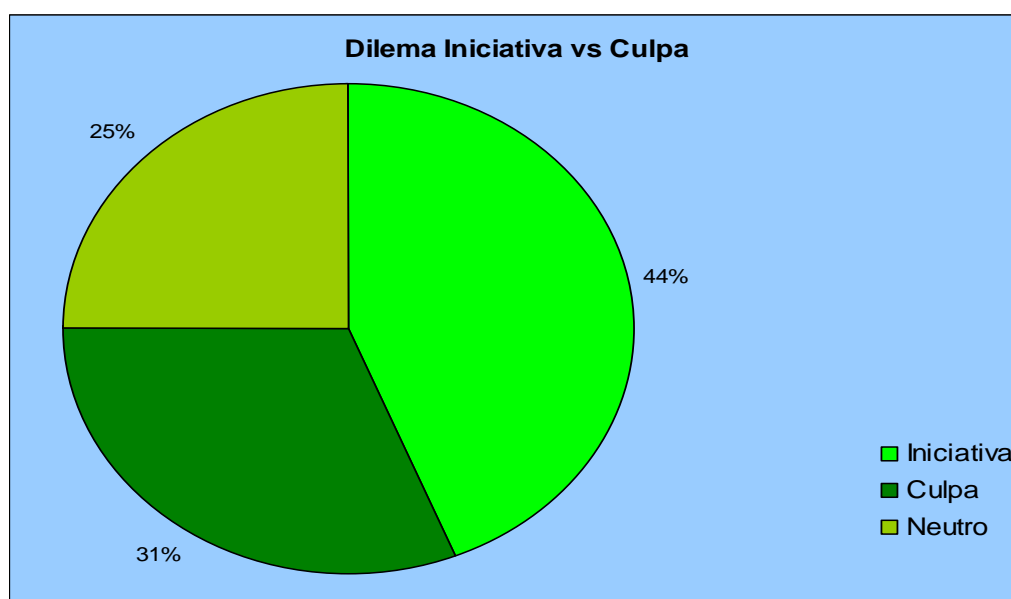


Figura 7 – Distribuição pelo dilema Iniciativa vs Culpa

As restantes sub-categorias em virtude de se manterem ao longo dos oito estádios de desenvolvimento, serão analisados os seus resultados no final com uma perspectiva global do crescimento.

#### IV Estádio (dos 6 Anos aos 12 Anos)

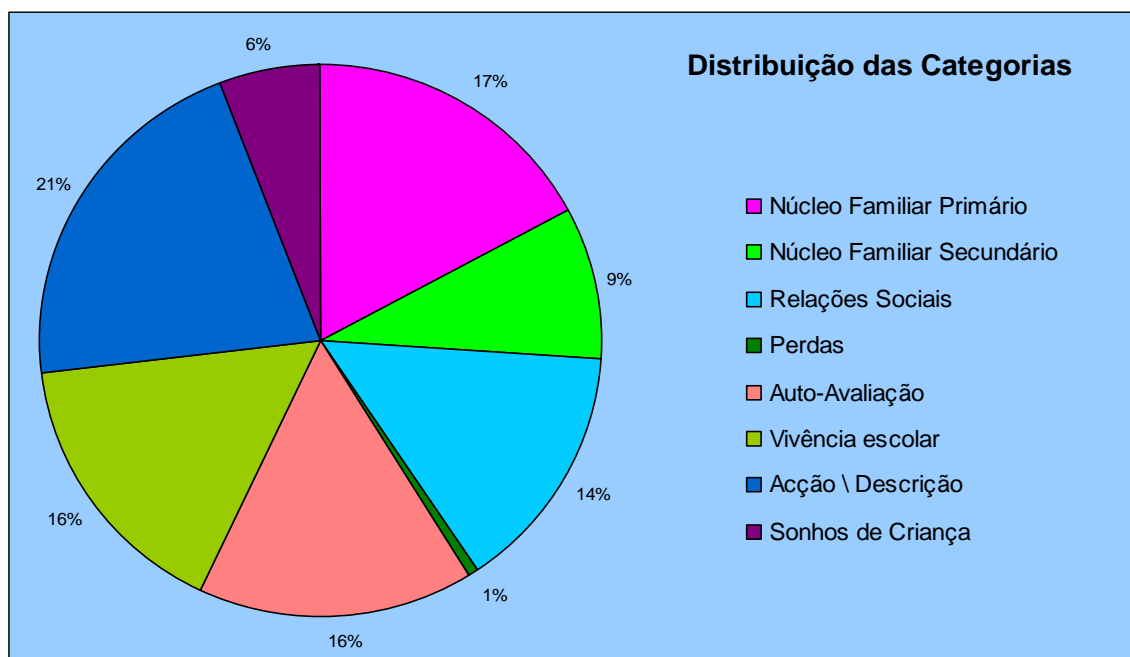


Figura 8 – Distribuição das sub-categorias no IV Estádio (dos 6 Anos aos 12 Anos)

As sub-categorias com maior distribuição continuam a “Acção \ Descrição” com 21% e o “Núcleo Familiar Primário” com 17% respectivamente. Seguindo-se com 16% a sub-categoria “Auto-Avaliação” e a “Vivência Escolar”. Já a sub-categoria “Relações Sociais” apresenta o valor de 14% com uma diferença de oito pontos percentuais da categoria “Sonhos de Criança” (6%), ficando o “Núcleo Familiar Secundário” com 9% e por último a sub-categoria “Perda” com 1% de unidades de registos. Todas as sub-categorias se mantêm, acrescentando-se o item “Sonhos de Criança” que remete para o que queriam ser quando fossem adultos.

O dilema a ser resolvido neste estágio que decorre no início da fase escolar, colocando a indústria - que ocorre no sentido em que a criança compreende que é capaz de produzir e criar, interagindo com os seus pares – em oposição a inferioridade – em que a sua capacidade de conceber poderá ser afectada, bloqueando cognitivamente as suas capacidades, e afectando o seu contacto com os outros. Os

aspectos Indústria e Inferioridade foram analisados no “*Núcleo Familiar Secundário*”, “*Relações Sociais*” devendo-se aos pares e “*Vivência Escolar*” às suas capacidades cognitivas.

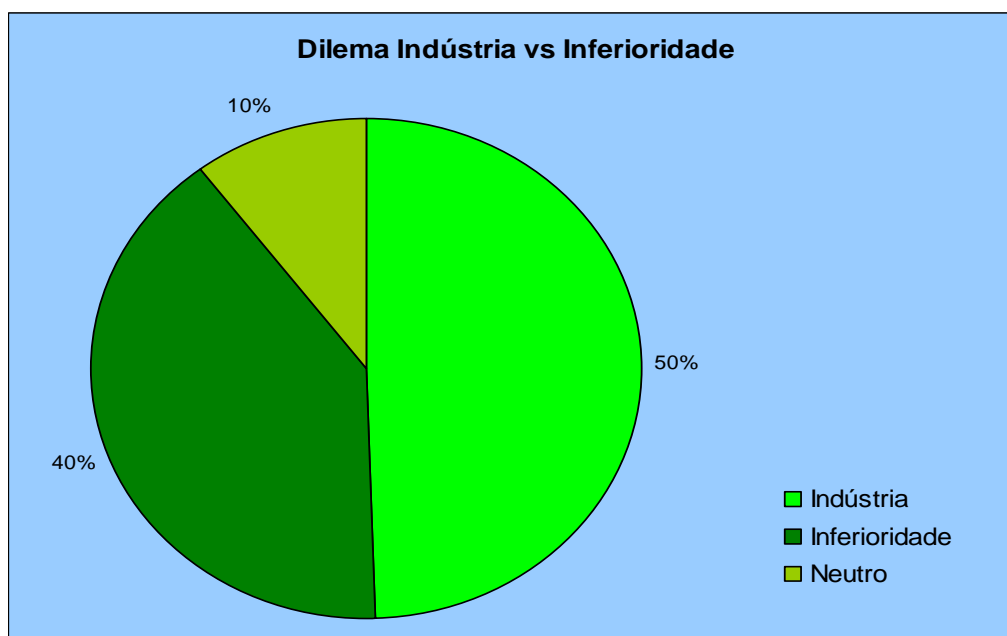


Figura 9 – Distribuição pelo dilema Indústria vs Inferioridade

O aspecto indústria é assumido com 50% exemplificado por excertos semelhantes a “(...) depois dos quatro anos, fiquei aprovada com distinção (...)” (IFA), registado na sub-categoria de “*Vivência Escolar*”, contudo é verificado que no aspecto de Inferioridade o valor é de 40% podendo ser visível em expressões como “(...) faz só o essencial, as vezes dando uns saltinhos, fugindo a escola também (...)” (IMA) aqui na sub-categoria de “*Vivência Escolar*”. O aspecto neutro que se define unicamente por caracterizar, sem associar aspectos dicotómicos positivo ou negativo, verifica-se em expressões como “*Frequentei a escola, uma escola particular que havia na minha rua, visto que eu vivia na Baixa, na rua dos sapateiros, porque as professoras lá já tinham sido professoras do meu irmão, e mais não sei quê.*” (IMB) registado na sub-categoria de “*Vivência Escolar*”.

Sendo uma nova fase na vida de cada indivíduo, que envolve o trabalho cognitivo como também o alargamento das relações familiares para relações sociais, verifica-se que os sentimentos de inferioridade se encontra elevado nesta fase, justificando-se também pelo sentimento de desconfiança (estádio I II e III) anteriormente analisado, que influenciou o desenvolvimento humano.

## V Estádio (dos 12 Anos aos 19 Anos)

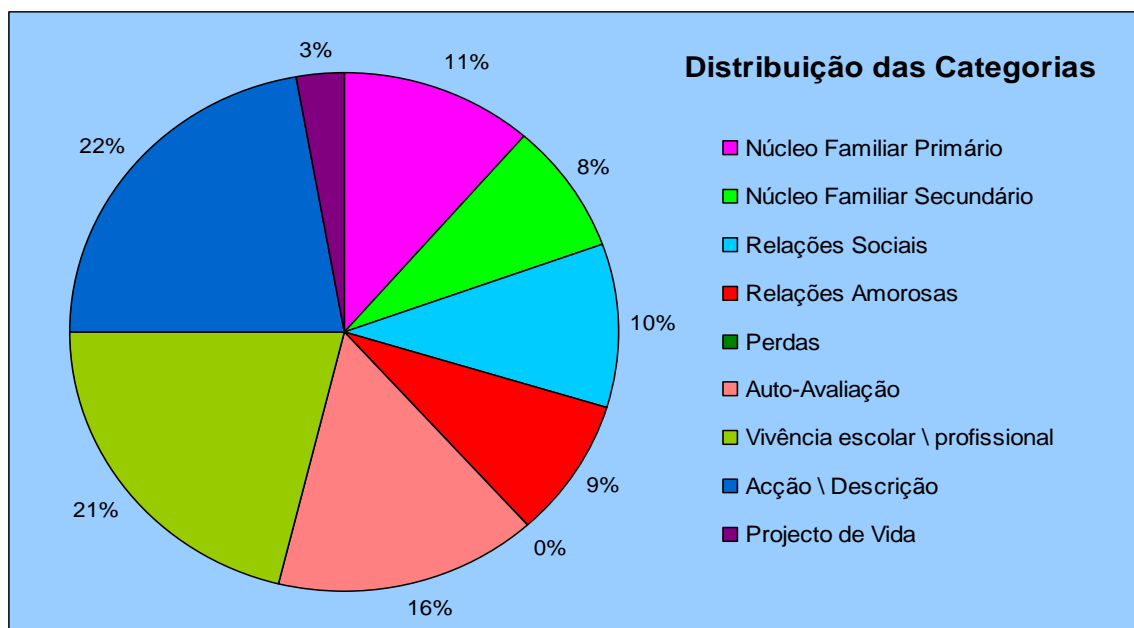


Figura 10 – Distribuição das sub-categorias no V Estádio (dos 12 Anos aos 19 Anos)

A sub-categoria com mais frequência de unidades de registo é a “*Acção \ Descrição*” com 22%, seguindo-se a “*Vivência Escolar \ Profissional*” em que aludem a referência da vivência escolar, a entrada no mundo de trabalho com um valor de 21%, com uma diferença de cinco pontos percentuais verifica-se a “*Auto-Avaliação*” com 16%, e por ordem decrescente verifica-se com 11% o “*Núcleo Familiar Primário*”, com 10% as “*Relações Sociais*”, com 9% a sub-categoria “*Relações Amorosas*” que façam referência a relações amorosas (namoros, pretendentes, 1ª relação sexual), com 8% o “*Núcleo Familiar Secundário*”, e com 3% a “*Projecto de Vida*” que regista unidades de projecto no âmbito familiar, profissional, social. Apesar de estar referenciado a sub-categoria “*Perda*” não registou nenhuma unidade.

A presente faixa etária engloba o período da adolescência, que cada indivíduo passa na aquisição de uma identidade psicossocial, passando por uma redefinição dos elementos de identidade já adquiridos, reconhecida pela crise da adolescência, que origina uma confusão da identidade em virtude de se reinterpretar os laços familiares, as expectativas parentais e sociais do grupo de pares. Apresentando dificuldades na adaptação a mudança como também a sua o surgimento da individualidade social. Desta forma o dilema neste intenso período coloca em oposição a identidade à confusão da identidade, ou seja, o sentimento de identidade do ego que surge mediante a segurança na coerência e continuidade da sua pessoa em relação aos

demais, a sua confusão passa por dúvidas da sua identidade sexual, episódios desviantes, como dificuldade em estabelecer uma preferência ocupacional.

Neste sentido foi verificado o dilema nas sub-categorias “*Relações Sociais*” devendo-se as suas relações com os pares e terceiros, “*Relações Amorosas*” aludindo a sua identidade sexual, e “*Vivência Escolar \ Profissional*” referindo-se as suas ocupações escolares e profissionais.

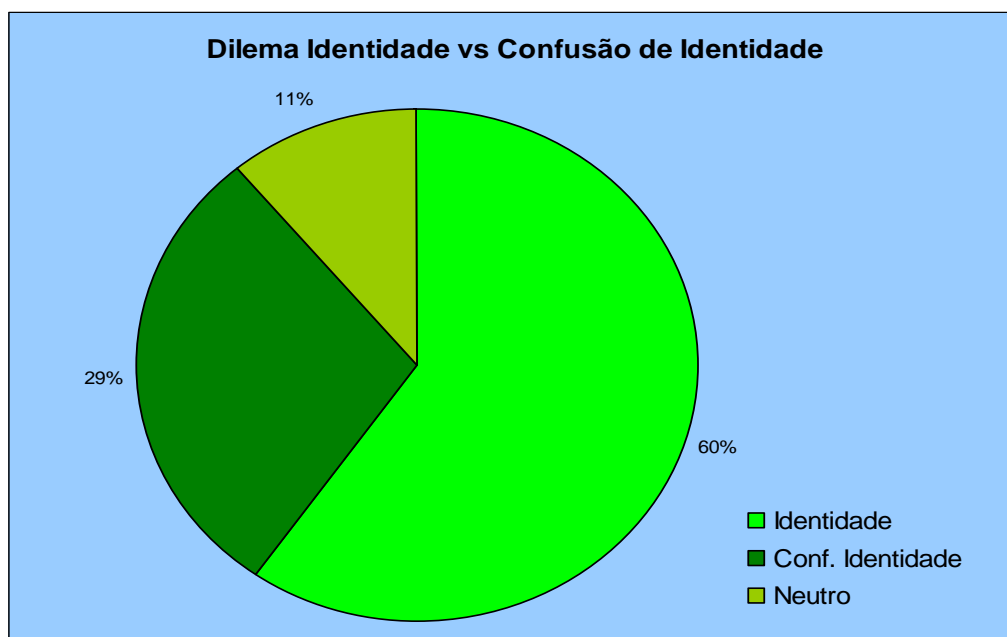


Figura 11 – Distribuição pelo dilema Identidade vs Confusão de Identidade

No Figura 11, podemos verificar que é apresentado o aspecto identidade com 60% que se pode verificar em observações como “(...) talvez pelos meus 15 anos.(...) altura do meu primeiro pretendente. (...) Ainda era nova. Não contava com isso e já estavam a fazer o casamento. É claro, eu disse para a minha mãe que eu não era nenhum saco de batatas para vender.” (IFA) na sub-categoria de “*Relações Amorosas*”, no caso da confusão de identidade podemos verificar em situações na sub-categoria “*Vivência Escolar \ Profissional*” excertos como “ai nessa altura, sai daquela casa do sapateiro e empreguei-me na casa (...)”.

O aspecto neutro verifica-se em extractos da narrativa como “(...) eu tinha que arrumar a loja, tinha que por as coisas, tinha que limpar a montra, tinha que fazer uma quantidade de coisas, e mudar, e por as caixas vazias e por no lixo, e depois as cheias tinha que as conferir, fazer não sei quê, limpar o pó, uma coisa. Quer dizer, comecei a trabalhar muito (...)” com uma percentagem de 11%.

A adolescência é um período que implica uma redefinição enquanto indivíduo, e enquanto ser social, surgindo os amigos entre os contactos com os pares, e o surgimento das primeiras relações amorosas, durante este período coloca-se vivência escolar, contudo para as pessoas entrevistadas houve também o surgimento da experiência laboral como forma de auxiliar economicamente a família. A identidade assumida neste estágio relaciona-se em todas as relações com terceiros e a suas escolhas ocupacionais, podendo compreender o seu lugar na sociedade, os valores apresentados no aspecto da identidade permite referir como foi resolvido o dilema.

## VI Estádio (dos 20 Anos aos 35 Anos)

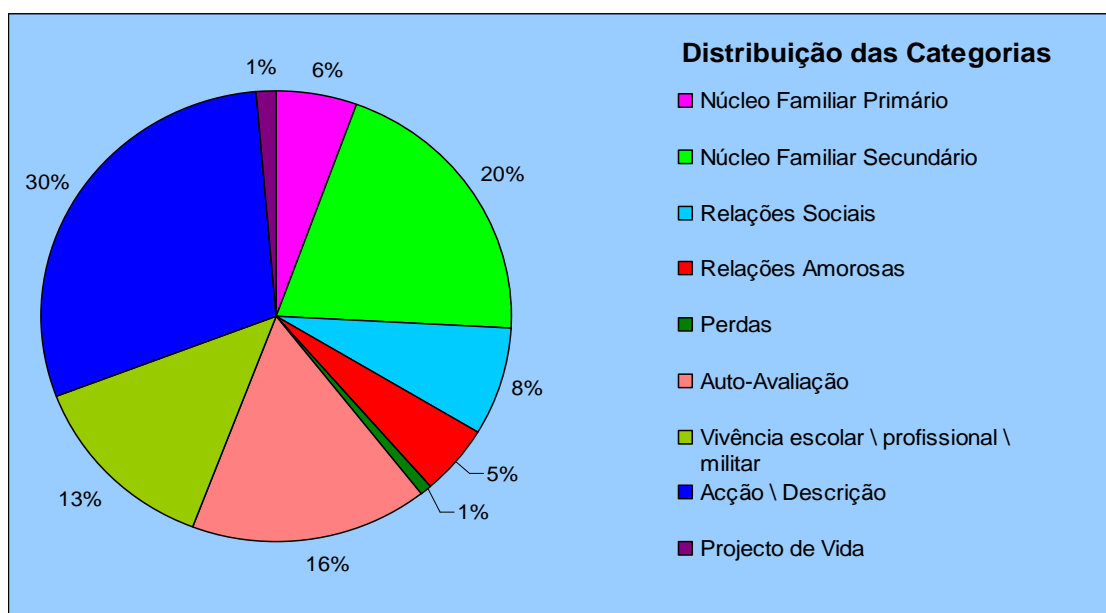


Figura 12 – Distribuição das sub-categorias no VI Estádio (dos 20 Anos aos 35 Anos)

A sub-categoria com a percentagem mais elevada é “Acção \ Descrição” com 30%, seguindo-se o “Núcleo Familiar Secundário” que assume outra definição durante este período assumindo a relação com os familiares (marido\esposa, filhos) que apresenta um valor de 20%. A sub-categoria que se segue é a “Auto-Avaliação” com 16%, a relevância dada a “Vivência Escolar \ Profissional \ Militar” que abarca a vivência militar realizada após os 20 anos de idade, é de 13%, seguindo por ordem decrescente “Relações Sociais” com 8%, com 6% identificado o “Núcleo Familiar Primário”, a “Relações Amorosas” com 5%, e com 1% “Perdas” e “Projecto de Vida”.

O dilema nesta fase do desenvolvimento humano é caracterizado pela intimidade, ou seja, estabelecimento de relações íntimas do jovem adulto com outras pessoas,

quando essa situação não acontece acaba por originar o isolamento. Os aspectos intimidade e isolamento foram analisados nas sub-categorias “*Núcleo Familiar Secundário*” e na “*Relações Amorosas*”.

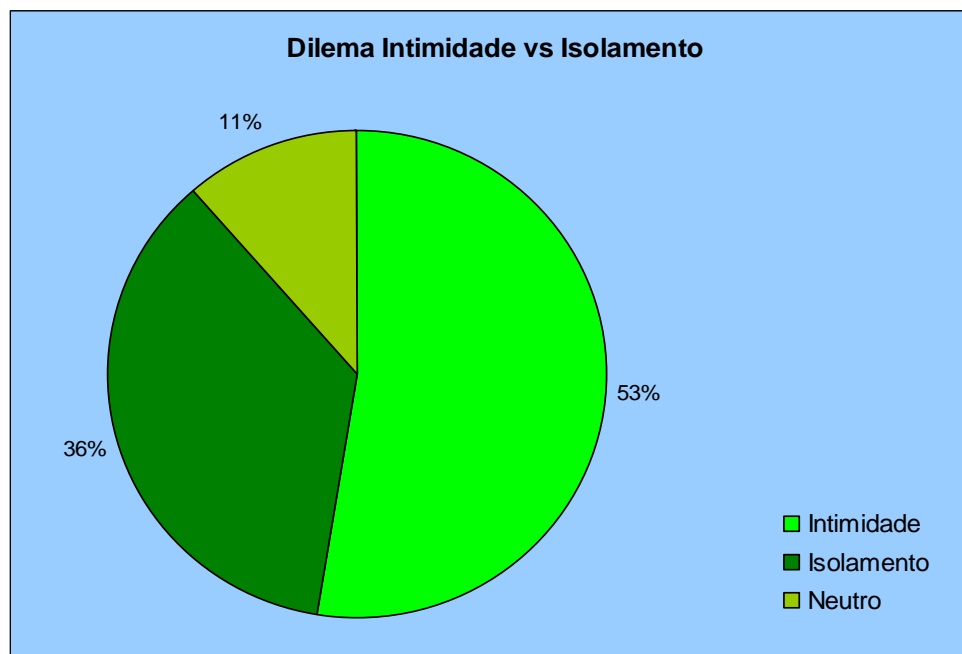


Figura 13 – Distribuição pelo dilema Intimidade vs Isolamento

Nesta fase é apresentado o aspecto da intimidade com 53%, correspondendo o facto de todos os participantes terem desenvolvido uma relação amorosa podendo verificar em expressões como “*O tal do menino, que as vezes, encontrava começou... pronto começamos a namorar, bom.*” (IFE) na sub-categoria “*Relações Amorosas*” que correspondeu mais tarde ao casamento, contudo em algumas situações o facto de manterem uma relação com o par, apresentavam comportamentos de isolamento íntimo como por exemplo em excertos “*Devia ser de ele... primeiro de eu saber tudo da vida dele que eu não sei nada. Não sei o dinheiro que ele tem, não sei os negócios que ele faz, não sei nada de nada.*” (IFG) cotado na sub-categoria “*Núcleo Familiar Secundário*”. O aspecto neutro verifica-se em expressões de caracterização sobre o parceiro “*A minha mulher também trabalhava evidentemente, até que foi obrigada a deixar de trabalhar (...)*” (IMA).

Na reflexão sobre este estágio podemos verificar que todos os participantes estabeleceram relações de intimidade com parceiros, originando em relações matrimoniais, contudo o surgimento de isolamento mesmo dentro das relações surgia,

por vezes manifestando-se na caracterização do parceiro sem lhe atribuir qualquer sentimento de intimidade.

## VII Estádio (dos 36 Anos aos 65 Anos)

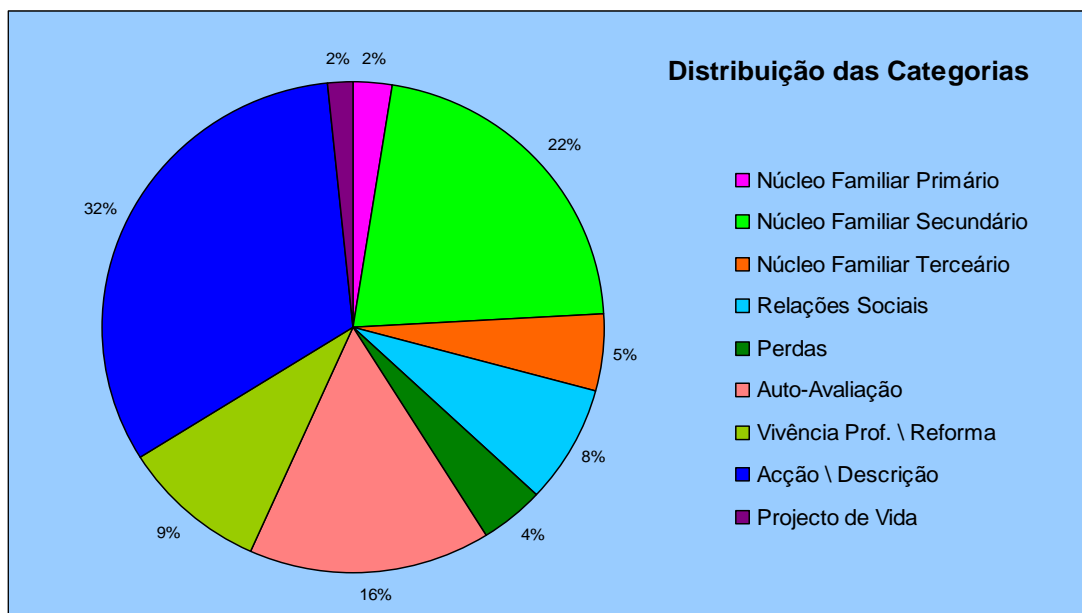


Figura 14 – Distribuição das sub-categorias no VIII Estádio (dos 36 anos aos 65 Anos)

A manutenção da sub-categoria “*Acção \ Descrição*” com mais frequências numa percentagem de 32%, diferenciando por uma margem de 10 pontos percentuais da “*Núcleo Familiar Secundário*” (22%), seguindo em terceira posição a “*Auto-Avaliação*” com 16%, as referencias a “*Vivência Profissional e Reforma*” correspondem a 9%, assumindo o valor de 8% a “*Relações Sociais*”, em sexta e sétima posição com 5% e 4% são as sub-categorias “*Núcleo Familiar Terciário*” – relação com os familiares dos filhos (genros e noras, e netos) – e a “*Perda*”, por último com 2% ficam as “*Núcleo Familiar Primário*” e a “*Projecto de Vida*”.

A fase adulta, como é caracterizada este período, corresponde a resolução do dilema entre a generatividade que se associa preocupação relativa em firmar e guiar a nova geração opondo claramente a estagnação implementada pelas dificuldades em assumir esse papel. O presente dilema foi analisado nas sub-categorias “*Núcleo Familiar Secundário*” e “*Núcleo Familiar Terciário*”.

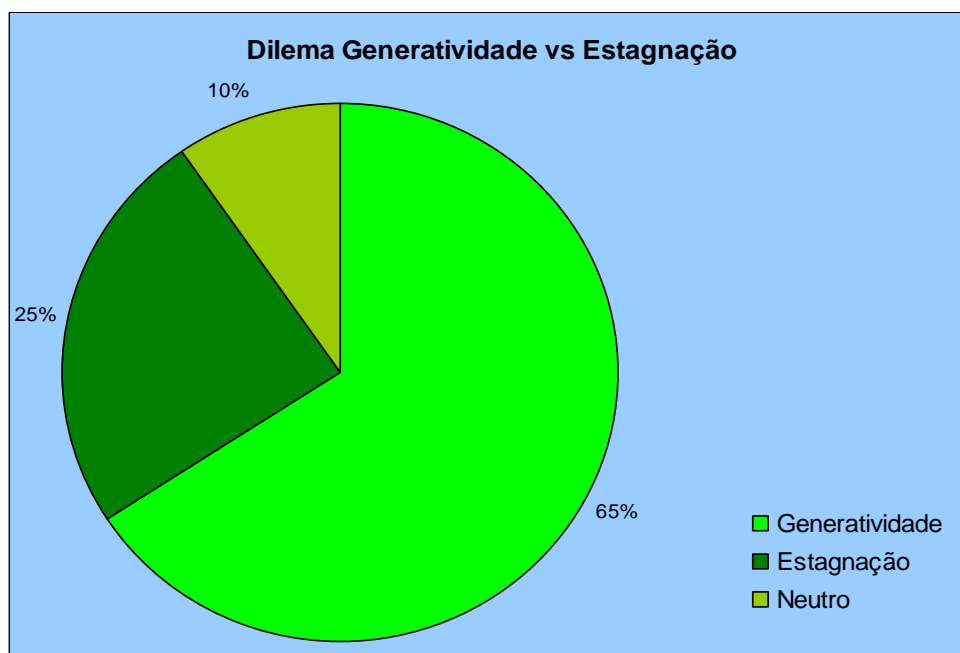


Figura 15 – Distribuição pelo dilema Generatividade vs Estagnação

O aspecto generatividade apresenta uma percentagem de 65% em excertos como *“Tive sempre muita actividade com eles, a trabalhar com eles na escola, e muito interesse a ensina-los, sempre.”* (IFD) em *“Núcleo Familiar Secundário”*, no lado oposto encontra-se com 25% a estagnação verificada em extractos como *“(…) tive sempre um bocado a parte a essas coisas. Relativamente deixei a instrução e encaminhamento para a minha mulher (...)”* (IMB) em *“Núcleo Familiar Secundário”* com 25%. As referências, à categoria neutra pode ser encontrada em excertos como *“já estive numa casa dessas, antes de ir para (...) estava numa casa dessas, onde já era profissional”* (IMC) em *“Núcleo Familiar Secundário”* apresentando uma percentagem de 10%.

Ao reflectir sobre os presentes resultados podemos verificar que a educação dos filhos num primeiro plano foi importante, seguindo-se a educação indirecta aos netos, é importante na vida dos participantes deste estudo podendo influenciar a resolução do dilema seguinte.

### VIII Estádio (Superior aos 65 Anos)

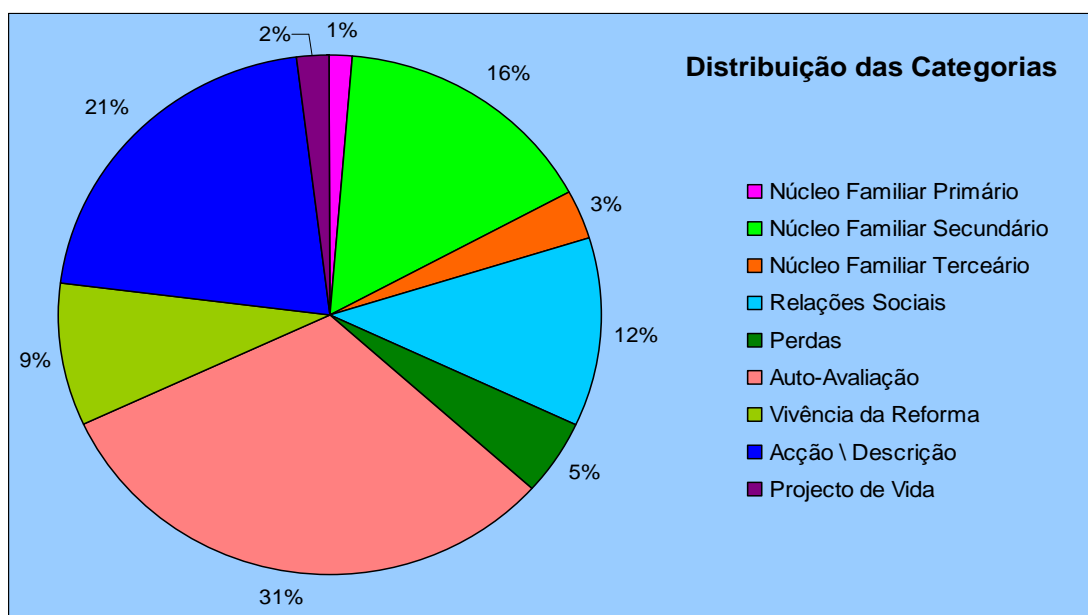


Figura 16 – Distribuição das sub-categorias no IV Estádio (Superior aos Anos)

No último estágio a sub-categoria com maior número de unidade de registos altera-se para “*Auto-Avaliação*” com 31%, seguindo-se a “*Acção \ Descrição*” com 21%, em terceira posição fica a “*Núcleo Familiar Secundário*” com 16%, verificando-se 12% na “*Relações Sociais*”, e por ordem decrescente verifica-se excertos sobre a “*Vivência da Reforma*” com uma exposição de 9%, com 5% e 3%, estão “*Perda*” e “*Núcleo Familiar Terciário*” e os últimos com 2% e 1% são “*Projecto de Vida*” e “*Núcleo Familiar Primário*”.

O dilema nesta ultima fase da Teoria Psicossocial de Erikson corresponde a integração de todas as experiências de vida como válidas para a sua história, em oposição a sentimentos de desespero e arrependimento que possam surgir após reflexão de vários acontecimentos pessoais que ocorreram ao longo do desenvolvimento. A sub-categoria analisada nestes aspectos foi a “*Auto-Avaliação*”.

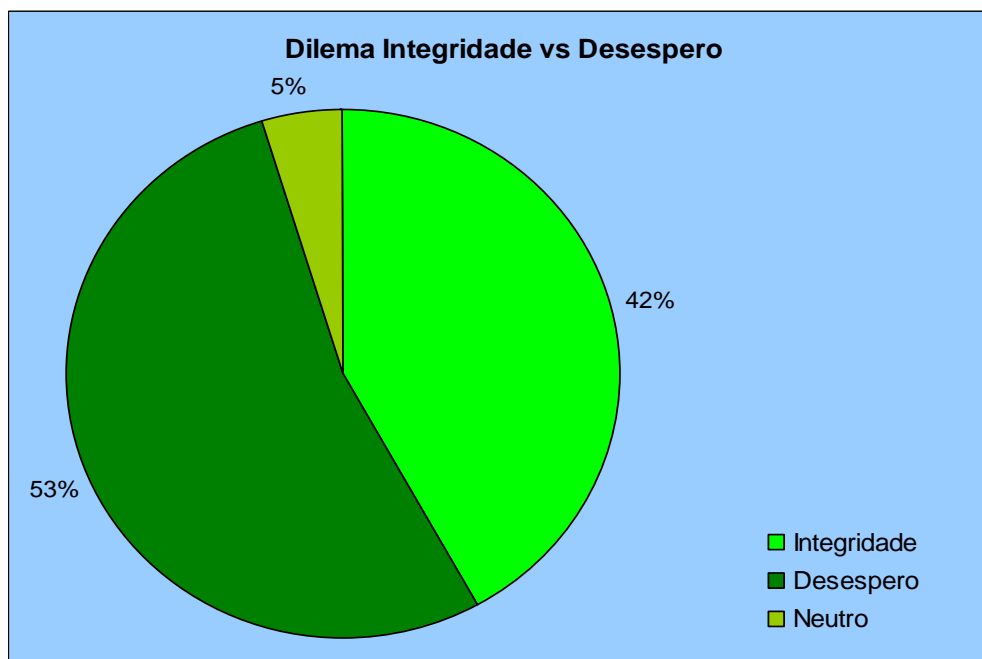


Figura 17 – Distribuição pelo dilema Generatividade vs Estagnação

A integração das diferentes experiências e vivências de vida verificam-se em excertos como *“Neste momento não estou interessado que tivesse grandemente mudado a vida da forma como ela me correu. Olhe correu-me bem.”* (IMC) que representam 42%, contudo o sentimento de desespero podem ser verificadas em expressões como *“Menos felizes, não tive assim... eu tenho dificuldades em ter momentos muito felizes, porque as minhas ambições foram sempre muito relativas (...)”* (IME) que se constata nos 53%. Os valores neutros correspondem a 5% e assumem a sua representação em expressões como *“Um passo de cada vez. E eu sou oitenta, e isso assim... outro tanto...”* (IME).

Numa reflexão sobre este dilema que encerra assim o desenvolvimento humano, pode-se referir que é neste momento que as pessoas efectivamente ponderam sobre as suas decisões ao longo da vida que os colocaram naquele momento ali, a serem entrevistados. Existe uma percepção por várias pessoas que poderiam realmente ter mudado o rumo das coisas, e sentirem que estão neste momento numa situação pior por não terem optado em determinados momentos da sua vida por situações diferentes.

## Analise das outras sub-categorias

As sub-categorias que se mantiveram ao longo de cada estágio de desenvolvimento corresponderam a “Acção \ Descrição”, “Auto-Avaliação”, a “Perda” e a “Sonhos e Projecto de vida”.

O que podemos referir que as unidades de registo correspondente a sub-categoria “Acção \ Descrição”, correspondem ao factual, ou seja, a descrição de diferentes vivências como reflexões sobre a sociedade como sobre a família, presente em todas as entrevistas. Neste âmbito é considerado referência a acontecimentos importantes para o indivíduo como casamentos, mudança de casa, expressões que se encontram isoladas no restante conteúdo. Os episódios que correspondem à pequenas histórias dentro da própria história de vida, presentes em exemplos como “*E então a minha avó dizia Ah não sei quê. Vamos lá comprar, vamos lá comprar... mas eu sozinha não sou capaz, vocês tem de vir também. De maneira que eu e a minha prima Patrícia agarramos numa asa, e ela agarrava noutra, vínhamos com grandes melancias, e aquela avó cumpria um ritual incrível. Quer dizer, cada melancia púnhamos no chão porque não podíamos levantar aquilo e por em cima da mesa, chegávamos uma melancia, a minha avó arredava tudo o que tava em cima da mesa e dizia Meninas tomem os vossos lugares. Abria a melancia, assim género partia, não... rachava a melancia, as vezes dava-lhe com um pau, aquilo para nós era uma festa, era uma festa. E então dizia assim... aquilo era uma festa mesmo, era uma festa, não era só para comer. Sentávamos e púnhamos ao desafio para quando ela dissesse Podem começar. (Ri-se) depois estávamos tão cheias de melancia, tão lambuzadas, tão... que ela dizia assim Só paramos – que ela gostava muito – só parámos de comer melancia, quando o molho estiver a correr pelos cotovelos, quando nós já não podíamos comer mais, mas não queríamos dar parte fraca, começávamos a fazer assim para o molho escorrer até aos cotovelos. Oh Avó já escorreu. (Ri-se) e então aquilo era realmente uma festa.” (IFE), locais, reflexões familiares “Pronto ela deve ter sofrido um bocado, e tal, e depois não podia vir a rua (...) ele não queria é que ela abrisse os olhos.” (IMD) e reflexões sociais em excertos como o próximo exemplo “Qualquer operário deste país, qualquer agricultor deste país foi conquistado pelo facilitismo que passou a existir de aquisição de rendimentos sem a gente se movimentar. O dinheiro cai do céu. Dava para a gente viver. Senão pergunte-me a mim se antes uma empresa podia dar ao luxo de pagar dez ou onze, quinze ou vinte mil contos a um trabalhador para ele se ir embora.” (IMC).*

A caracterização ao longo dos estádios de desenvolvimento da sub-categoria “Acção \ Descrição” pode verificar que os estádios V, VI, VII que correspondem ao período da adolescência (estádio V), a idade do jovem adulto (estádio VI) e a fase adulta (estádio VII), onde a predominação dos episódios como reflexões do social, que condicionaram de alguma forma o seu ciclo de vida.

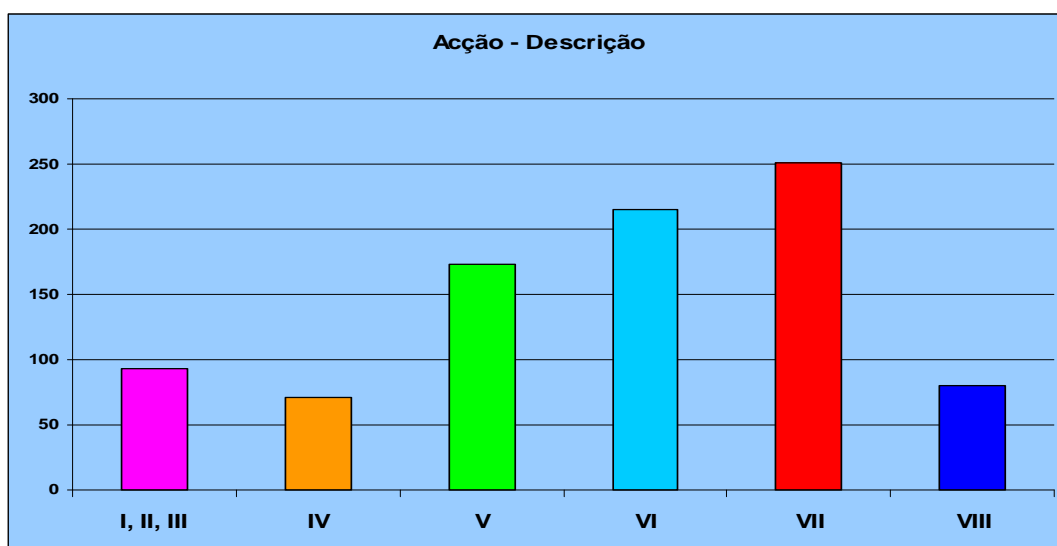


Figura 18 – Distribuição da sub-categoria “Acção \ Descrição” ao longo dos estádios.

No Figura 18, podemos verificar a distribuição da sub-categoria, com maior prevalência no estágio VII que corresponde a 28%, seguindo-se o VI estágio com 24% e em terceiro o estágio V com 20%.

No Figura 18.1 (Anexo A) podemos ver que dois dos aspectos mais relevantes consistiram na narração de episódios que apresentam a frequência mais elevada com 40%, seguindo a referência às reflexões sociais realizadas por todos os participantes como forma a localizar a sua história no tempo e no espaço, com o valor de 23%.

Na sub-categoria “Auto-Avaliação” os aspectos analisados que cada participante narrou corresponderam a sentimentos de si que se verificam em excertos como “*Aí, sentia-me triste, sentia-me revoltada!*” (IFD) que assumiam 34% ao longo do ciclo de vida. Aspectos como reflexões sobre si próprio são importantes a sua análise no intuito de compreender como cada indivíduo integrou essa vivência, podendo ser observada em excertos “*Então a minha vida... é uma vida com algumas irregularidades de percurso.*” (IMC), que representavam 37%. Outro dos aspectos estudados consistia nos conflitos internos ou morais que cada indivíduo possa ter vivido em determinado

momento da sua vida, verificável em expressões como *“Eu não era capaz de fazer isto, eu só... a única coisa que eu sabia, é que eu não era capaz de fazer isto.”* (IMD) que representam 9% do universo estudado. O último aspecto analisado nesta sub-categoria correspondeu a caracterização de si, ficando com uma percentagem total de 20% em locuções como *“Sempre gostei muito de aprender e de conviver, nunca tive receio de dizer não sei, quando não percebo como é, ou não sei como funciona.”* (IFC).

Os estádios que apresentam mais unidades de registo em *“Auto-Avaliação”*, é correspondente às fases em que foram iniciadas as relações sociais com outras pessoas para além do seu núcleo familiar, permitindo que a interacção com os outros pudessem ajudar a criar uma imagem de si próprio.

Os estádios V, VI, VII na Teoria Psicossocial são associados ao período de definição de quem se é como consequentemente a sua maturação de identidade.

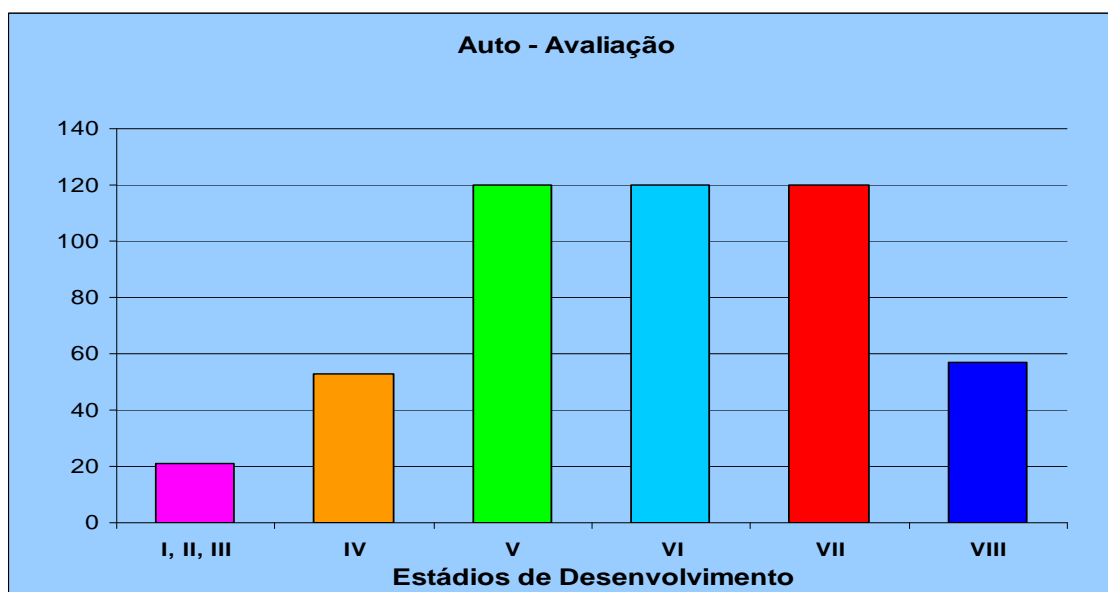


Figura 19 – Distribuição da sub-categoria *“Auto-Avaliação”* ao longo dos estádios.

A sub-categoria *“Perda”* é analisada na morte e luto de alguém importante, ausência de pessoas de referência, ao longo de todos os estádios de desenvolvimento nunca regista valores superiores a 5% a nível quantitativo, contudo a sua relevância na vida dos indivíduos é notória devendo-se ao facto de determinadas pessoas desaparecerem para sempre da existência destes participantes, que por sua vez acabam por elaborar sentimentos de vazio, afectando em muito todas as vertentes da sua vida. O período mais relevante para o elevado número de perdas corresponde ao

estádio VII (Figura 23 – Anexo A), contudo a ocorrência de uma perda nos primeiros anos afecta em muito o desenvolvimento humano.

A última sub-categoria que se mantém ao longo do desenvolvimento humano neste estudo corresponde aos “*Sonhos e Projectos de Vida*” (Figura 20), ou seja, os sonhos de criança que são forjados na entrada da criança na escola podendo ver-se em excertos como “(...) *quando entrei na escola, talvez porque gostei muito da minha professora, começou a nascer a minha vontade de ser professora.*” (IFC), ganhando consciência do que poderá vir a ser e desta forma influenciaram a elaboração de projectos de vida verificados em excertos como “(...) *decididamente o que eu queria mesmo era ser professora, e lá fui para a escola do magistério primário.*” (IFC) que puderam manter-se ou serem adaptados à realidade social. O período mais abundante nos projectos de vida associa-se a adolescência (estádio V), falando dos diferentes projectos tanto a nível pessoal como profissional. Contudo com a entrada nos estádios seguintes, ou seja, na fase adulta, os projectos pessoais deixam de ter a relevância verificada na época de definição de si enquanto indivíduo social.

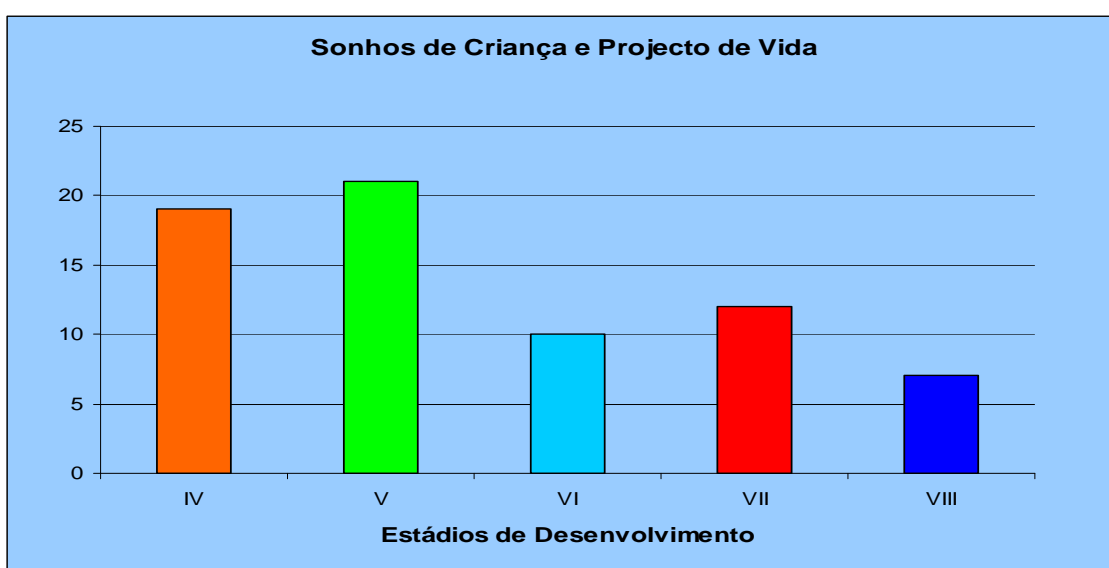


Figura 21 – Distribuição da sub-categoria “Sonhos de Criança e Projecto de Vida” ao longo dos estádios.

Análise de conteúdo da pergunta “O que é a Felicidade?” (Veenhoven, 1995)

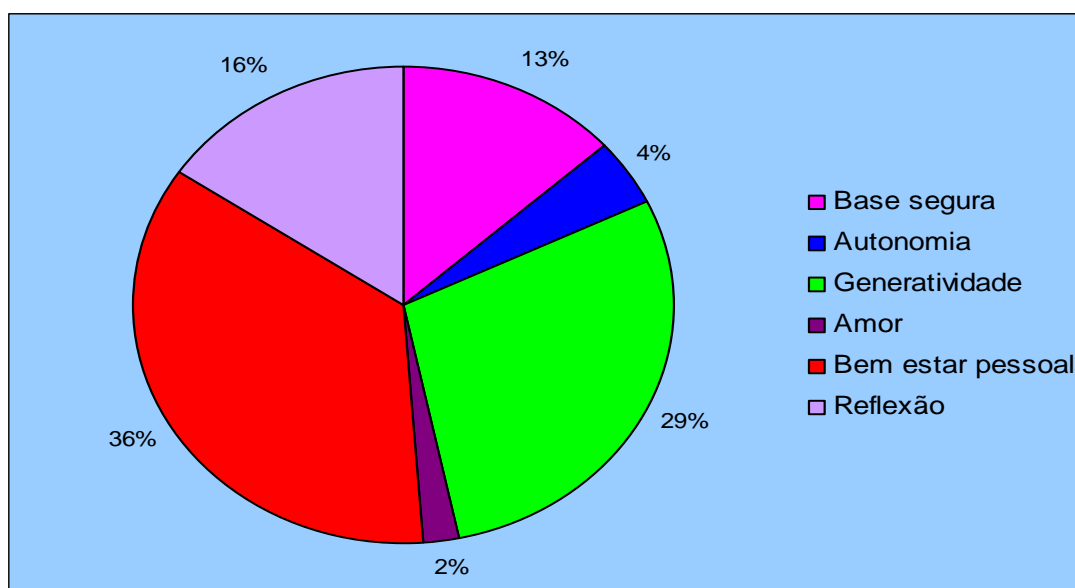


Figura 22 – Distribuição das categorias da pergunta “O que é a Felicidade?”

As categorias elaboradas neste instrumento, relacionaram-se com temáticas já analisadas nas histórias de vida, tendo sido definidas a “Base segura” que corresponde a expressões equivalentes “ (...) quando nos sentimos seguros, tranquilos (...)” que representam 13% do universo total. Já a categoria “Autonomia” corresponde a 4% verificando-se em expressões como “É a Liberdade de poder fazer o que gosto (...)”, no caso da categoria “Generatividade” que se manifesta em respostas como “Pôr os meus talentos, porque todos temos talentos, ao meu serviço e ao serviço dos outros.” obtendo 29%. Já a categoria “Amor” que reflecte 2% adopta respostas como “A felicidade é haver amor (...)”, já a alusão a categoria “Bem-estar pessoal” que representa 36% de respostas encontra-se em respostas como o exemplo “Felicidade é sentirmo-nos bem connosco própria (...)”, por último na categoria “Reflexão” que caracteriza 16% do total encontra-se em expressões como “É um sentimento muito subjectivo.”

A categoria com mais expressão nesta pergunta “O que é a Felicidade?” (Veenhoven, 1995) é a “Bem-estar pessoal” que remete que para o sentir-se bem consigo, ou seja, a percepção do indivíduo em relação a sua noção do que é necessita para se sentir bem. No caso da segunda categoria também com relevância podemos verificar que a categoria “Generatividade” que vai ao encontro ao Erikson (1966) da sua preocupação em passar o seu conhecimento a novas gerações, contudo aqui remete para o interesse com o outro, podendo ser familiar ou não.

Desta forma podemos compreender que a felicidade na concepção destes participantes passa pelo seu bem-estar pessoal, ou seja, viver com qualidade de vida, como também pela a generatividade conduz-nos na preocupação com o outro, que remete para a relação social com terceiros e com o mundo, e como este nos influencia.

## **Análise Qualitativa dos Resultados**

A amostra de dez participantes que colaboraram no estudo permitiu compreender alguns aspectos do desenvolvimento humano, com base na compreensão das relações primárias e conseqüentemente a sua influência ao longo do ciclo de vida.

Algumas das conclusões já retiradas permitem compreender que nesta amostra existe uma correlação entre a ansiedade e a representação de uma base segura, ou seja, enquanto aumenta a ansiedade, diminui também o registo de uma base segura.

Na Teoria Psicossocial (Erikson, 1969) é possível verificar que a confiança é desenvolvida no primeiro estágio de vida, tendo como base a relação entre a diade (Mãe-bebé). No presente estudo corresponde unicamente a um valor de 36% nas unidades de registo que falam das relações de confiança (Figura 5), tanto com a mãe como com o pai, contudo a relação com a mãe salienta-se a desconfiança (Figura 5.1 - Anexo A), relacionando-se com os valores altos no registo da ansiedade traço (Figura 24 – Anexo A) e conseqüentemente afectar a representação individual de uma base segura (Figura 25 - Anexo A).

No procedimento desta análise, destacam-se algumas linhas de orientação tendo em conta as relações afectivas como o “*Núcleo Familiar Primário*”, como afectaram a “*Vivência escolar – profissional*” e a realização dos “*Sonhos de Criança e Projecto de Vida*”.

## Núcleo Familiar Primário

Neste estudo, as relações com os pais são designadas por núcleo familiar primário, em virtude de serem as primeiras relações que cada indivíduo estabelece quando nasce. Neste âmbito é normativo haver uma carga afectiva elevada quando mencionados cada um dos progenitores.

### Mãe

No caso da figura materna, mediante os resultados obtidos pela análise e quantificação das unidades de registo, foi verificado que a confiança estabelecida com a mãe não era significativamente forte, podendo referir que uma forma geral, todos os indivíduos mostraram uma confiança mais baixa na figura materna em relação à figura paterna, correspondendo a 22% (figura 5.1 – Anexo A) do universo total. Fazendo alusão ao cuidado da progenitora em assegurar as necessidades biológicas como a alimentação, o sono, entre outros, mas descurando necessidades psicológicas como a demonstrações de carinho, afecto, ternura, amor. Sendo exemplificado nos seguintes excertos:

*“(...) fui querida pelo pai, mas rejeitada pela mãe.” (IFA)*

*“(...) avó e tias fecharem-me num círculo, e ela [mãe] no meio a puxar-me os cabelos. Portanto, castigos muito severos.” (IFC)*

*“A relação com a minha mãe, tenho a relação ainda normal do dia a dia, é minha mãe, e as vezes visito-a e telefono, coisas do género.” (IMA)*

Estes resultados são compatíveis com outros estudos em que este tipo de relação com a figura materna conduz a modelos de representação convencionais criados pelas mães de crianças ambivalentes e evitantes (George & Solomon, 1996 citado in Huet & Rabouam, 2004).

Este tipo de relacionamento pode ser visto como activando falhas básicas (Balint, 1969), ou seja, o desenvolvimento de uma relação objectal primária que não possibilitou o acesso um terceiro individuo na interacção mãe-criança, transformando sentimentos de gratificação em frustração, revelando-se assim figuras maternas pouco securizantes devido aos seus *“cuidados insuficientes e deficientes, excessivamente*

*angustiado, super protector, severo, rígido, muito inconsistente, inoportuno, super estimulante ou apenas sem compreensão ou indiferente” (Balint, 1969)*

Neste âmbito, e comparando com os resultados quantitativos das narrativas de base-segura, visualizamos no gráfico 25 (Anexo A) a predominância da base insegura no cartão da “*Manhã do bebé*”, que activa o protótipo de um script de interacção mãe-criança.

### **Existência de uma figura materna substituta**

Verifica-se que na vida dos participantes IFA, IFC, IFE e IMD, a existência de uma figura feminina que assume as funções uma mãe substituta afectiva, nas situações de rejeição ou ausência materna.

### **Estádios da confiança, autonomia, iniciativa**

Na história de vida dos indivíduos IFA e IFC, esta situação ocorre nos primeiros anos de vida, permitindo redefinir o modelo operante interno (Bowlby, 1969) da figura materna, que consistia na representação de uma interacção da diade mãe-criança de rejeição e severidade, influenciando a forma de interrelacionar-se com os outros.

Este aspecto é exemplificado nas seguintes transcrições:

*“Da minha tia tenho, da minha tia era uma meiguice, uma ternura. Mesmo quando a encontrava, eu é que tinha de a encontrar secretamente, porque a minha mãe até tinha inveja.” (IFA)*

*“Lembra-me muito bem houve uma noite, que tava um grande trovão, fomos todas para a mesma cama. A minha avó aos meus pés, e eu a cabeceira com a minha madrinha. E a minha avó a mandar-me a por os pés no meio das pernas dela para eu não sentir frio. (Ri-se) Mesmo o cuidado com a alimentação, o cuidado comigo é em casa da minha avó, e eram o meu pronto socorro.” (IFC)*

A existência de uma figura materna substituta parece relacionar-se com o valor de ansiedade traço, uma vez que estes indivíduos apresentaram valores mais baixos em comparação ao universo total (Figura 24 – Anexo A).

### **Estádios da indústria e identidade**

Já no caso dos IFE e IMD, a situação é diferente uma vez que esta figura materna substituta surge já nos IV (latência) e V estágio (adolescência), havendo já o registo de um MOI, de interacção com a mãe. A representação de uma base em todos os indivíduos caracteriza-se por insegura mediante o Figura 25, contudo no caso do IFE é superior ao IMD.

A figura materna substituta no caso do IFE foi securizante, revelando a possibilidade de construir uma relação de confiança e manter a sua representação de base segura.

*“Acontece que eu dei-me muito bem com essa tia, essa tia tinha assim uma adoração por mim, uma coisa. Porque ela via que eu também me empenhava nas coisas, ajudava a por os taipais (...) E fazia assim muitas brincadeiras, e ela dizia que o facto de ter ali uma pessoa bem disposta também era agradável para ela, e pronto. Sentiu-se muito mais acompanhada, e depois eu era muita brincalhona. (...) ela estava um bocado preocupada comigo (...)” (IFE)*

Na história de vida do IMD a figura materna substituta, revelou-se pouco securizante afectando outros aspectos, da valência cognitiva nomeadamente o investimento escolar e a realização dos sonhos de criança na constituição de um projecto de vida válido.

*“(...) ela não era minha tia de sangue, ela nunca me chamou sobrinho. (...) e depois quando chegava a casa, a minha tia, como era muito cedo não tinha o jantar pronto, e depois ia para a escola sem comer. Ia para a escola sem comer, quando vinha era meia noite. Quando chegava a meia-noite não podia estar a fazer barulho, para não acordar a família, ia-me deitar sem comer.” (IMD)*

### **Interacção materna – base insegura**

Nos restantes casos, os cuidados parentais foram assegurados, tendo sido activado o sistema de caregiving (Bowlby, 1988) pelas mães, que se manifestou nos cuidados físicos, contudo a relevância dos cuidados afectivos como o embalar, consolar, permitindo trabalhar a confiança de cada indivíduo na relação materna, e consequentemente desenvolver a autonomia, não se desenvolveu da mesma forma tendo desse modo activado uma falha básica (Balint, 1969) que despoletou o desenvolvimento da ansiedade traço (presente no Figura 24 – Anexo A), consequência de uma base insegura, ou seja, a mãe não foi sentida como um porto seguro.

*“Com a minha mãe sempre bem, coitada. Fazia os possíveis e os impossíveis para que a gente fosse vivendo.” (IMB)*

*“E com a minha mãe as vezes, ficávamos por ir, qualquer coisa que ela fazia ou que ela dizia, porque ela não calava nada. Fosse a quem fosse, o que ela tivesse de dizer saía tudo, e as vezes, não prestava. Eu não prestava.” (IFG)*

### **Pai**

No caso da figura paterna, é verificado um maior número de registos no aspecto da confiança, representando 52% do universo total, conduzindo para a importância dada por cada indivíduo ao pai.

O papel do pai no desenvolvimento humano tem vindo a ser estudado por diversos autores (Lamb et al, 2000; Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A., 2006), sendo perceptível que a interacção da diade pai-criança se baseia nos cuidados parentais – caregiving, e nas brincadeiras, recreação e orientação em acções e tarefas (Lamb, 2003). Contudo as interacções paternas divergem de cultura para cultura, registando-se um maior número de comportamentos de interacção dos pais após os dois anos, ou seja, na transição de bebé para criança (Lamb et al, 2000).

No presente estudo, é verificado como a perda efectiva ou ausência física ou afectiva do pai nos primeiros anos de vida, apresenta consequências no desenvolvimento humano individual.

Na amostra do presente estudo, cinco dos indivíduos apresentaram uma figura paterna insegura, enquanto na restante amostra o pai assumiu uma postura reguladora da diade mãe-criança.

### **Estádios da confiança, autonomia, iniciativa**

Nas histórias de vida de IFA, IMB a perda do pai nos primeiros anos de vida, na de IMA o afastamento do pai por divórcio, na de IFG a ausência afectiva do pai, e na de IMD uma má relação com o pai, foram significativas.

Nas histórias de vida de IFA, IMB a perda do pai por morte influenciou toda a trajectória de vida em virtude do mesmo ter sido sinónimo da estrutura familiar, uma vez que representava o sustento como também era o guardião dos valores e tradições familiares.

A ausência do pai pareceu despoletar no caso de IMB e no IMA a necessidade de crescer para ocupar o lugar deixado pela perda ou ausência do pai e assegurar assim o sustento familiar. Na história de IFA surgiu uma figura paterna substituta, que apesar de tudo não colmatou a falta afectiva do pai.

*“(...) fiquei órfã do meu pai aos sete anos. (...) mas do meu pai lembro-me, comigo com sete anos, quando morreu tinha sete anos, o meu pai era muito afectuoso com essa idade. (...) o meu pai ensinou-me a ler” (IFA)*

*“(...) e a morte de meu pai, porque não tive aquela infância que teria. (...) [reflexão da morte do pai] E olhe portanto aí tive eu o azar, perdi. Perdi a cartada, perdi o dinheiro, perdi o jogo, perdi o Ferrari.” (IMB)*

*“(...) [divorcio dos pais e partida do pai para o estrangeiro] o meu pai lá fora ... quem sou eu para estar a julgar, ainda que eu no intimo faça as vezes as minhas avaliações (...), ele deixou de enviar dinheiro para o alimento dos filhos para que ela [mãe] não tivesse, não usufrui-se também.” (IMA)*

### **Transmissão transgeracional**

No caso do IFG foi perceptível que a ausência afectiva do pai, acabou por influenciar a construção enviesada de um MOI, que serviu como modelo referencial para uma relação amorosa, tendo encontrado posteriormente um parceiro ausente afectivamente.

*“(...) afectava-me pronto, porque ele [pai], pronto, apanhava grandes bebedeiras e depois dizia coisas sem nexo e assim. (...) se o meu pai tivesse sido um homem, que tivesse, que fosse normal, a vida dele. A gente podia ter estudado, eu e a minha irmã.” (IFA)*

*“(...) tive um período de vida muito ruim com ele [marido]. Quer dizer... tive um período de vida muita ruim que deixamos, que deixei, principalmente, deixamos de ter aquela relação que tínhamos de bom entendimento. (...) primeiro de eu saber tudo da vida dele [marido] que eu não sei nada.” (IFA)*

No caso do IMD, a relação com a figura paterna foi afectada por intermédio da má qualidade da relação do casal parental, estando relacionadas com a personalidade

paterna, o contexto do casamento e conseqüentemente a ausência de uma rede social de apoio materno. Esta figura paterna desenvolveu uma relação baseada na desconfiança, não tendo nunca activado os comportamentos de caregiving, e realizando actividades com o IMD durante a infância, adolescência e o resto da vida, tendo como consequência o afastamento afectivo entre os dois.

*“Eu e o meu pai, foi sempre uma, nunca, nunca nos demos bem, portanto nunca houve... houve sempre uma controvérsia muito grande ente mim e ele (...) só que chegava ao pé do meu pai, e mostrava-lhe os pontos e tal, e ele dizia assim - Não fizestes mais que a tua obrigação! (...) e quando ele dizia vai lá buscar o livro, eu entrava num transe, e eu não sabia ler, ele mandava-me ler e eu não era capaz de ler. Eu começava a trocar, trocava tudo (...)” (IMD)*

### **Interacção paterna – base segura**

A figura paterna na maioria dos participantes assumiu funções correctivas em relação a influência materna, auxiliando as mães que não funcionavam de modo autónomo, permitindo fornecer uma base segura para a figura materna (George e Solomon, 1996, cit in Rabouam & Moralès-Huet, 2004).

### **Casal parental**

O casal parental, tanto o pai como a mãe, enquanto figuras vinculativas promovem o desenvolvimento de uma base segura que se traduz no sentimento de confiança e consecutivamente numa adaptação constante às necessidades físicas e afectivas da criança, sendo flexíveis em diversos pontos do desenvolvimento (Rabouam & Moralès-Huet, 2004).

Os indivíduos que acabaram por apresentar casais parentais com estes cuidados, foi unicamente o caso do IFE, que se regularam mutuamente, tendo uma representação mental flexível dos cuidados parentais, permitindo o desenvolvimento da confiança, permitindo o desenvolvimento de uma base segura e a construção de um MOI que serviu como base para a construção do seu sistema caregiving, utilizando posteriormente nas suas relações com os seus descendentes.

Visível nas seguintes transcrições:

*“(...) tive os pais fabulosos, a minha mãe era uma pessoa muito dócil. Muito meiga, ah... e apesar de ter muito pouca instrução é uma pessoa com uma capacidade de transmitir assim coisas muito boas. (...) O meu pai foi sempre muito carinhoso com ela, e muito carinhoso connosco, e era uma pessoa muito, para o tempo dele...” (IFE)*

*“E o meu pai foi sempre uma pessoa que me puxou, e a minha mãe também.” (IFE)*

Opondo-se ao casal parental do indivíduo IMD que apresentavam modelos de representação convencionais, ou seja, mantinham o cuidado de protecção, alimentação, atenção às necessidades físicas, assumindo posteriormente uma postura afectiva distante em relação, como no exemplo abaixo:

*“ [relação entre casal] ela chegou-me a contar coisas, coisas se calhar entre ele, casal, e eu assisti muitas cenas tristes, e eu sei que ela nessa altura, se calhar, não me devia ter-me contado aquilo, devia ter em atenção a minha idade, que eu não compreendia (...) que me levou ao ódio, o meu pai era o mau!” (IMD)*

Os actuais estudos da tríade (Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos., A., 2006) apontam para um maior envolvimento do pai na relação com o filho, devendo-se ao facto da figura materna assumir uma profissão, para auxílio do sustento da casa, contudo na infância da maior parte dos indivíduos da presente amostra, foi verificado que as mães mantinham-se na sua residência, podendo realizar alguns trabalhos para auxiliar a subsistência familiar, como no excerto abaixo:

*“Lembro-me dela sempre a trabalhar, mesmo deitada sempre a fazer renda (...)” (IFE)*

E a nível social o pai era representativo do sustento familiar, ausentando-se com maior frequência da casa e consecutivamente da interacção com os filhos, em relação a mãe, como ilustra o exemplo abaixo:

*“Lembro que ele trabalhou em tudo, era capaz de se dedicar a muitas (...) lembro que ele trabalhava por essas quintas todas, ou como caseiro, ou como trabalhador, ele trabalhava como caseiro.” (IME)*

## **Vivência escolar – profissional e Sonhos de Criança e Projecto de Vida**

O desenvolvimento da confiança no ciclo de vida permite o despertar da curiosidade como a exploração do meio sem receios do desenvolvimento de culpa e consequentemente sentimentos de inferioridade, permitindo-se sonhar e delinear projectos de vida, que pudessem conduzir a felicidade.

### **O sonho desfeito**

Nas histórias dos indivíduos IFA, IFD e IFG ocorreu o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, tendo chegado a um determinado ponto e estagnado, acabando por condicionar os seus sonhos de criança e consequentemente o desenvolvimento dos seus projectos de vida.

Como ilustra os seguintes excertos:

*“(...)os meus sonhos ficaram pelo caminho (...) Não entrei em belas artes, porque podiam, podia haver vibração, porque estava na imaginação da minha mãe, depois não tirei o meu curso porque morreu o meu pai, faleceu o meu pai (...)” (IFA)*

*“aquilo que eu gostava ter feito, de ter feito, de ter feito, e talvez me sentisse mais realizada. Hoje sentia-me mais realizada, se tivesse começado logo muito mais nova, portanto, a dar formação, a ter uma formação não é? Neste caso na parte da, da trabalhos manuais que era aquilo que eu queria e ter começado mais cedo a trabalhar. Ai é que eu me via, que devia ter sido feito.” (IFD)*

*“Não tinha grandes sonhos, talvez pela vida que tive sempre, nunca tive grandes sonhos. (...) [sonho] ter estudado e ter arranjado um emprego. (...)” (IFG)*

### **Inexistência do sonho**

A inexistência de sonhos de criança e concretização em projectos de vida é uma constante nestas histórias, exemplificando no excerto seguinte:

*“Nunca fui assim de grandes sonhos (...)” (IMA)*

### **O sonho e a realidade social**

Já nas histórias de IMA, IMB, IMC, IMD e IME a vivência escolar realizou-se mediante as alternativas existentes, entrando precocemente no mundo profissional, e valorizando o trabalho realizado, do qual provinha parte do sustento familiar.

*“Tinha que ser e não podia estudar como alguns já conseguiam não muitos, portanto tinha de trabalhar fui a procura de trabalho.” (IMA)*

Existiram projectos de vida que consistiam em constituir família, ter uma casa e um carro, ter um emprego certo.

*“Eu sempre idealizei enquanto criança, ter a minha casa, portanto constituir família, trabalhar (...) Mas sempre idealizei a morar-me numa casinha térrea, pequenina, com cortinitas feitas por mim, daquelas cortinas que se vêem ai assim, tudo muito arranjadinho, tudo muito branquinho (...)” (IFC)*

### **O sonho de criança**

No caso das narrativas de IFC e IFE existe uma progressão dos estudos, apoiada pelos pais, levando a sua profissionalização no projecto definido na infância.

*“(...)para depois quando entrei na escola, talvez porque gostei muito da minha professora, começou a nascer a minha vontade de ser professora.” (IFC)*

*“(...) De maneira que, decididamente o que eu queria mesmo era ser professora, e lá fui para a escola do magistério primário.” (IFC)*

É importante realçar que a vivência profissional foi um marco muito importante na vida de todos os intervenientes, uma vez que permitiu alargar o seu rol de contactos sociais como afectivos, contudo foi também interpretado por parte do entrevistador em alguns casos o investimento na profissão, conduziu a um desinvestimento familiar e pessoal.

## Conclusões

A realização deste estudo exploratório permitiu aprofundar a compreensão da confiança (Erikson, 1969) na interacção entre a diade e tríade, e activação do sistema de caregiving (George e Solomon, 1996), ou seja, a prestação de cuidados (a aproximação, o chamamento, o abraçar, o embalar e segurar, o consolar), influenciando a resolução dos dilemas psicossociais ao longo do seu ciclo de vida.

Segundo alguns autores (Lamb et al, 1987; George & Solomon, 1996, citado in Monteiro, L.; Veríssimo ), nas situações em que o desenvolvimento da confiança no casal parental é irregular, pode ter origem em vários aspectos como o contexto socio-económico, a ausência dos pais devido a profissão, entre outros.

Neste âmbito, o objectivo inicial deste trabalho consistia em verificar como as falhas básicas (Balint, 1968) poderiam influenciar a vinculação (Bowlby, 1969) de cada indivíduo, e a sua associação a ansiedade traço e consequentemente o despoletar do medo de fracassar no seu caminho da felicidade.

Seguindo esta concepção teórica, conjugaram-se diferentes instrumentos no sentido de operacionalizar esta ideia, desta forma as conclusões apresentam-se em duas fases.

### **Primeira fase**

A representação de uma base segura pode influenciar a ansiedade traço, uma vez que se confirma a correlação entre os resultados dos dois instrumentos o STAI – Inventário Traço – Estado de Ansiedade (Spielberger, 1994) e o Script de Base Segura (Waters & Waters, 2006), podendo associar à uma representação de uma base insegura, o aumento significativo da ansiedade traço.

### **Segunda fase**

Na análise das histórias de vida, constatou-se que a confiança na mãe é inferior em relação a confiança depositada na figura paterna, tendo em conta o dilema de confiança versus desconfiança (Erikson, 1969). Parecendo relacionar-se com os dados já obtidos pela correlação dos dois primeiros instrumentos.

Na análise dos dados correspondentes ao instrumento “*O que é a Felicidade?*” (Veenhoven, 1995), apontam para um bem-estar pessoal, como também o cuidado com os outros, sejam familiares ou não, reflectido na generatividade (Erikson, 1969).

### **Reflexão**

Relacionando as diferentes temáticas, verificamos a importância das primeiras relações na vida de cada indivíduo.

Foi constatado neste estudo, que a existência de uma base insegura apresenta uma correlação com o aumento da ansiedade traço de cada indivíduo, relacionando por sua vez com o relato autobiográfico do indivíduo, nomeadamente na resolução do dilema confiança versus desconfiança (Erikson, 1969), onde a relação de confiança preferencial é com o pai, validando desta forma a construção de um script de base insegura da figura materna.

Durante a análise das histórias de vida é verificado que a existência de figuras substituas afectivas parece conduzir a uma diminuição da ansiedade traço, como também minimizar as consequências negativas da ocorrência da falha básica, consequência de uma vinculação insegura.

Redefinindo o modelo operante interno ajustado a nova realidade. Desta forma, conduzir a uma transmissão transgeracional da vinculação, reflectida na concepção pessoal de felicidade de cada um, pelo lado da generatividade, ou seja, a preocupação com o outro.

Desta forma pode-se referir que o desenvolvimento da confiança, com base numa relação vinculativa com a mãe, diminuirá a ansiedade e consequentemente atenuará o surgimento do medo de serem felizes, arriscando e assumindo os diversos desafios ao longo de um ciclo de vida.

### **Pontos Críticos**

Alguns aspectos críticos que poderão ter influenciado as conclusões deste estudo exploratório, consistem em:

- Ocorrência de aspectos transferênciais e contra-transferênciais em cada entrevista, relacionando-se com o género e postura do entrevistador e entrevistado.
- A duração da entrevista variar consoante o desenvolvimento da relação empática e a personalidade de cada participante.
- A adaptação do guião mediante o discurso do entrevistado.
- A presença de um gravador, como factor inibidor.

Alguns pontos de partida para novas investigações partindo deste estudo, poderão consistir na compreensão do desenvolvimento da resiliência na temática da vinculação, como também verificar concepção teórica do desenvolvimento psicossocial de Erikson nos dias de hoje.

As aprendizagens obtidas ao longo deste estudo permitiu compreender a importância da confiança na base segura, no caminho da felicidade.

*“Posso ter defeitos, viver ansioso  
e ficar irritado algumas vezes mas,  
não esqueço de que minha vida  
é a maior empresa do mundo,  
e posso evitar que ela vá à falência.*

*Ser feliz é reconhecer  
que vale a pena viver  
apesar de todos os desafios,  
incompreensões  
e períodos de crise.*

*Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas  
e se tornar um autor da própria história.  
É atravessar desertos fora de si,  
mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma.  
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.*

*Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.  
É saber falar de si mesmo.  
É ter coragem para ouvir um "não".  
É ter segurança para receber uma crítica,  
mesmo que injusta.*

*Pedras no caminho?*

*Guardo todas, um dia vou construir um castelo..."*

*Fernando Pessoa*

## Referências Bibliográficas

Atkinson, R. (1998). *The Life Story Interview* Sage University Papers Séries on Qualitative Research Methods, Vol. 44. Thousand Oaks, CA: Sage.

Balint, M. (1979) *The Basic fault - Therapeutic Aspects of Regression*. London: Routledge.

Balint, M. (1985) *Primary love and psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo* Lisboa: Edições 70

Bastos, J. (1977). Para uma metodologia estrutural – dinâmica de análise de textos literários – I. *Análise Psicológica*, 1, 33 – 49

Bowlby, J. (1984). *Apego* Sao Paulo: Martins Fontes

Bowlby, J. (1984). *Separação, Angústia e Raiva* Sao Paulo: Martins Fontes

Bowlby, J. (1984). *Perda: tristeza e depressão* Sao Paulo: Martins Fontes

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss* Middlessex : Penguin Books

Burguess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.

Erikson, E. (1959). *Identity and the life cycle*. New York: W.W. Norton & Company

Erikson, E. (1972). *Identidade juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar

Erikson, E. (1971). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar

Fonseca, A. (2005) *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.

Freud, S. (1989) *Teoria da Sexualidade* Mem Martins: Publicações Europa-América

Gil, J. (2005). *Portugal, Hoje – O medo de existir*. Lisboa: Relógio de Agua.

Guedeney, N.; Guedeney, A. (2004) *Vinculação Conceitos e aplicações* Lisboa: Climepsi Editores.

Gruen, A. (1986). *A traição do Eu o medo da autonomia no homem e na mulher*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Hesse, E., Main, M. (1999) Second-generation effects of unresolved trauma in Nonmaltreating Parents: Dissociated, Frigthened, and Threatening Parental Behavior. *Psychoanalytic Inquiry*, Vol. 19, 481-540

King, L. A., Hicks, J. A. (2007) *Whatever Happened to "What Might Have Been"?* *Regrets, Happiness and Maturity* American Psychologist. Vol 62 7 625 - 636

Krippendorff, K. (1980). *Content Analysis an introduction to its methodology* California: Sage Publications

Legard, R.; Keegan, J.; Ward, K. (2003). *In-depth Interviews in Ritchie, J. and Lewis, J. (Editors) Qualitative Research Practice. A Guide for Social Science Students and Researchers*. London: Sage Publications.

Lewis, C.; Lamb, M. E. (2003) *Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parent families* European Journal of Psychology of Education Vol. XVIII nº2, 211-228.

Matos, A. C. (2005). *Violência e Medo*. Comunicação apresentada no XVIII Simpósio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Lisboa.

Matos, A. C. (2001) *Depressão* Lisboa: Climepsi Editores

Cabrera, N.; LeMonda, C.; Bradley, R.; Hofferth, S. & Lamb, M. E. (2000) *Fatherhood in the Twenty-First Century* Child Development, Vol. 71 nº 1 127-136.

Nascimento, M. J. (2004) *"O que as crianças institucionalizadas pensam acerca dos comportamentos desviantes? Análise de conteúdo de entrevistas."* Monografia de Licenciatura apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

Pais, L. (2004). *Uma história das ligações entre psicologia e o direito em Portugal: Perícias psiquiátricas médico-legais e perícias sobre a personalidade como analisadores*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto.

Crespo, J. M. (2005) *Psicopatología de la afectividad* in Ruiloba, J. V., *Introducción a la psicopatología y la psiquiatria*. 5ª Ed. Barcelona: Masson, 16, 219-234.

Silva D. (2003) *Inventário de Estado – Traço de Ansiedade: s.t.a.i*. In Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa, 1, 45-63. Lisboa: Quarteto.

Symington, J. & Symington, N. (1999) *O pensamento clínico de Wilfred Bion* Lisboa: Climepsi Editores

Torres, N. (2008). *Disorders of Emotional Containment and their somatic correlates. The Protomental nature of Addictions, Self-harm and Non-communicable diseases*". These de Ph.D em Estudos Psicanalíticos. Universidade de Essex, Reino Unido.

Vala, J. (1986). *Análise de Conteúdo* in Silva, A.; Pinto, J.; Metodologias das Ciências Sociais, (101-128), Porto: Edições Afrontamento.

Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). *Coordenação entre o modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos*. *Análise Psicológica*, 23 (2), 7 17.

Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J. (2006). *Para além da mãe: a vinculação na tríade mãe-pai-criança*. in *Caderdo do bebé* Lisboa: Fim de Século. 73-85.

Waters, S. & Waters, E. (2006) *The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representation of secure base experiences*. *Attachment & Humam Development*, 8 (3) 185-197

Willians, C. D. & Reitman, E. E (1961) *Relationships between hope of success and fear of failure, anxiety, and need for achievement*. *Journal of Abnormal and Social Psychology*. Vol 62 2 465-467



## ANEXO A

Figuras de análise dos dados obtidos

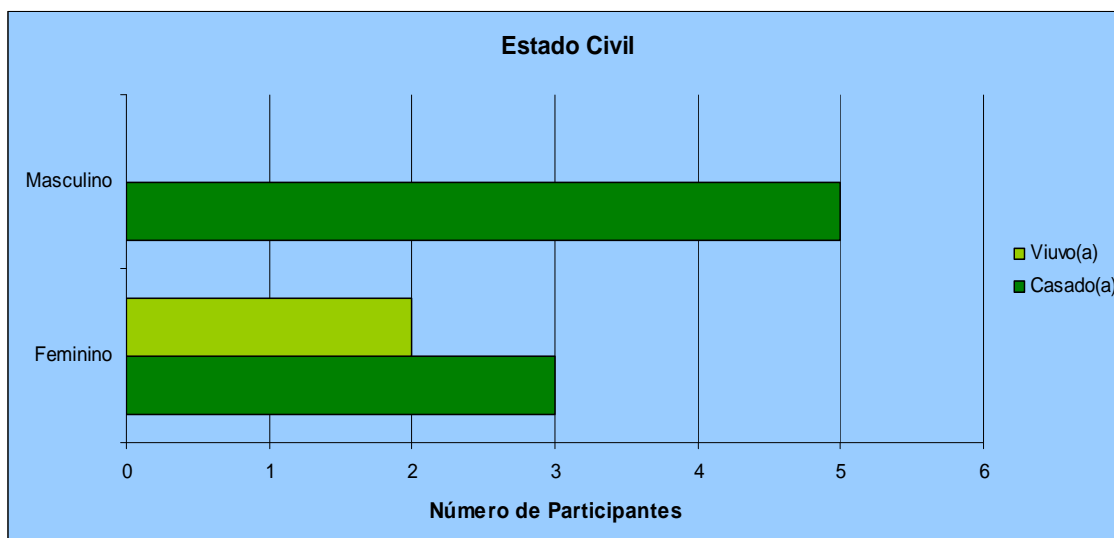


Figura 2 – Caracterização dos participantes pelo Estado Civil.

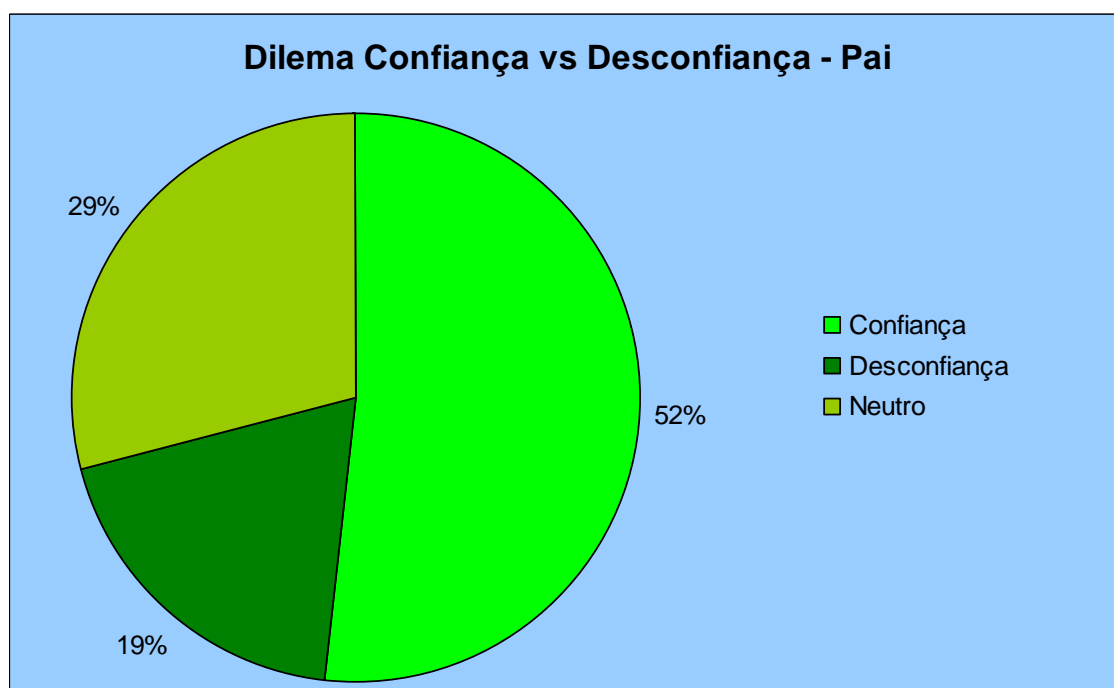


Figura 5.1 – Distribuição pelo dilema Confiança vs Desconfiança - Pai.

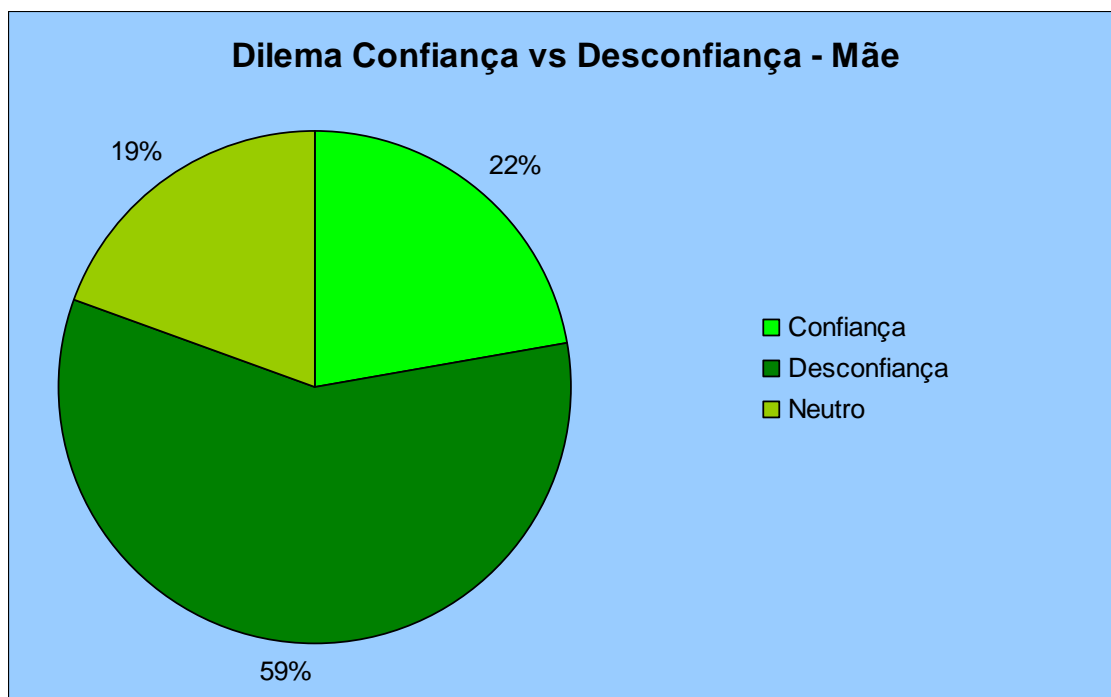


Figura 5.2 – Distribuição pelo dilema Confiança vs Desconfiança - Mãei.

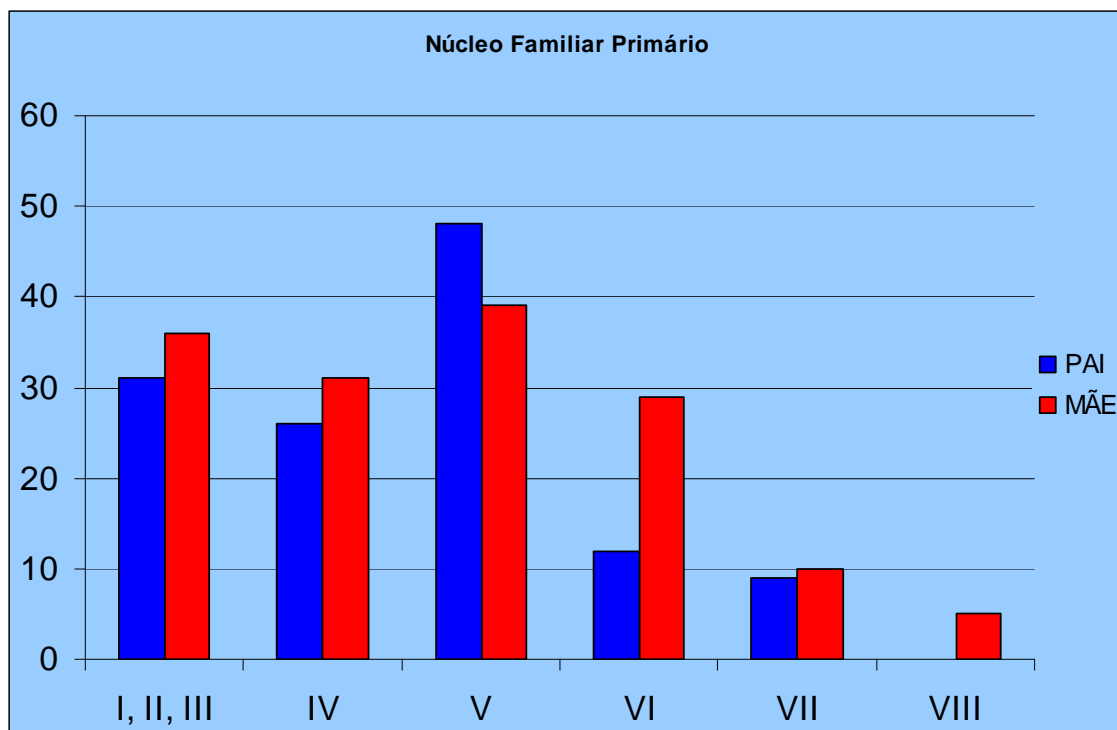


Figura 5.3 – Distribuição da sub-categoria “Núcleo Familiar Primário” ao longo dos estádios

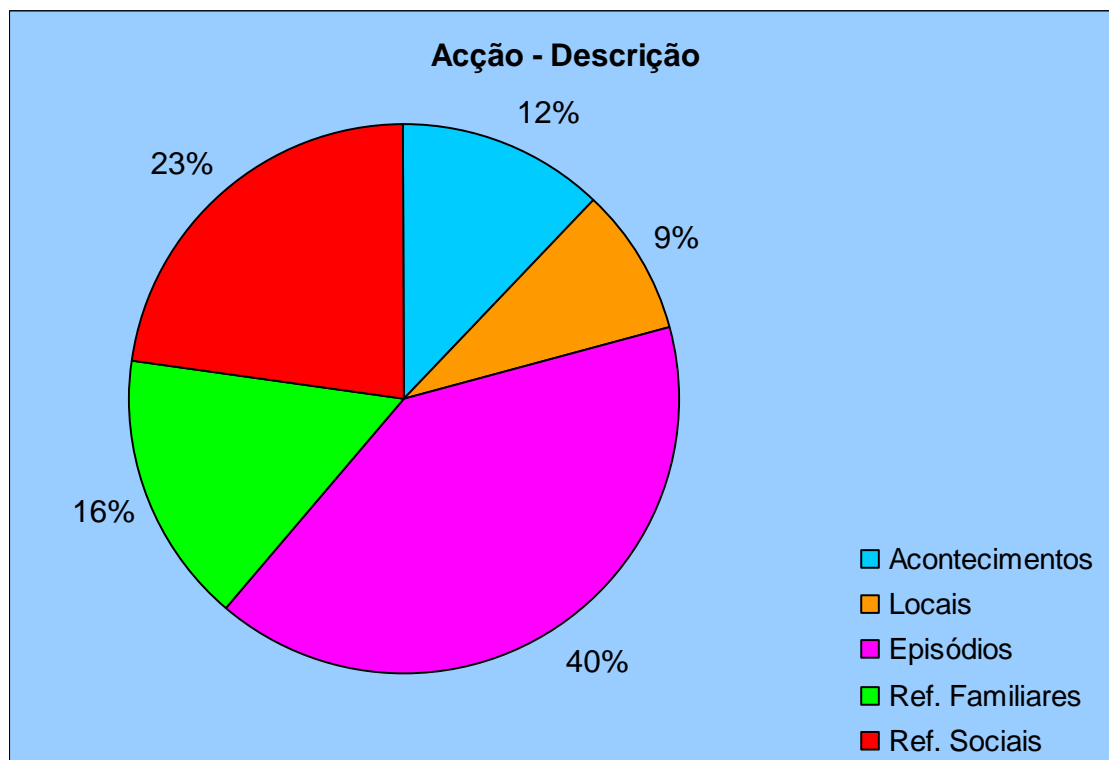


Figura 18.1 – Caracterização dos aspectos da Sub-categoria “Acção-Descrição”

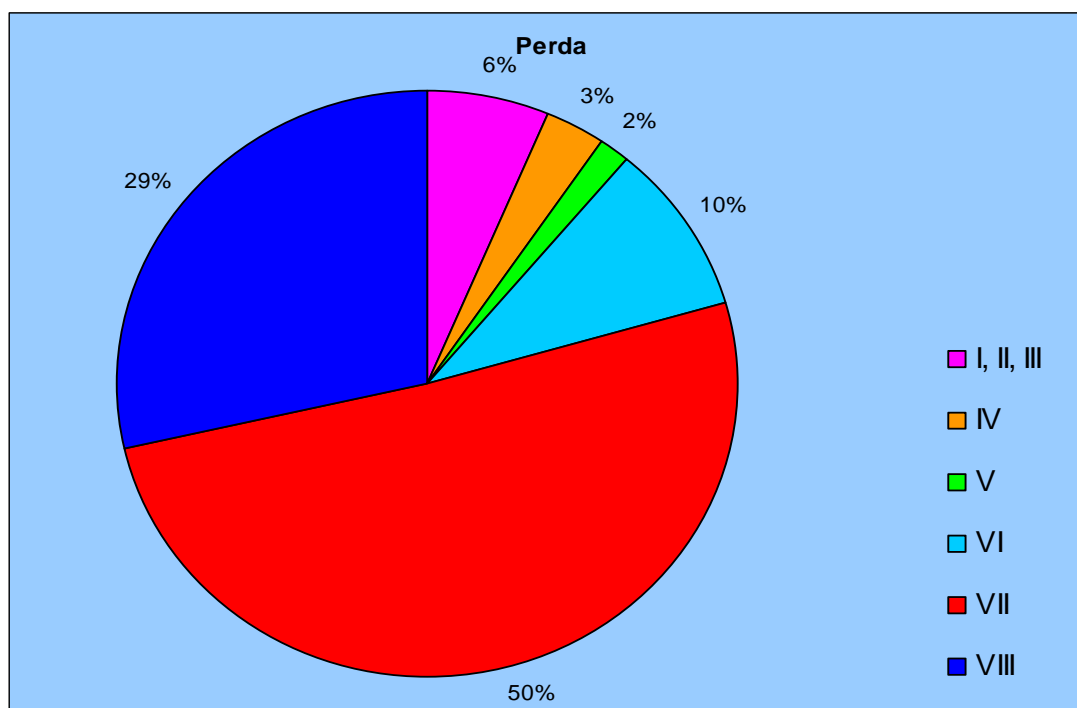


Figura 23 – Distribuição da sub-categoria “Perda” ao longo dos estádios

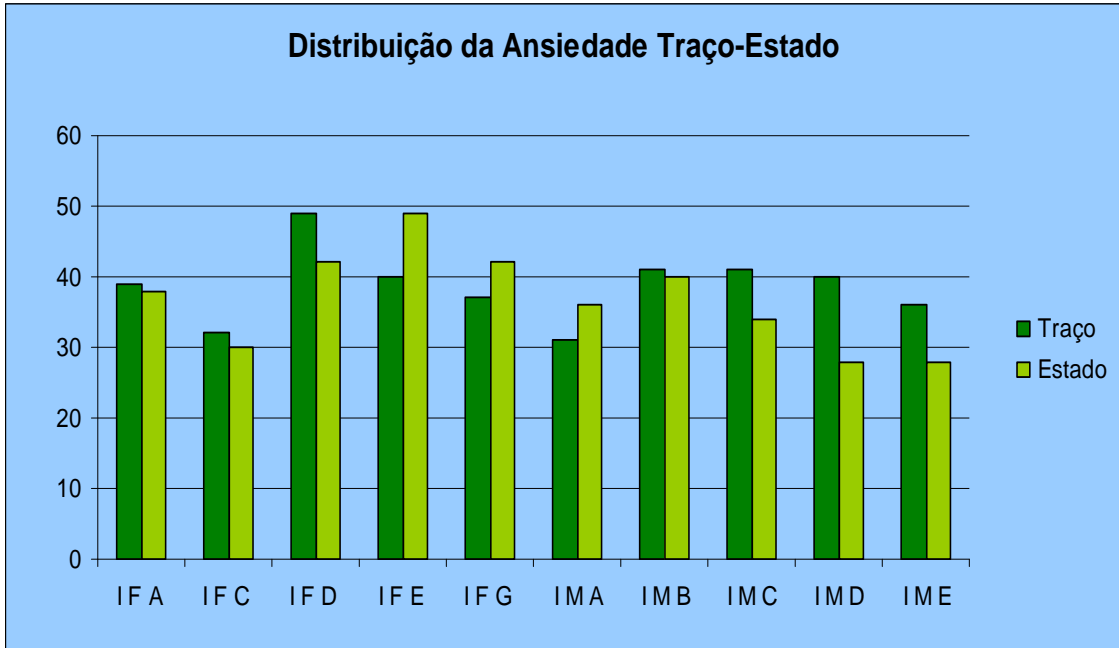


Figura 24 – Distribuição da Ansiedade Traço - Estado

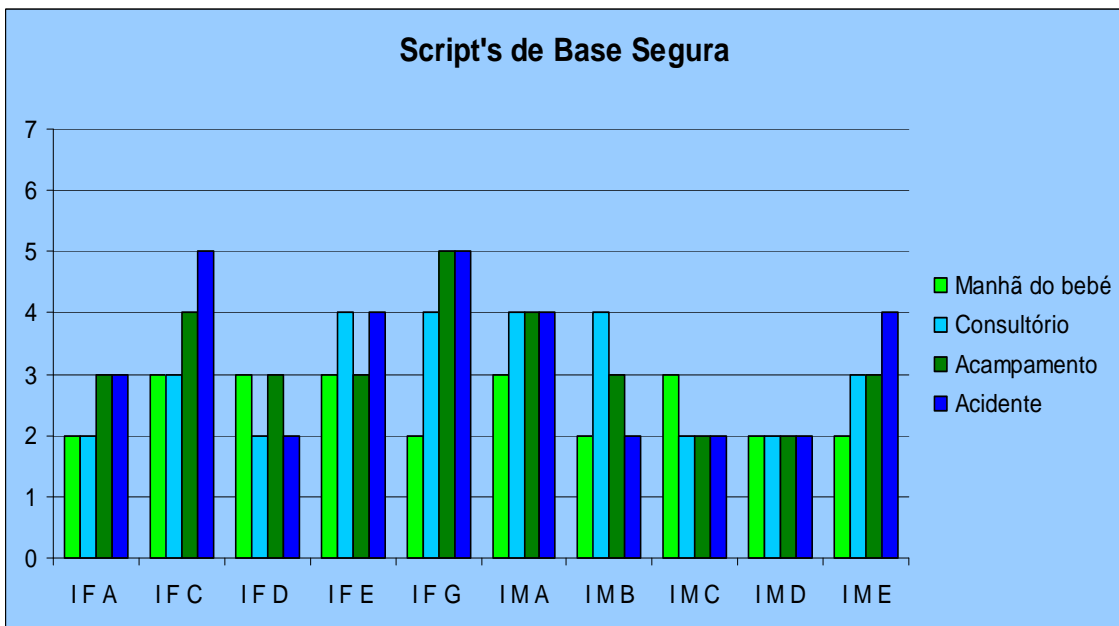


Figura 25 – Distribuição dos Scripts de Base Segura

## ANEXO B

Projecto entregue nas  
Universidades Seniores

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

PROJECTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA  
ÁREA DE CLÍNICA

O medo como entrave à evolução humana  
Como a falha básica influenciou histórias de vidas

Vera Lúcia de Sousa Amaral

Número 12609

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA, ÁREA DE CLÍNICA  
ORIENTADA POR: Prof. Doutor NUNO TORRES

Lisboa, 3 de Maio de 2008

Eu, Vera Lúcia de Sousa Amaral, aluna do 5º ano, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, estou no presente ano a elaborar a minha Dissertação de Mestrado. Sou orientada na cadeira de seminário de mestrado pelo Prof. Dr. Nuno Torres, e venho por este meio, conforme solicitado, apresentar-lhe o meu projecto de investigação que pretende dar-vos a conhecer o trabalho que ando a desenvolver.

Desde já obrigada, pelo interesse e atenção dispensada.

Vera Amaral

Contactos:

Telemóvel – 93 462 20 01

Email: veramaral@gmail.com

## Introdução

O desenvolvimento humano inicia-se com o nascimento, onde o bebé começa por desenvolver laços afectivos aos seus cuidadores, onde o contacto físico como o psicológico com a mãe se revela estritamente importante, em virtude de criar a ponte de comunicação para o mundo.

Segundo as teorias psicodinâmicas de relações de objecto, a primeira relação torna-se num modelo para todas as relações subsequentes. O meu trabalho centra-se num estudo aprofundado sobre como as falhas básicas nesta primeira relação afectiva (Balint, 1968) e na vinculação (Bowlby, 1958) afectam a resolução dos dilemas psicossociais ao longo do percurso de vida do indivíduo (Erikson, 1966). Os conceitos que serão explorados neste estudo focam-se no medo e na procura de felicidade, que afectam as decisões em cada estágio do desenvolvimento humano.

Os estudos nesta vertente do desenvolvimento iniciaram-se com Ferenczi (1928), referindo-se à importância de se dar um significado afectivo nas separações, usando a linguagem da criança, ou seja, a da ternura. Este foi o ponto de partida para os estudos de Balint (1968), que se focaram no *amor primário*, isto é o acto de dar sem exigir nada em troca, que corresponde a um estado primordial, onde se estabelece a confiança no adulto que muitas vezes é assumido na figura materna. Quando este amor primário não se desenvolve devidamente ocorre o que se designa como *falha básica*, que provoca angustia, uma vez que é considerado pela criança como traição na confiança, que deposita no adulto, afectando a sua percepção de porto seguro, uma vez que não considera o vínculo suficientemente sólido para explorar o mundo externo (Bowlby, 1979).

Nesta linha de estudo, seguem-se os comportamentos entre a diade Mãe - Bebé, que consistem em comportamentos inatos à espécie humana, sendo os mesmos: sugar – agarrar – seguir – chorar – sorrir, definindo desta forma a vinculação.

Estes comportamentos constituem a *base primária*, originando sentimentos de segurança no bebé, devido a noção de *proximidade* (Ainsworth, 1989) que este desenvolve como forma de comunicação com a mãe, despertando

comportamentos de resposta na figura vinculativa, diminuindo desta forma a inquietação que o bebé possa demonstrar no tempo de resposta da mãe. Segundo Bowlby (1958), a relação de vinculação constrói-se passo a passo com o desenvolvimento do indivíduo, tendo diferentes fases; contudo o estabelecimento da *vinculação* ocorre entre os 7 e 9 meses.

A teoria psicossocial de Erikson (1966) baseia-se na concepção de que o desenvolvimento ocorre durante toda a vida, dividindo-se em oito estádios, tendo em cada um deles um dilema (conflito) para resolver, envolvendo em cada polaridade uma dimensão negativa ou positiva, sendo induzido pela interacção entre as exigências da sociedade e as características pessoais do indivíduo. Estes dilemas tem como plano de fundo a relação que estabelece com a figura materna e o desenvolvimento dos sentimentos de confiança ou desconfiança (medo e suspeita) na relação que a criança irá ter com terceiros, sendo o primeiro estádio da teoria psicossocial de Erikson (1966) representado pelo dilema psicossocial se centra na resolução da crise entre a confiança e a desconfiança.

Este trabalho visa compreender como a esta relação de confiança ou desconfiança com as figuras vinculativas, e a falha básica nesta relação de amor primário, despoletaram ou não o medo na resolução dos dilemas psicossociais ao longo da vida dos sujeitos, e como influenciaram o seu caminho na procura da felicidade.

**Problema:** Em que ponto as falhas básicas poderão influenciar a vinculação de cada indivíduo, e desta forma afectar a resolução positiva dos dilemas psicossociais ao longo da vida?

## **Método**

### **Delineamento**

Estudo transversal, que consistirá na recolha de histórias de vida, usando uma metodologia de análise qualitativa. Sendo os métodos mais

adequados para compreender como foi vivenciado os diferentes acontecimentos de cada estágio, e como foram sendo resolvidos cada dilema ao longo do percurso de vida do sujeito.

O processo de amostragem define-se como não-probabilístico, assumindo uma amostragem por conveniência.

### **Participantes**

A amostra será constituída por 10 participantes, provenientes de diferentes instituições. Os participantes deste estudo deverão ter mais de 50 anos, permitindo desta forma falarem com a distância suficiente dos acontecimentos que viveram, tendo já passado pelos dilemas psicossociais dos primeiros seis estágios.

### **Procedimento**

Primeiramente é apresentado o pedido de autorização à direcção das instituições e uma carta de consentimento informando para os participantes. Após uma resposta positiva, é de toda a relevância o estabelecimento de um espaço seguro, com condições de confidencialidade para a recolha das histórias de vida. É garantido a confidencialidade e anonimato e entregue os termos de consentimento informado. De seguida é explicado aos participantes, que os dados recolhidos serão usados unicamente para fins de estudo, não sendo posteriormente devolvidos, evitando desta forma a formação de expectativas.

Será seguido o mesmo procedimento em cada recolha de dados dos diferentes indivíduos, consistindo 1) na explicação do objectivo e procedimento da investigação de forma clara esclarecendo todas as dúvidas, 2) leitura e assinatura do termo de consentimento informado, 3) a recolha dos dados com os diferentes instrumentos.

### **Instrumentos**

A metodologia usada é qualitativa, usando o instrumento de entrevista de histórias de vida, e a sua análise de conteúdo.

Será aplicado o Inventário de Estado – Traço de Ansiedade de Spielberger, C.D. (1970), traduzido e adaptado à população portuguesa por Santos, S.C. e Silva, D.R. em 1997, podendo deduzir a existência ou não de traços de ansiedade em cada indivíduo, que possam estar na origem de determinados acontecimentos da sua história de vida. Como também o “*The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representation of secure base experiences*” (Waters, H. & Waters, E., 2006). Por último será apresentado uma questão para responder “O que é a felicidade?”.

#### Alguma Bibliografia

Silva D. (2003) *Inventário de Estado – Traço de Ansiedade: s.t.a.i.* In Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa, 1, 45-63. Lisboa: Quarteto.

Balint, M. (1968) *Basic Fault.* In Essential papers on Borderline disorders: one hundred years at the border. New York, 385 – 409.

Balint, M. (1985) *Primary love and psycho-analytic technique.* London: Maresfield Library.

Bowlby, J. (1960) *Separation anxiety* In International Journal Of Psychoanalysis. - Vol. 41, nº 2/3, p. 89-113.

Erikson, E. (1959) *Identity and the life cycle.* New York: W.W. Norton & Company

#### **Carta de consentimento informado**

Aceito participar no estudo exploratório sobre o desenvolvimento humano com a recolha da minha história de vida.

O objectivo deste estudo é verificar como a falha básica Michael Balint interage na resolução do dilema de cada um dos estádios da Concepção Psicossocial de Erik Erickson.

A participação neste estudo envolve a narração da minha história de vida, como também a narração de histórias vinculativas oralmente, envolve também a realização por escrito da questão “O que é a Felicidade?” e do Inventário de Estado – Traço de Ansiedade de Spielberger.

Estou consciente dos riscos e consequências da minha participação neste estudo, e que, embora envolva essencialmente uma componente emocional íntima, esta será confidencialmente protegida.

Embora seja altamente improvável que esteja exposto a qualquer tipo de riscos participando neste estudo exploratório, irei ser questionado com uma variedade de perguntas acerca da minha vida, das emoções e comportamentos. Algumas das questões poderão forçar-me a confrontar-me com alguns assuntos destas temáticas.

Toda a informação recolhida neste estudo, será mantida confidencial.

Se os resultados desta investigação forem publicados numa revista científica, a minha identidade será mantida no anonimato e apenas os resultados de grupo serão públicos. Não será publicada nenhuma informação individual ou identificativa.

Estou consciente que a minha participação neste estudo é voluntária. Mesmo que inicialmente eu decida participar, posso posteriormente mudar de decisão e desistir em qualquer altura.

A minha assinatura indica que li, compreendi e concordei com a informação contida nesta Declaração de Consentimento. Qualquer dúvida que tinha foi-me esclarecida satisfatoriamente. Se pretender uma cópia desta declaração, ser-me-á facultada.

Data de Investigação:.....

Assinatura do entrevistado:.....

Assinatura do investigador:.....

## Guião da entrevista

### Introdução.

Primeiramente explicar os propósitos da entrevista.

Descontrair o entrevistado

Enquadrar a história do percurso de vida do entrevistado.

Garantir a Confidencialidade e anonimato.

Os pontos que deverão ser focados ao longo da entrevista serão:

### Passado

- Área onde nasceu
- 1** • O contexto social e familiar no momento do nascimento
- O agregado familiar
- As reacções familiares ao nascimento por cada elemento.
- Como foram os primeiros anos de vida
- 2** • Como foram as relações com os pais e irmãos
- A rivalidade entre irmãos
- 3** • Mudanças de locais de residência
- Entrada na escola
- Vivência do antes e do pós 25 de Abril
- 4** • As relações com os amigos e colegas de escola
- A evolução dessas relações na infância e na adolescência
- 5** • Os primeiros amores e as primeiras desilusões
- O termino dos estudos
- A vida militar
- 6** • O primeiro trabalho
- O inicio da relação com actual companheiro
- O nascimento dos filhos como foi vivido, sentido.

**6**

- O crescimento dos filhos
- A entrada dos filhos para a escola
- Novos relacionamentos
- A vivência laboral
- A resistência à frustração

**7**

- Os sonhos de criança, os realizados, os esquecidos
- Projecto de vida
- Entrada na Reforma
- Vivência do dia a dia actual.

Algumas excepções

Vivência da migração

As viagens – como via povos diferentes dos seus.

## Script da Entrevista

1

1. Fale-me da sua vida.
2. Como foram as reacções dos diferentes familiares ao seu nascimento?
3. Como era a zona onde nasceu.
4. (se ficar atrapalhado) como era o ambiente na época em que nasceu, o que se passava na altura do seu nascimento?
5. Como era a situação familiar quando nasceu?
6. Como era vivida a relação com os diferentes membros da família?
7. Quais eram as suas brincadeiras? Costumava brincar com quem? Onde?
8. Como se lembras dos seus primeiros anos de vida? Os episódios mais marcantes? (tanto pela positiva como pela negativa).
9. Dos seus pais, qual deles estava mais na brincadeira consigo? E quem ensinava as regras lá em casa?

2

10. A relação com os irmãos como era sentida por si?
11. Como eram as relações da sua família com os restantes familiares?
12. Como se lembra da sua mãe nos primeiros anos de vida? E do seu pai?
13. As relações com a sua família como foram evoluindo?
14. Como foi vivida a entrada para a escola?
15. Lembra-se do primeiro dia? Pode-me contar o dia?
16. E os primeiros anos na escola? Como decorreram?

3

17. As primeiras relações de amizade como foram vividas?
18. Qual era a sua relação com a Professora? E com os seus colegas?
19. Episódios que foram importantes para si durante estes anos.
20. Quando acabou a primária, o que ocorreu depois? Porquê?
21. Para si foi importante a permanência na escola? **Opcional**
22. Sentiu saudades da escola? **Opcional**

3

23. O motivo de começar logo a trabalhar deveu-se? **Opcional**
24. Quem lhe arranjou o trabalho? **Opcional**
25. Como foram as suas relações com os colegas e amigos (Trabalho ou escola)?
26. Conte-me alguns episódios desse período.
27. Quais foram as figuras mais importantes desses anos? Porquê?
28. Idade dos Amores! Como foram vividos os primeiros amores?
29. Como foi o namoro? Ou os namoros?
30. Conte-me alguns episódios dessa altura.
31. Os pais aprovavam? Porquê?

4

32. As primeiras desilusões? Como foram vividas por si? **Opcional**
33. Quando terminou os estudos, como se sentia?
34. O que seguiu? Porquê?
35. Como foi vivido o período da tropa?
36. Conte-me como foi o regresso.
37. Quais são as lembranças mais marcantes para si desse tempo?

5

38. Os primeiros trabalhos. O que fazia?
39. Gostava do que fazia? Porquê?
40. O casamento foi vivido como?
41. Os primeiros anos antes do nascimento dos filhos.
42. Como foram vividos os nascimentos dos filhos? De cada um.
43. O que os diferencia nos seus filhos? São mais parecidos com quem?
44. Como foi o crescimento dos filhos?

6

45. Conte-me alguns episódios mais marcantes do crescimento dos seus filhos?
46. O divórcio como foi vivido para si? Porquê? **Opcional**

47. As reacções dos seus filhos? **Opcional**

48. Como as viveu? **Opcional**

49. Que valores transmitiu aos seus filhos? Porquê?

50. Voltando ao trabalho, como foi conciliando os diferentes momentos da vida pessoal com a profissão?

6

51. Como foi evoluindo profissionalmente?

52. Nesses anos tinha algum hobby? Porquê? **Opcional**

53. As suas viagens foram onde? E porquê esses locais? **Opcional**

54. A vivência da reforma, como viveu os últimos dias de trabalho? (Os familiares)

7

55. Os primeiros dias da reforma? E agora? (Os familiares)

56. Como pensa viver os próximos anos?

57. As suas relações actuais? Como as vive?

58. Os amigos. Como vive agora com os amigos?

59. E os seus hobbies?

60. Quais eram os seus sonhos de Criança? Porquê?

61. Realizou algum? Quais? Porquê?

62. Como enquadrou os seus sonhos de criança com o seu projecto de vida?

63. Quais foram os momentos mais felizes na sua vida? Porquê?

64. Agora neste momento ao analisar a sua vida mudava alguma coisa? Porquê?

ANEXO C  
Instrumentos

## ANEXO C.1

STAI

Inventário Traço – Estado de Ansiedade  
(Spielberger, 1994)

## Questionário de Auto-avaliação

## STAI

Nome \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_ Data do nascimento \_\_\_\_\_

Naturalidade \_\_\_\_\_ Est. Civil \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_

Nível de Instrução \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Ocupação actual \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_

Data da Prova \_\_\_\_\_

Apurador \_\_\_\_\_

Examinador \_\_\_\_\_

**Instruções**

Nas páginas seguintes há dois questionários para você responder.  
Trata-se de algumas afirmações que têm sido usadas para descrever sentimentos pessoais.  
Não há respostas certas nem erradas.

Leia com toda atenção cada uma das perguntas da Parte I e assinale com um círculo um dos números (1, 2, 3, 4), à direita de cada afirmação, de acordo com a Instrução do alto da página.  
Quando terminar, passe à Parte II e proceda do mesmo modo, depois de ler o seu cabeçalho.

NÃO VIRE A PÁGINA ANTES DE RECEBER ORDEM  
TRABALHE RÁPIDO POREM SEM PRECIPITAÇÕES

## Parte I

Leia cada pergunta e faça um círculo em redor do número à direita que melhor indicar como é que você geralmente se sente.

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar a resposta que mais se aproximar de como você se sente geralmente.

	Avaliação			
Quase sempre	4	Às vezes	2	
Frequentemente	3	Quase nunca	1	
1. Sinto-me calmo (a)	1	2	3	4
2. Sinto-me seguro (a)	1	2	3	4
3. Estou tenso (a)	1	2	3	4
4. Estou arrependido (a)	1	2	3	4
5. Sinto-me à vontade	1	2	3	4
6. Sinto-me perturbado (a)	1	2	3	4
7. Estou preocupado (a) com possíveis infortúnios	1	2	3	4
8. Sinto-me descansado (a)	1	2	3	4
9. Sinto-me ansioso (a)	1	2	3	4
10. Sinto-me em casa	1	2	3	4
11. Sinto-me confiante	1	2	3	4
12. Sinto-me nervoso (a)	1	2	3	4
13. Estou agitado (a)	1	2	3	4
14. Sinto-me uma pilha de nervos	1	2	3	4
15. Estou descontraído (a)	1	2	3	4
16. Sinto-me satisfeito (a)	1	2	3	4
17. Estou preocupado (a)	1	2	3	4
18. Sinto-me superexcitado (a) e confuso (a)	1	2	3	4
19. Sinto-me alegre	1	2	3	4
20. Sinto-me bem	1	2	3	4

Parte II

Leia cada pergunta e faça um círculo em redor do número à direita que melhor indicar como é que você geralmente se sente.

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar a resposta que mais se aproximar de como você se sente geralmente.

	Avaliação			
Quase sempre	4	Às vezes	2	
Frequentemente	3	Quase nunca	1	
1. Sinto-me bem	1	2	3	4
2. Canso-me facilmente	1	2	3	4
3. Tenho vontade de chorar	1	2	3	4
4. Gostaria de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser	1	2	3	4
5. Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente	1	2	3	4
6. Sinto-me descansado (a)	1	2	3	4
7. Sou calmo (a), ponderado (a) e senhor (a) de mim mesmo (a)	1	2	3	4
8. Sinto que as dificuldades se estão a acumular de tal forma que não consigo resolver	1	2	3	4
9. Preocupo-me demais com coisas sem importância	1	2	3	4
10. Sou feliz	1	2	3	4
11. Deixo-me afectar muito pelas coisas	1	2	3	4
12. Não tenho muita confiança em mim mesmo (a)	1	2	3	4
13. Sinto-me seguro (a)	1	2	3	4
14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas	1	2	3	4
15. Sinto-me deprimido (a)	1	2	3	4
16. Estou satisfeito (a)	1	2	3	4
17. Às vezes, ideias sem importância entram-me na cabeça e ficam a preocupar-me	1	2	3	4
18. Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça	1	2	3	4
19. Sou uma pessoa estável	1	2	3	4
20. Fico tenso (a) e perturbado (a) quando penso nos meus problemas do momento	1	2	3	4

## ANEXO C.2

Script de Base Segura  
(Waters & Waters, 2006)

## A Manhã do Bebê

Mãe	Abrço	Urso de Peluche
Bebé	Sorriso	Perda
Brincadeira	História	Encontro
Cobertor	Fingir	Sesta

**No Consultório do Médico**

António

Pressa

Mãe

Bicicleta

Médico

Brinquedo

Ferida

Choro

Parar

Mãe

Injecção

Segurar

## A Manhã do Bebê

Pai	Abraço	Urso de Peluche
Bebé	Sorriso	Perda
Brincadeira	História	Encontro
Cobertor	Fingir	Sesta

**No Consultório do Médico**

António

Pressa

Pai

Bicicleta

Médico

Brinquedo

Ferida

Choro

Parar

Pai

Injecção

Segurar

## O Acampamento da Joana e do Pedro

Joana

Tenda

Fogueira

Pedro

Vento

Sombra

Bagagem

Queda

Barulho

Pressa

Preocupação

Abraço

## O Acidente da Susana

Susana

Espera

Casa

Estrada

Miguel

Jantar

Acidente

Lágrimas

Cama

Hospital

Médico

Abraço

## O Passeio no Parque

Rita

Baloiços

Cansaço

Bicicleta

Tapete de Areia

Sentar

Parque Infantil

Jogo

Banda Desenhada

Amigo(a)

Correr

Coca-Cola

## Uma Tarde nas Compras

Ana

Passear

Fome

Carro

Comprar

Comida

Centro Comercial

Dinheiro

Conversa

Amigo(a)

Prenda

Casa

## ANEXO C.3

*“O que é a Felicidade?”*

(Veenhoven, 1995)



## ANEXO C.4

Guião da entrevista semi-directiva  
História de Vida  
(Atkinson, 2002).

1. Fale-me da sua vida.
2. Como foram as reacções dos diferentes familiares ao seu nascimento?
3. Como era a zona onde nasceu.
4. (se ficar atrapalhado) como era o ambiente na época em que nasceu, o que se passava na altura do seu nascimento?
5. Como era a situação familiar quando nasceu?
6. Como era vivida a relação com os diferentes membros da família?
7. Quais eram as suas brincadeiras? Costumava brincar com quem? Onde?
8. Como se lembras dos seus primeiros anos de vida? Os episódios mais marcantes? (tanto pela positiva como pela negativa).
9. Dos seus pais, qual deles estava mais na brincadeira consigo? E quem ensinava as regras lá em casa?
10. A relação com os irmãos como era sentida por si?
11. Como eram as relações da sua família com os restantes familiares?
12. Como se lembra da sua mãe nos primeiros anos de vida? E do seu pai?
13. As relações com a sua família como foram evoluindo?
14. Como foi vivida a entrada para a escola?
15. Lembra-se do primeiro dia? Pode-me contar o dia?
16. E os primeiros anos na escola? Como decorreram?
17. As primeiras relações de amizade como foram vividas?
18. Qual era a sua relação com a Professora? E com os seus colegas?
19. Episódios que foram importantes para si durante estes anos.
20. Quando acabou a primária, o que ocorreu depois? Porquê?
21. Para si foi importante a permanência na escola? **Opcional**
22. Sentiu saudades da escola? **Opcional**
23. O motivo de começar logo a trabalhar deveu-se? **Opcional**

24. Quem lhe arranhou o trabalho? **Opcional**
25. Como foram as suas relações com os colegas e amigos (Trabalho ou escola)?
26. Conte-me alguns episódios desse período.
27. Quais foram as figuras mais importantes desses anos? Porquê?
28. Idade dos Amores! Como foram vividos os primeiros amores?
29. Como foi o namoro? Ou os namoros?
30. Conte-me alguns episódios dessa altura.
31. Os pais aprovavam? Porquê?
32. As primeiras desilusões? Como foram vividas por si? **Opcional**
33. Quando terminou os estudos, como se sentia?
34. O que seguiu? Porquê?
35. Como foi vivido o período da tropa?
36. Conte-me como foi o regresso.
37. Quais são as lembranças mais marcantes para si desse tempo?
38. Os primeiros trabalhos. O que fazia?
39. Gostava do que fazia? Porquê?
40. O casamento foi vivido como?
41. Os primeiros anos antes do nascimento dos filhos.
42. Como foram vividos os nascimentos dos filhos? De cada um.
43. o que os diferencia nos seus filhos? São mais parecidos com quem?
44. Como foi o crescimento dos filhos?
45. Conte-me alguns episódios mais marcantes do crescimento dos seus filhos?
46. O divórcio como foi vivido para si? Porquê? **Opcional**
47. As reacções dos seus filhos? **Opcional**

48. Como as viveu? **Opcional**
49. Que valores transmitiu aos seus filhos? Porquê?
50. Voltando ao trabalho, como foi conciliando os diferentes momentos da vida pessoal com a profissão?
51. Como foi evoluindo profissionalmente?
52. Nesses anos tinha algum hobbie? Porquê? **Opcional**
53. As suas viagens foram onde? E porquê esses locais? **Opcional**
54. A vivência da reforma, como viveu os últimos dias de trabalho? (Os familiares)
55. Os primeiros dias da reforma? E agora? (Os familiares)
56. Como pensa viver os próximos anos?
57. As suas relações actuais? Como as vive?
58. Os amigos. Como vive agora com os amigos?
59. E os seus hobbies?
60. Quais eram os seus sonhos de Criança? Porquê?
61. Realizou algum? Quais? Porquê?
62. Como enquadrou os seus sonhos de criança com o seu projecto de vida?
63. Quais foram os momentos mais felizes na sua vida? Porquê?
64. Agora neste momento ao analisar a sua vida mudava alguma coisa? Porquê?

## ANEXO D

Tabela de Resultados.